

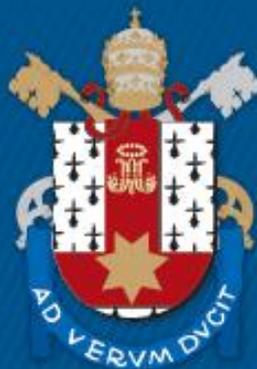
ESCOLA DE MEDICINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GERONTOLOGIA BIOMÉDICA
MESTRADO EM GERONTOLOGIA BIOMÉDICA

KARINA LAUX SCHUTZ

QUEM VEIO HOJE?
PERCEPÇÃO DE IDOSOS RESIDENTES DE INSTITUIÇÕES DE LONGA
PERMANÊNCIA (ILP) SOBRE AS ATIVIDADES ASSISTIDAS COM ANIMAIS

PORTO ALEGRE
2020

PÓS-GRADUAÇÃO - STRICTO SENSU



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

KARINA LAUX SCHUTZ

QUEM VEIO HOJE?

PERCEPÇÃO DE IDOSOS RESIDENTES DE INSTITUIÇÕES DE LONGA
PERMANÊNCIA (ILP) SOBRE AS ATIVIDADES ASSISTIDAS COM ANIMAIS

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do título de mestre em cumprimento às exigências do Programa de Pós-Graduação em Gerontologia Biomédica da Escola de Medicina da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Linha de pesquisa: Aspectos Clínicos e Emocionais no Envelhecimento

Orientador: Prof. Dr. Newton Luiz Terra

Porto Alegre

2020

KARINA LAUX SCHUTZ

QUEM VEIO HOJE?

PERCEPÇÃO DE IDOSOS RESIDENTES DE INSTITUIÇÕES DE LONGA
PERMANÊNCIA (ILP) SOBRE AS ATIVIDADES ASSISTIDAS COM ANIMAIS

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do título de mestre em cumprimento às exigências do Programa de Pós-Graduação em Gerontologia Biomédica da Escola de Medicina da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Linha de pesquisa: Aspectos Clínicos e Emocionais no Envelhecimento

Aprovada em: 30 de junho de 2020.

Prof. Dr. Newton Luiz Terra - PUCRS
(Orientador)

Profa. Dra. Irani de Lima Argimon - PUCRS

Profa. Dra. Tatiana Quarti Irigaray - PUCRS

Prof. Dr. Alfredo Cataldo Neto - PUCRS
(Suplente)

Ficha Catalográfica

S396q Schutz, Karina Laux

Quem veio hoje? Percepção de idosos residentes de instituições de longa permanência (ILP) sobre as atividades assistidas com animais / Karina Laux Schutz . – 2020.

114 f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Gerontologia Biomédica, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Newton Luiz Terra.

1. Atividades Assistidas com Animais. 2. Idosos. 3. Instituições de Longa Permanência de Idosos. 4. Pet Terapia. 5. Intervenções Assistidas com Animais. I. Terra, Newton Luiz. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bibliotecária responsável: Clarissa Jesinska Selbach CRB-10/2051

*“Comece fazendo o que é necessário,
depois o que é possível,
e, de repente, você estará fazendo o impossível.”*

*“Ninguém é suficientemente perfeito,
que não possa aprender com o outro,
e ninguém é totalmente estruído de valores
que não possa ensinar algo ao seu irmão.”*

“Apenas um raio de sol é suficiente para afastar várias sombras.”

(Francisco de Assis)

*Ao meu pai, Prof. Dr. Paulo
Schutz, que, mesmo lá no “sétimo
céu”,
serve como minha inspiração de
que os estudos não podem parar.
Obrigada por sua contribuição
através das intuições.*

*A todas as ILPIs pelas quais já
passei e pelas quais ainda irei
passar com os meus
coterapeutas.*

*Que esse trabalho possa ser o
impulso e o exemplo do poder que
os animais têm de transformar
esses ambientes, e que
possamos, quem sabe um dia, ter,
definitivamente, as portas abertas
sem preconceito e com muita
responsabilidade e amor.*

AGRADECIMENTOS

Esse tópico é opcional para escrever, mas como deixaria de lado a GRATIDÃO por tudo que vivi, aprendi e vivenciei com esta pesquisa? Impossível! Então lá vai texto longo, porque tenho motivos de sobra para agradecer aqui!

Gratidão a Francisco de Assis e a toda equipe espiritual que estive ao meu lado em cada momento desta jornada, assentando flores de jasmim em solo arenoso para que eu pudesse sentir a sua companhia e ter a confiança para prosseguir, contornando os momentos de dificuldade de maneira tão suave e ponderada. Hoje sei o quanto foi necessário ser da forma como foi conduzido e o quanto eu aprendi com todas as flores descartadas no deserto.

Gratidão à minha família, em especial aos meus amores, Rodrigo (esposo) e Francisco (filho), que se fizeram presentes desde o início desta etapa. Francisco anunciou sua chegada logo depois que eu soube que havia passado no processo seletivo. Se comportou a bordo sem me deixar enjoar em nenhum momento deste processo, se mantendo calmo e muito companheiro, não me deixando sozinha em momento algum. E quanto ao Rodrigo... Ah, esse é o marido perfeito! Meu outro lado da moeda! Segurou firme comigo, me impulsionando, me incentivando, me acolhendo, me chamando a atenção, me ensinando e, acima de tudo, me amando! AMO VOCÊS!

Aos meus animais coterapeutas, que foram e seguem sendo vistos – disparado – como o melhor exemplo de colega de trabalho que eu poderia ter! Foram muitas as vezes em que eu estava cansada e sem ânimo e era só eu olhar para o lado que ali estava um de vocês (em especial a minha filha Tikinha) e minhas empolgação e inspiração voltavam! Estou apenas no início do caminho, e vocês estarão comigo por onde eu for, pois essa missão não é só minha! GRATIDÃO imensa por ter vocês comigo!

Aos meus eternos e maiores professores, os idosos, com os quais tive o prazer de conviver! Quantas histórias, quanto aprendizado, quanta inspiração eu tive e seguirei tendo ao lado de vocês! Obrigada por compartilhar suas vidas comigo e permitir que eu pudesse conviver com tantos ensinamentos! Vocês são a prova concreta de que a vida começa a todo instante!

Às ILPIs que recebem, aceitam e, acima de tudo, acreditam no poder transformador de um animal de Pet Terapia. Obrigada, de coração, por terem aceitado com prontidão contribuir para a realização deste estudo. O mundo está mudando e vocês estão vendo isso!

Ao meu orientador, Prof. Dr. Newton Luiz Terra, por ter aceitado o desafio, negado por muitos, de orientar meu trabalho. Se não fosse você aceitar, eu não estaria aqui.

Ao amigo de minha família, Prof. Dr. Claus Stobaus, por ter estendido sua mão e, percebendo que eu precisava do braço todo, me deu logo seu ombro para eu realmente chorar e, assim, desse desabafo, me inspirar na elaboração do projeto! Jamais vou esquecer nossa conversa na tua sala, *Alemón!*

À Patrícia Azevedo, que aceitou me auxiliar na realização deste trabalho. Foste minha bússola, auxiliando no rumo certo da concretização deste sonho!

Às minhas sempre amigas, Bruna Borba Neves, Ivana Teixeira e Valéria Gonzatti. Bruninha: Você ocupou seu tempo como minha pesquisadora auxiliar e em tantos momentos, acolhendo as angústias e incertezas que esta caminhada de mestrado proporcionou. No final, nos últimos minutinhos antes de entregar para a homologação, servistes de ombro amparando meus anseios e inseguranças. Demonstrastes o verdadeiro significado da palavra AMIGO. Ivana e Val: me auxiliaram trazendo seus pontos de vista e contribuindo para a finalização da dissertação! Foi muito importante! Vocês 3 são o verdadeiro exemplo que pesquisa não se faz sozinho! **VALEU, GURIAS!!**

A todos os demais colegas que me auxiliaram, e muito, principalmente no final do primeiro semestre.

Às queridíssimas Samanta Lay e Nair Mônica, que nunca deixaram de me responder e auxiliar, mesmo quando as perguntas eram as mais óbvias, tornando menos trabalhoso o meu percurso. GRATIDÃO!

Aos apoiadores da Pet Terapeuta – Bicho Ajudando Gente! – que me acompanham desde o início na caminhada da Pet Terapia aqui no Rio Grande do Sul. Sem eles, eu JAMAIS teria alcançado o espaço que hoje tenho com tanto respeito. Se mantiveram ao meu lado mesmo eu estando distante nestes dois anos. Isso é parceria! Esses frutos são vossos! Trabalhar com animais, além de ser trabalhar com amor, é trabalhar com qualidade de vida, com respeito, com

responsabilidade e segurança. E poder contar com vocês faz toda a diferença, pois sinto isso em meus animais. Gratidão a Clínica Veterinária Toca dos Bichos, Bayer, Hill's Pet Nutrition e MSD – Saúde Animal!

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – Brasil – Código de Financiamento 001, número do processo 88887.176226/2018-00, através de uma bolsa integral.

A todos vocês, GRATIDÃO ETERNA!

RESUMO

A presente dissertação visou identificar as apreciações das atividades assistidas com animais(AAAs) em idosos residentes de instituições de longa permanência para idosos (ILPIs). Para tanto, foi feita uma seleção dos residentes que participaram da pesquisa através do Mini-Exame do Estado Mental. Os indivíduos selecionados (7 mulheres e 3 homens, com idades entre 64 e 89 anos) responderam a um questionário sociodemográfico e a uma entrevista semiestruturada, com questões envolvendo a percepção da inserção de animais na instituição, os sentimentos/emoções gerados pela interação e a preferência por determinados animais (participaram deste estudo: cachorro, ave e coelho). Esta investigação caracteriza-se como uma abordagem qualitativa e quantitativa complementar e utilizou a técnica de Análise de Conteúdo (BARDIN, 2016) para o tratamento dos dados oriundos das entrevistas e do diário de campo. Foram encontradas cinco categorias que emergiram das falas dos idosos participantes do estudo. São elas: “afeto”, “lembranças”, “importância”, “preferência por determinado animal” e “medo”. A presente pesquisa conseguiu descrever, através das falas dos participantes, a percepção e os sentimentos despertados pelos idosos residentes de ILPIs através das atividades feitas com animais dentro dos locais. Igualmente, a pertinência desta investigação se justifica por demonstrar os efeitos positivos dessa atividade para as ILPIs, destacando-se a importância de um profissional capacitado e de animais selecionados de forma adequada.

Palavras-chave: Atividades assistidas com animais. Idosos. Instituição de Longa Permanência de Idosos. Pet Terapia. Intervenções assistidas com animais. Terapia assistida com animais.

ABSTRACT

The present dissertation aims to identify as appreciations of activities assisted by animals (AAAs) in elderly residents in long-term care institutions for the elderly (ILPIs). For that, a selection of residents was made that registered the research through the Mini-Mental State Examination. Those selected (7 women and 3 men, aged between 64 and 89 years old) answered a sociodemographic questionnaire and a semi-structured interview, with questions about the recovery of the insertion of animals in the institution, the feelings / emotions generated by the interaction and preference for animals selected (including this study: dog, bird and rabbit). This investigation describes as a complementary qualitative and quantitative approach and used by the Content Analysis technique (BARDIN, 2016) for processing data from interviews and field diaries. Five categories were found that emerged from the statements of the elderly participants in the study. They are: "affection", "memories", "importance", "preference for a certain animal" and "fear". This research was able to describe, through the speeches of the participants, the participation and feelings aroused by the elderly residents of ILPIs, through activities carried out with animals inside the places. Equally, a pertinence of this investigation is justified by demonstrating the negative effects of this activity for LTCFs, highlighting the importance of a trained professional and appropriately selected animals.

Keywords: Animal Assisted Activities. Aged. Long-Term Care Institution for the Elderly. Pet Therapy. Animal Assisted Interventions. Animal Assisted Therapy.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Tempo de Permanência na ILPI.....	51
Gráfico 2 – Animais de estimação que os idosos já tiveram.....	57
Gráfico 3 – Localização dos animais na moradia.....	58
Gráfico 4 – Relação dos idosos com animais antes da ILPI.....	59
Gráfico 5 – Sentimentos expressos.....	60
Gráfico 6 – Relação dos idosos com animais após a Pet Terapia.....	62
Gráfico 7 – Presença dos animais na ILPI.....	63

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Levantamento Bibliográfico Dissertações e Teses.....	42
Quadro 2 – Dissertações e Teses sobre Pet Terapia com Idosos.....	42
Quadro 3 – Identificação dos participantes do estudo.....	49
Quadro 4 – Quantidade de animais de estimação que os idosos tiveram ao longo da vida.....	56
Quadro 5 – Animais de estimação que os idosos já tiveram.....	57
Quadro 6 – Emoções/Sentimentos.....	60
Quadro 7 – Importância das AAAs, na visão dos idosos pesquisados, nas ILPIs..	64
Quadro 8 – Categoria “Afeto”	74
Quadro 9 – Categoria "Preferência".....	83
Quadro 10 – Respostas da participante S7.....	89

LISTA DE SIGLAS

AAA – *Animal Assisted Activity*

AAA – Atividades assistidas com animais

AAI – *Animal Assisted Intervention*

AAT – *Animal Assisted Therapy*

AVD – Atividade de Vida Diária

AVE – Acidente Vascular Encefálico

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CDC – Centers for Disease Control and Prevention

CELADE – Centro Latinoamericano y Caribeño de Demografía

EUA – Estados Unidos da América

GC – Grupo Controle

GE – Grupo Experimental

GI – Grupo Intervenção

IAA – Intervenções assistidas com animais

IAHAIO – International Association of Human-Animal Interaction Organizations

IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ILPI – Instituição de Longa Permanência de Idosos

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

MEEM – Mini exame do Estado Mental (Mini Mental)

MG – Minas Gerais

OMS – Organização Mundial da Saúde

OPAS – Organização Pan-Americana de Saúde

PB – Paraíba

PUC-RS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

PUC-SP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

RA – Residencial A

RB – Residencial B

RC – Residencial C

RS – Rio Grande do Sul

SP – São Paulo

SRD – Sem Raça Definida

TAA – Terapia assistida com animais

TCC – Terapia Cognitivo-Comportamental

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFPeI – Universidade Federal de Pelotas

UFSCar – Universidade Federal de São Carlos

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	18
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	23
2.1 O ENVELHECIMENTO	23
2.2 INSTITUIÇÕES DE LONGA PERMANÊNCIA DE IDOSOS (ILPIS)	24
2.3 RELAÇÃO HOMEM-ANIMAL.....	26
2.4 INTERVENÇÕES ASSISTIDAS COM ANIMAIS COM IDOSOS.....	27
2.5 ANÁLISE DE ALGUNS ESTUDOS	31
2.5.1 A INTERVENÇÃO ASSISTIDA POR ANIMAIS E IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS EM CONTEXTO INTERNACIONAL	31
2.5.2 A INTERVENÇÃO ASSISTIDA POR ANIMAIS E IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS EM CONTEXTO BRASILEIRO.....	35
2.5.3 TESES E DISSERTAÇÕES BRASILEIRAS SOBRE O TEMA	41
3 ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	44
3.1 QUESTÕES NORTEADORAS.....	44
3.2 OBJETIVOS.....	44
3.2.1 OBJETIVO GERAL	44
3.2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	44
3.3 CONTEXTO DA PESQUISA.....	45
3.4 DELINEAMENTO DO ESTUDO.....	47
3.5 POPULAÇÃO E AMOSTRA.....	48
3.6 CRITÉRIOS.....	52
3.6.1 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO	52
3.6.2 CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO.....	52
3.7 INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO	53
3.7.1 MINI-EXAME DO ESTADO MENTAL (MINI-MENTAL - MEEM)	53
3.7.2 QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO.....	53
3.7.3 ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS	54
3.7.4 DIÁRIO DE CAMPO	54
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO.....	56
4.1 APROXIMAÇÃO COM O PÚBLICO-ALVO DA PESQUISA: OS IDOSOS E SUA RELAÇÃO COM OS ANIMAIS	56

4.2 CATEGORIAS DE ANÁLISE.....	65
4.3 DISCUSSÃO	67
4.3.1 AFETO.....	68
4.3.2 LEMBRANÇAS	76
4.3.3 IMPORTÂNCIA	79
4.3.4 PREFERÊNCIA POR DETERMINADO ANIMAL.....	82
4.3.5 MEDO	87
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	91
REFERÊNCIAS.....	94
APÊNDICE 1 – CARTA DE AUTORIZAÇÃO PARA A INSTITUIÇÃO.....	102
APÊNDICE 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE).....	103
APÊNDICE 3 – QUESTIONÁRIO SÓCIODEMOGRÁFICO IDOSO.....	106
APÊNDICE 4 – QUESTIONÁRIO DE APROXIMAÇÃO E ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM O IDOSO.....	107
ANEXO 1 – MINIEXAME DO ESTADO MENTAL.....	108
ANEXO 2 – PARECER SIPESQ PUCRS.....	110
ANEXO 3 – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP.....	111

1 INTRODUÇÃO

O aumento da população de idosos no mundo tem despertado o interesse por mais estudos com este grupo e, conseqüentemente, maiores avanços científicos, gerando melhorias na sua qualidade de vida e reduzindo a taxa de mortalidade (COIMBRA *et al.*, 2010; CELADE, 2012). Atualmente, a população brasileira está perto dos 211 milhões de habitantes. Destes 211, aproximadamente 30,2 milhões já ultrapassaram os 60 anos. Em 2012, a população com 60 anos ou mais era de 25,4 milhões. Esse número corresponde a aproximadamente 14% da população. No Brasil, o número de idosos aumentou, em relação a população total, de 5,1%, em 1991, para 5,8%, em 2000, e, para 7,2%, em 2010, representando um total de aproximadamente 20 milhões de idosos. As projeções estatísticas para 2025 é de que teremos 33 ou 34 milhões de idosos, o que deverá corresponder a 16% da população total. Esse aumento progressivo da população idosa também ocorreu no estado do Rio Grande do Sul: nos anos 80, os idosos representavam 7,2% da população total do estado, aumentando para 10,5%, em 2000, e para 13,6%, em 2010. Entre as capitais brasileiras, Porto Alegre é a segunda cidade com o maior número de idosos, totalizando 11% da população total, perdendo apenas para o Rio de Janeiro, com 12% (IBGE, 2018; 2019).

Apesar de o envelhecimento populacional ser considerado uma grande conquista mundial, e, também, uma realidade desafiante, pois existe um aumento gradativo da morbimortalidade por doenças crônicas e não transmissíveis; ainda se observa muitos idosos desenvolvendo perda gradativa da capacidade funcional, quadro característico de envelhecimento (MALHEIRO, 2012). Além disso, essa população acaba apresentando um grau de fragilidade maior, no qual o sedentarismo, muitas vezes, predomina, ocasionando doenças incapacitantes associadas à idade e ao estilo de vida. São necessários, muitas vezes, cuidados específicos de uma equipe multidisciplinar, composta de profissionais qualificados para lidar com as diferentes demandas desses indivíduos em seu dia a dia. Entretanto, o custo para manter essa estrutura única para um idoso acaba sendo cara, devendo-se considerar, igualmente, a necessidade de atendimento especializado, o que faz muitas famílias buscarem locais que disponham de recursos para atendê-los.

A partir disso, surgem as instituições de longa permanência de idosos (ILPIs), conhecidas também como clínicas ou residenciais geriátricos. Esses locais oferecem serviços nas áreas social, médica, psicológica, de enfermagem, fisioterapia, educação física, terapia ocupacional, odontologia, entre outras, conforme as necessidades desse grupo etário (MALHEIRO, 2012). Cada ILPI dispõe de serviços que acredita ser benéficos e prioritários ao seu público. Muitas recorrem, inclusive, a outras atividades que reforçam a recuperação e a manutenção das funções cognitivas e funcionais, despertando melhora na autoestima e bem-estar dos residentes. Dessa forma, é essencial implementar ações que sensibilizem o idoso e fortaleçam sua autonomia, promovendo mais saúde aos indivíduos institucionalizados. Vários são os métodos que podem ser utilizados pelos profissionais da área de saúde. Atualmente, uma série de novas habilidades surge para auxiliar na conquista de resultados significativos quanto ao bem-estar desse grupo.

Concomitantemente ao crescente aumento da população idosa, tem se mostrado crescente, no Brasil, o aumento da população de animais de estimação. Essa aproximação é tão grande que o IBGE incluiu, em 2013, na Pesquisa Nacional de Saúde, o levantamento sobre o número de animais de estimação por casa no Brasil. Criou-se o Censo Pet. Segundo a Associação Brasileira de Indústrias de Produtos para Animais de Estimação (ABINPET, 2020):

O Brasil tem a segunda maior população de cães, gatos e aves em todo o mundo e é o terceiro maior país em população total de animais de estimação. São 54,2 milhões de cães, 23,9 milhões de gatos, 19,1 milhões de peixes, 39,8 milhões de aves e mais 2,3 milhões de outros animais. O total é de 139,3 milhões de *pets*, o que demonstra a força potencial do nosso setor na economia brasileira.

De maneira geral, os animais de estimação têm ocupado um espaço muito importante na vida das famílias no mundo todo. Percebe-se que, cada vez mais, as pessoas estão buscando um companheiro *pet* – sendo ele cão, gato, ave, coelho, entre outros – para suprir, muitas vezes, um espaço considerado vazio em suas vidas. Assim, por sua companhia, este acaba ocupando um papel em que, muitas vezes, é considerado um membro da família (MCCARDLE *et al.*, 2017).

Mas qual a razão de relacionar animais de estimação com idosos? É aí que surge a temática da presente pesquisa. Os idosos são bons representantes da população que se beneficia com a companhia de animais. Muitos adquirem um cachorro ou gato para se ocupar com as demandas que os animais apresentam. É uma forma de passar o tempo e preencher o espaço muitas vezes gerado pela saída dos filhos de casa (DAVIS, 2002; FINE, 2014). Sem condições de cuidarem de si, entretanto, muitos idosos acabam indo morar em ILPIs e, na maioria das vezes, o *pet* não pode acompanhá-los, forçando-se a quebra de um vínculo já estabelecido, o que deixa o idoso desanimado, podendo até desencadear um processo depressivo (GARBER, 2000; FINE, 2014; BERGLER, 2000).

Existem evidências positivas sobre a utilização de animais na reabilitação e na recuperação da autoestima e autonomia de idosos. Por isso, muitas instituições estão aderindo às intervenções assistidas com animais (IAAs), também conhecidas por “Pet Terapia” (CHANDLER, 2012). Em estudos envolvendo a presença de cães em residenciais geriátricos, por exemplo, constatou-se que houve um aumento significativo nas interações verbais dos moradores. A investigação descrita por Davis (2002), por exemplo, cujo objetivo era melhorar as habilidades sociais entre os residentes, constatou que, durante quatro semanas consecutivas na presença de um cão no ambiente, os pacientes demonstraram o dobro de melhora nas interações verbais.

Dessa forma, a interação homem-animal contribui para o surgimento de sensações como felicidade, amor, segurança, companheirismo, responsabilidade, proporcionando benefícios à saúde física, através da redução da pressão sanguínea, de colesterol, de triglicérides; e, também, do aumento da saúde mental, aliviando o estresse, diminuindo a ansiedade, ampliando habilidades sociais e atenuando a solidão e sentimentos depressivos (FRIEDMANN, 2000; GORRITY; STALLONES, 1998). Com a aceleração do processo de envelhecimento e o aumento da longevidade populacional, há um aumento da prevalência das doenças crônico-degenerativas e da incapacidade funcional, interferindo na economia do país, nas relações sociais e na política de saúde (ALVES; LEITE, MACHADO, 2010). Dessa maneira, a utilização das intervenções com animais pode representar uma alternativa para a assistência à saúde nas instituições com idosos.

Nas últimas décadas, a TAA tem sido aplicada em diferentes programas que auxiliam na recuperação da saúde mental, obtendo melhora na comunicação, autoestima e capacidade para assumir responsabilidades; e nas interações sociais, reduzindo a violência em pacientes (VACCARI; ALMEIDA, 2007). Tendo em vista esses resultados, estudos comprovam a eficácia da TAA e sua flexibilidade, podendo ser adaptada a diferentes áreas.

Sendo assim, a presente pesquisa teve como objetivo identificar a percepção das atividades assistidas com animais(AAA) em idosos residentes em instituições de longa permanência que possuíam esse recurso no local há pelo menos dois anos. A Pet Terapia tem se mostrado positiva nos residenciais geriátricos que já contrataram esse serviço (no caso das instituições aqui estudadas, há dois anos), despertando emoções positivas ao exercitarem o contato com os animais e recordarem momentos harmoniosos que tiveram ao estar com os seus *pets* anteriores.

É importante também registrar o papel fundamental dos animais neste contexto: como trabalham, quais os comportamentos esperados deles, que tipo de treinamento devem receber e demais requisitos para que atuem em atividades dessa natureza. São animais selecionados e treinados para atuar num ambiente junto ao profissional da saúde e/ou educação. Possuem um interesse próprio de cativar e motivar a pessoa a realizar atividades que, de outra forma, não realizaria com prazer. Influenciam, através de seu comportamento espontâneo e seu amor incondicional, o processo de renovação física, emocional, cognitiva (FINE, 2010). Seu treinamento ocorre diferentemente dos adestramentos convencionais. O animal deve ser dessensibilizado a atuar em diferentes locais, com diferentes públicos-alvo e deve possuir um temperamento calmo (DAVIS, 2002).

Como o objetivo desta pesquisa não é trabalhar o comportamento do animal de terapia, não serão enfatizados a técnica e o manejo adequado para esse fim. Mencionaremos somente que o treinamento deve ser constante e baseado em técnicas similares a de dessensibilização sistemática presente na terapia comportamental humana. Já o profissional que irá trabalhar na companhia do animal deve ser uma pessoa capacitada e ambientada com o tipo de público que irá trabalhar. É importante, também, existir uma sintonia prévia entre o animal e o profissional que o conduz. Com relação ao treinamento do cão, por exemplo, o

profissional precisa estar capacitado e conhecer os possíveis sinais de estresse que o cão poderá transmitir: são os conhecidos “*calming signals*” (RUGAAS, 2006). Essa capacitação ocorre de acordo com as exigências e diretrizes de cada país (CHANDLER, 2011). No Brasil, ainda não existem diretrizes consolidadas.

Feita esta contextualização, passemos à exposição de como foi organizado este estudo. Além desta introdução, no capítulo 2, temos o referencial teórico, no qual discutimos o processo de envelhecimento humano; o que caracteriza as instituições de longa permanência de idosos; a relação entre humanos e animais; as diferentes formas de intervenção assistida por animais com idosos; concluindo nossa reflexão com um apanhado de estudos científicos sobre o tema. No capítulo 3, são expostos os aspectos metodológicos que organizaram e estruturaram esta investigação. O capítulo 4, cerne desta reflexão, apresenta as categorias de análise e discute os achados junto à população-alvo desta pesquisa. Por fim, a presente dissertação encerra-se com os capítulos de considerações finais, de registro das referências, seguidos dos apêndices e anexos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, serão apresentados os conceitos considerados fundamentais para o entendimento desta pesquisa: falar sobre envelhecimento, tendo em vista que o público-alvo deste projeto são pessoas idosas; explicar o que são ILPIs, pois a pesquisa é realizada dentro destes locais em específico; descrever o desenvolvimento histórico da relação homem-animal; para, posteriormente, extrair o tema principal da pesquisa, que são as atividades assistidas com animaisfeitas dentro das ILPIs.

2.1 O ENVELHECIMENTO

Nesta seção, serão apresentados o conceito de envelhecimento, bem como dados atuais sobre o envelhecimento no Brasil. A justificativa da realização desta pesquisa ter sido feita com o público idoso também está inserido no contexto amplo desta seção.

Pode-se caracterizar o envelhecimento como uma das etapas sequenciais da vida, apresentando-se como um processo lento, progressivo e inevitável, caracterizado por diversas modificações morfológicas, funcionais, bioquímicas e psicológicas, que contribuem para o aumento da vulnerabilidade e incidência dos processos patológicos no organismo (CUNHA; JECKEL-NETO, 2002). O Ministério da Saúde (2006) considera o envelhecer como um processo sequencial, individual, cumulativo, irreversível, universal, não patológico de deterioração de um organismo maduro, próprio a todos os membros de uma espécie, de maneira que o tempo o torne menos capaz de fazer frente ao estresse do meio ambiente.

No último relatório publicado pela Organização Mundial da Saúde (OMS, 2015), afirma-se que a idade avançada não implica em dependência. As pessoas estão vivendo cada vez mais e, pela primeira vez na humanidade, ultrapassar 60 anos está sendo superado com muita facilidade. A perda das habilidades funcionais está apenas relacionada à idade cronológica em conjunto com os eventos que ocorrem ao longo de todo o curso da vida. Sabendo que não existe uma “velhice” única, mas “velhices” que diferem de acordo com o gênero, a classe social, o grau intelectual e as diversas culturas, propõe-se que ela deva ganhar um olhar

singularizado e, conseqüentemente, estratégias de saúde distintas. Tal mudança na composição populacional promove uma evolução no que tange melhorias nos diversos cuidados ao longo prazo da vida humana.

Nas últimas décadas, tem-se mostrado crescente e expressivo o aumento da população idosa. De acordo com a estimativa da Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS, 2018), entre 2015 e 2050, a proporção da população mundial com mais de 60 anos quase dobrará de 12% para 22%. Em 2020, o número de pessoas com 60 anos ou mais será superior ao de crianças com menos de cinco anos. Em 2050, 80% das pessoas idosas viverão em países de baixa e média renda. Essas informações levam a confirmar que o ritmo de envelhecimento da população é muito mais rápido do que no passado.

No Brasil, que apresenta uma população estimada de 211.396.200 habitantes, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2020), a situação não é muito diferente da dos países desenvolvidos, caracterizando essa mudança uma redução significativa da taxa de mortalidade e de fecundidade, o que significa envelhecimento populacional substancial. Segundo estudo demográfico apresentado por Kuchemann (2012), em 2011, no Brasil, a população idosa era de 20,5 milhões, o equivalente a 10,8% da população total. A senescência é caracterizada como um processo fisiológico com transformações que ocorrem normalmente com o passar dos anos, enquanto a senilidade significa a presença de doenças crônicas ou outras alterações que podem acometer a saúde do idoso (como perda da memória, atenção, equilíbrio, orientação, etc.) (PAPALÉO NETTO, 2002).

Feita esta contextualização inicial, na seção seguinte, será descrita a definição de instituição de longa permanência de idosos (ILPIs), bem como o motivo pelo qual escolheu-se esses locais para esta pesquisa.

2.2 INSTITUIÇÕES DE LONGA PERMANÊNCIA DE IDOSOS (ILPIS)

Quando as famílias esgotam as tentativas de cuidar do idoso que possuem um grau de dependência, algumas optam por institucionalizá-los. Para Perlini, Leite e Furini (2007), em determinadas situações ou períodos, a capacidade da família para o cuidado com o seu familiar idoso pode estar comprometida ou fragilizada, e

são nesses momentos que a decisão da institucionalização pode parecer uma das alternativas mais viáveis (CHAIMOWICZ; GRECO, 1999). Segundo os autores, tal medida se reveste da intenção de proporcionar melhores condições de vida, de cuidado e de conforto ao idoso: uma estrutura mais qualificada do que a família pode oferecer; além de o residencial de idosos ser um espaço de convivência e socialização entre os moradores. Entretanto, o estereótipo de que os asilamentos ocorrem em virtude de filhos que querem se livrar dos pais idosos e dependentes é uma realidade que prevalece na concepção de muitas pessoas.

Uma iniciativa que buscou conhecer o perfil das ILPs no Brasil foi feita pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) na pesquisa *Condições de Funcionamento e de Infraestrutura das Instituições de Longa Permanência para Idosos no Brasil*, realizada entre 2007 e 2009 (IPEA, 2011). Ainda hoje não se conhece nenhuma outra iniciativa desse porte. Foram identificadas 3.548 instituições, sendo a maior parte delas filantrópica – 65,2%; já as privadas constituem 28,2% do total (ALCÂNTARA; CAMARANO; GIACOMIN, 2016).

Embora em menor proporção, atualmente, o crescimento do ramo deve-se, particularmente, ao crescimento das instituições privadas nas últimas décadas. Poucas são as instituições públicas ou mistas, cerca de 6,6%. As instituições brasileiras são pequenas: 38,0% delas abrigam até 20 idosos. Apenas 15% têm 50 ou mais residentes. Nestas, residem, em média, 96.781 pessoas, sendo 57,6% mulheres. Entre os residentes, aproximadamente 12% não são idosos. A cobertura é relativamente baixa: os residentes constituem apenas 1% da população idosa brasileira. A condição de autonomia destes é diversa. Aproximadamente 35% dos residentes são independentes. Nas instituições públicas, também preponderam residentes independentes: esta proporção é de 43,9%. O contrário ocorre, no entanto, entre as privadas. A proporção de residentes independentes é bem inferior: 24,5%. Prevaecem os residentes dependentes: 38,8%; e, também, é mais elevada a proporção de semidependentes: 36,7% (ALCÂNTARA; CAMARANO; GIACOMIN, 2016).

Segundo Faleiros e Justo (2007), em geral, a ILPI tem uma estrutura, tanto física quanto dinâmica, que possui poucos espaços de lazer e promoção da saúde para os residentes, entendendo-se como promoção de saúde uma proposta de cuidados que procure capacitar o idoso a viver com qualidade de vida e de forma

autônoma (FREIRE JÚNIOR; TAVARES, 2005). Segundo Davim *et al.* (2004) e Freire Júnior e Tavares (2005), um dos maiores motivos para a institucionalização de um idoso é o adoecimento, incluindo as sequelas das doenças crônicas.

Portanto, uma das grandes necessidades das ILPIs é a presença de profissionais que realizem atividades com o intuito de manter a funcionalidade dos seus moradores, com o objetivo de prevenir os possíveis agravos dos sintomas ocasionados pelas doenças crônicas e de melhorar sua qualidade de vida (ALCÂNTARA; CAMARANO; GIACOMIN, 2016). É comum, entre os moradores de instituições, o desânimo em alguns momentos durante as atividades propostas pelas ILPIs. Por isso, são recomendadas terapias que estimulem e despertem seu interesse.

No âmbito dessas propostas de terapias, tematizaremos, na próxima seção, a relação dos humanos e animais, a fim de, nas seções seguintes, introduzir a discussão sobre as intervenções assistidas com animais.

2.3 RELAÇÃO HOMEM-ANIMAL

Antes de Darwin, a relação dos humanos com o resto da criação foi simples. Os animais tinham instintos e hábitos: os seres humanos foram abençoados com racionalidade e linguagem. O reconhecimento de Darwin da inter-relação de todas as coisas vivas tornou essa posição insustentável. Em torno da época da publicação da teoria da evolução de Darwin pela seleção natural, as pessoas começaram a usar o termo “antropomorfismo” para descrever a atribuição de qualidades humanas a animais não humanos. A etologia, surgida na década de 1930, dividiu a aversão dos comportamentos por explicações antropomórficas. Essa reticência foi punccionada por Griffin em 1976, que afirmou que todas as espécies animais são conscientes e, conseqüentemente, o antropomorfismo é uma forma inteiramente apropriada de pensar sobre os animais (WYNNE, 2007).

A crítica ao antropomorfismo era feita, pois, muitas vezes, as pessoas projetavam com certa imprecisão suas motivações humanas complexas sobre o comportamento dos animais. Devido a isso, a ciência não enxergava o antropomorfismo como algo sério a ser entendido e explicado. Discutia-se, inclusive, se Darwin chegou a explorar a expressão emocional comparativa nos seres

humanos e nos animais com amplitude e profundidade (VANFLEET; FAA-THOMPSON, 2017). Durante séculos, predominou a crença generalizada de que, além dos seres humanos, nenhum outro animal era capaz de demonstrar verdadeira compaixão, nem mesmo por indivíduos da mesma espécie (KREISLER, 1997).

Com o passar dos anos, passou-se a explorar as emoções dos animais; porém, estas eram vistas somente em sua dimensão negativa: agressividade, dor e medo, etc. Dificilmente, em uma biblioteca, seriam encontrados livros relacionados às ditas emoções superiores, como amor, compaixão ou solidariedade entre animais (KREISLER, 1997). Esse tipo de conceito, no entanto, foi mudando ao longo do tempo, e, hoje, cada vez mais, a ciência vem buscando estudar a relação dos animais com outros animais (sendo eles da mesma espécie ou não) e/ou com o convívio com o homem (FINE, 2014; VANFLEET, FAA-THOMPSON, 2017). Até o presente momento, já foi possível comprovar que eles são seres sencientes, ou seja, possuem a capacidade de sentir sensações e sentimentos de forma consciente (FINE, 2010).

Desde muitos séculos, os animais fazem parte do cotidiano do homem. Os cães, especificamente falando, estão mais próximos e inseridos nesse contexto com intensa frequência (CHELINI; OTTA, 2016). A presença dos cães é universal, estando presentes nas mais diversas culturas e ocupando uma posição especial na vida humana, sendo possível observar, inclusive, pessoas se referindo a seus cães como membros da família (FINE, 2014; GARBER, 2000). Daí a importância desses seres nas diferentes formas de intervenção, em especial, junto aos idosos, foco de nossa pesquisa.

2.4 INTERVENÇÕES ASSISTIDAS COM ANIMAIS COM IDOSOS

Em 1792, uma clínica psiquiátrica na Inglaterra (York Retreat) utilizava animais como coelhos para interagirem com seus pacientes. A atividade, naquela época, já era tida como oportunidade de interação pacífica do paciente com os animais e desfocava a atenção destes para algo externo do cotidiano (ALTSCHILLER, 2011).

As primeiras sessões de terapia assistida com animais documentada nos Estados Unidos ocorreram em 1944, quando um hospital das forças armadas de

uma cidade próxima de Nova York (Pawling Hospital, em Dutches) tratou de soldados que sofreram algum trauma psicológico causado pela Segunda Guerra Mundial. Os soldados foram levados a uma zona rural para interagirem com animais, como cavalos, bois e galinhas. Porém, não existe nenhum relato científico quanto aos resultados/impactos da interação desses animais com os soldados (ALTSCHILLER, 2011).

Na Noruega, em 1966, um músico, deficiente visual, criou um centro de reabilitação para pessoas com deficiência. Nesse centro, os pacientes assistidos eram engajados em diferentes atividades envolvendo cavalos e cães. Contudo, assim como no Pawling Hospital, não consta nenhum relato científico que comprove a eficácia desse trabalho (ALTSCHILLER, 2011).

Em 1961, o Dr. Boris Levinson apresentou, na Conferência Anual da Associação Americana de Psicologia, um artigo publicado no jornal *Mental Hygiene*. Nesse escrito, Dr. Levinson relata um atendimento muito bem-sucedido através de um cão. Inaugurava-se, então, o primeiro estudo científico dessa atividade terapêutica. Dr. Levinson era um psicólogo psicanalista, formado pela Yeshiva University of New York. Ele relatou uma descoberta acidental sobre o tratamento de uma criança com autismo severo e seu cão Jinglers. O cachorro permanecia ao lado da criança durante algumas sessões de terapia. A descoberta casual ocorreu quando o psicólogo deixou seu cachorro sozinho com a criança por alguns minutos. Ao retornar ao consultório, a criança estava falando com o cão. Esta foi a publicação que deu início ao amplo conjunto de publicações do autor, como *Pet Psychotherapy: Use of Household Pets in the Treatment of Behavior Disorder in Childhood*, de 1965. Em seus estudos, de modo geral, o pesquisador abordava sempre a importância da aceitação incondicional que o animal era capaz de ter em relação às pessoas. Igualmente, o cientista acreditava que o amor dedicado aos *pets* oferece um ambiente seguro e acolhedor, promovendo uma melhor adaptação psicológica tanto para crianças, quanto para adultos. Ele defendia a ideia de que o animal é uma espécie de “objeto transacional”, possibilitando que o paciente interaja, primeiramente, com o animal; depois, com o terapeuta; e, posteriormente, com outros indivíduos (LEVINSON, 1965; ALTSCHILLER, 2011).

O primeiro profissional a utilizar o termo “coterapeuta” foi o psicanalista Boris Levinson (1962), ao publicar um artigo científico com o título: *The dog as a co-*

therapist, relatando os motivos que o levaram a aderir essa nomenclatura aos animais, mais em específico ao cão. Aqui no Brasil, a psiquiatra e terapeuta ocupacional Nise da Silveira foi a pioneira a utilizar essa denominação em seu trabalho com esquizofrênicos. Ela dizia que uma cachorra chamada Caralâmpia a auxiliava com pacientes incomunicáveis e de difícil manejo. Após a adoção da pequena cachorra, Nise pode perceber as vantagens da presença de animais em suas oficinas:

Sobretudo o cão reúne qualidades que o fazem muito apto a tornar-se um ponto de referência estável no mundo externo. Nunca provoca frustrações, dá incondicional afeto sem nada pedir em troca, traz calor e alegria ao frio ambiente hospitalar. (MELLO, 2014, p. 103)

As pesquisas de Boris Levinson inspiraram o casal de psicólogos Samuel e Elizabeth Corson, em 1977, a implementar um programa psiquiátrico de terapia assistida com animais na Universidade de Ohio (EUA). Nesse grupo, alguns pacientes adolescentes, com distúrbios psiquiátricos, foram selecionados para um estudo piloto, objetivando perceber se a interação com os animais – cães e gatos – teriam algum efeito relativo ao desenvolvimento deles. Cada paciente escolheu um animal e interagiu durante algumas sessões com o mesmo animal. Essas sessões foram gravadas. É importante ressaltar que os pacientes desse estudo haviam sido submetidos anteriormente a sessões convencionais de psicoterapia e não obtiveram melhora durante o processo. As terapias que falharam foram das mais diferentes abordagens: individual, grupal, ocupacional e com acompanhante terapêutico. Os resultados da nova proposta, em contrapartida, foram impressionantes: 47 de 50 dos pacientes psiquiátricos mostraram resultados de melhora, e muitos deles puderam sair do hospital logo após o término do tratamento. Apenas três pacientes não obtiveram melhora em seus diagnósticos, enquanto outros apresentaram maiores respostas de positividade e felicidade. Os Corsons quantificaram e documentaram os seus primeiros resultados e, devido à resposta tão positiva, seguiram estudando e aperfeiçoando a técnica em estudos posteriores (LEVINSON, 1965; ALTSCHILLER, 2011).

Na atualidade, a International Association of Human-Animal Interaction Organizations (IAHAIO, 2014) – organização americana responsável por analisar a

interação homem-animal por meio da prática, pesquisa, educação e treinamento para os animais em suas diferentes modalidades – enfrenta muitos desafios neste campo, no âmbito internacional. Um deles diz respeito às numerosas e diversas terminologias da Intervenção Assistida por Animais, as quais resultam em imprecisões. Há também uma escassez de orientações quanto aos envolvidos, principalmente quanto aos animais.

Reconhecendo a urgência de abordar as questões acima, o IAHAIO estabeleceu uma força-tarefa internacional em 2013, encarregada de esclarecer e fazer recomendações sobre terminologias e definições da AAI e delinear práticas éticas para o bem-estar dos animais envolvidos. Os designados para servir na força-tarefa foram acadêmicos, profissionais de Medicina Veterinária e médicos de diferentes países com experiência ou conhecimento nas diferentes dimensões do campo de interação humano-animal. Em 2018, foi publicado um documento chamado *White Paper* (IAHAIO, 2018, p. 5, *tradução nossa*), que traz as seguintes definições:

- **Intervenção Assistida por Animais (*Animal Assisted Intervention – AAI*):** Intervenção estruturada e orientada a objetivos que intencionalmente incluem ou incorporam animais em saúde, educação e serviços humanos. Envolve pessoas com conhecimento das pessoas e animais envolvidos. Deve ser desenvolvida e implementada usando um método interdisciplinar.
- **Terapia assistida com animais (*Animal Assisted Therapy – AAT*):** Intervenção terapêutica orientada com um objetivo planejado e estruturado. Deve ser dirigida e/ou realizada por profissionais da área da saúde, educação. Seu progresso deve ser medido e incluído na documentação profissional. É entregue e/ou dirigida por um funcionário formalmente treinado.
- **Atividade assistida com animais (*Animal Assisted Activity – AAA*):** É uma interação informal planejada e orientada para objetivos, uma visitação conduzida pela equipe humano-animal para fins motivacionais,

educacionais e recreativos. As equipes humano-animal devem ter recebido, pelo menos, uma introdução, treinamento, preparação e avaliação para participar de visitas informais.

Convém esclarecer, ainda, que os termos “terapia assistida com animais”, “atividades assistidas com animais” e “*pet* terapia” “descrevem o encontro entre um cão de terapia e a pessoa que será visitada” (DAVIS, 2002, p. 44, *tradução nossa*).

Por fim, cabe registrar que, da mesma forma que se espera que o profissional da área da Saúde e da Educação que vai atuar com as IAAs seja alguém capacitado, o mesmo ocorre com o animal. Ele deve ser selecionado, treinado e capacitado para essas atividades. A saúde dele deve ser avaliada por um médico veterinário que se responsabilize pelas condições físicas e de saúde desse cão, por meio de um atestado de boa saúde. O treinamento e o preparo devem ocorrer periodicamente para que sejam feitas as intervenções necessárias em seu comportamento. Com esses procedimentos no trabalho realizado junto ao profissional da saúde, garante-se o sucesso, minimizando erros e amparando os participantes caso algum acidente ocorra (ISSA, 2012; FINE, 2010; MCCONNELL, 2002).

2.5 ANÁLISE DE ALGUNS ESTUDOS

2.5.1 As Intervenções assistidas com animais e idosos institucionalizados em Contexto Internacional

Os artigos abaixo citados foram obtidos através da busca no Omnis¹ (ferramenta de busca da biblioteca da PUCRS) com os descritores: “Idosos Institucionalizados” AND “Terapia Assistidas por animais” OR “Atividade assistida por animais”. Buscou-se artigos que tivessem sido publicados entre os anos de 2018 e 2020. Os critérios de inclusão se basearam em a temática da publicação estar relacionado, de um modo geral, às intervenções assistidas com animais, envolvendo terapia ou atividade, e idosos institucionalizados. Foram, portanto,

¹ Disponível em: <https://biblioteca.pucrs.br/acervos/omnis/>. Acesso em: 13 abr. 2020.

excluídos artigos que não englobassem esses temas, como, por exemplo, “animais de estimação” e idosos que não residissem em ILPIs.

Olsen *et al.* (2016) realizaram uma pesquisa visando examinar se a atividade assistida com animais com um cão teria algum efeito em pessoas com demência (idade a partir de 65 anos) que residem em suas próprias casas, porém frequentam centros-dia. Os efeitos observados foram relacionados à qualidade de vida em cada participante e ainda risco de acidentes de queda, com equilíbrio (escala de equilíbrio de Berg). O projeto foi conduzido de forma prospectiva e randomizada por um estudo multicêntrico com acompanhamento, em 16 centros-dia. Foram pesquisados dois grupos: 42 (grupo que participou da intervenção) e 38 (grupo-controle com tratamento habitual). A intervenção consistiu em sessões de 30 minutos com AAA lideradas por um treinador de cães qualificados, duas vezes por semana, durante 12 semanas, em grupos de 3 a 7 participantes. Os resultados do estudo indicam que a AAA pode promover benefícios e implicações clínicas, levando a melhorias no equilíbrio e evitando, assim, riscos de quedas.

Em Schmitz *et al.* (2017), temos um estudo qualitativo cujo objetivo foi descrever o primeiro ano de prática e experiência de TAA após sua implementação como parte das opções de terapias integrativas oferecidas por um centro acadêmico de cuidados paliativos. O programa teve início em junho de 2014 no Centro Interdisciplinar do Setor de Medicina Paliativa do Hospital Universitário de Dusseldorf, na Alemanha. As sessões foram realizadas por duas equipes com cães treinados e certificados. Conclui-se que a TAA pode constituir um complemento valioso do repertório terapêutico interdisciplinar de cuidados paliativos em ambiente hospitalar. Os resultados sugerem que os pacientes podem se beneficiar potencialmente em termos de comunicação facilitada, respostas emocionais positivas, relaxamento físico aprimorado ou motivação para ativação. Contudo, os autores apontam uma necessidade urgente de mais pesquisas qualitativas e estudos para investigar minuciosamente possíveis efeitos sobre pacientes em cuidados paliativos. Recomendam, ainda, o desenvolvimento de tratamentos terapêuticos claramente formulados e baseados em pesquisas.

Pitheckoffm, McLaughlin e Medeiros (2018) realizaram um estudo qualitativo em um programa de atividades assistidas por coelhos com idosos. Participaram desse estudo oito idosos (sete mulheres e um homem). O critério de seleção se deu

através da indicação da assistente social do local, que ajudou a identificar os residentes que poderiam se comunicar efetivamente e que não tivessem um diagnóstico de demência. O estudo constituiu-se através da observação direta da atividade e aprofundamento das entrevistas com residentes. Dentre os benefícios identificados pelos participantes, foi identificado que: os coelhos serviram como fonte de interação e apoio social, e são bons animais para esse tipo de atividade. Os participantes, igualmente, manifestaram o desejo de visitas mais frequentes, mais longas e mais interativas, bem como recordaram espontaneamente memórias sobre a infância, a vida familiar e os animais de estimação do passado. Alguns participantes comentaram as limitações das capacidades dos coelhos; no entanto, todos os participantes descreveram-no como um bom animal para AAA.

Machová *et al.* (2019) desenvolveram um estudo em Praga, República Tcheca, que buscou determinar se as TAAs têm efeito positivo em pacientes internados em cuidados prolongados, e se esses tratamentos afetam parâmetros como pressão arterial, frequência cardíaca e índice de Barthel. A hipótese dos autores é a de que haveria uma influência positiva referente ao humor e ao índice de Barthel² dos pacientes. Nessa pesquisa, participaram 72 indivíduos, com idades entre 51 e 100 anos, sendo 33 de um grupo experimental (GE) e 39 do grupo-controle (GC). A pressão arterial, a frequência cardíaca, o índice de Barthel e o humor geral foram medidos nos dois grupos. Os resultados não revelaram alterações na pressão arterial, frequência cardíaca ou índice de Barthel na comparação entre os grupos. Entretanto, foi observada uma grande influência na avaliação do humor dos pacientes. Com isso, concluiu-se que a inserção da TAA não afetou os parâmetros das condições fisiológicas, mas exerceu um efeito significativo quanto ao bem-estar psicológico dos pacientes.

O principal objetivo do estudo realizado por Claverol *et al.* (2019) foi avaliar a eficácia da TAA em um grupo de idosos com dor crônica nas articulações e polimedicados. Para isso, avaliou-se o efeito da intervenção em termos de dor

² Segundo Minosso *et al.* (2010, p. 219), "O Índice de Barthel pertence ao campo de avaliação das atividades da vida diária (AVDs) e mede a independência funcional no cuidado pessoal, mobilidade, locomoção e eliminações. Na versão original, cada item é pontuado de acordo com o desempenho do paciente em realizar tarefas de forma independente, com alguma ajuda ou de forma dependente. Uma pontuação geral é formada atribuindo-se pontos em cada categoria, a depender do tempo e da assistência necessária a cada paciente. A pontuação varia de 0 a 100, em intervalos de cinco pontos, e as pontuações mais elevadas indicam maior independência".

crônica, uso de medicamentos e qualidade de vida. A pesquisa foi realizada em um Centro de Saúde Primário, em Lleyda, na Espanha, com um total de 52 participantes – 22 no GC e 30 no GE –, com idade média de 77,50. Foram feitas doze sessões semanais de cinesioterapia: no grupo experimental, esses exercícios foram realizados com a assistência adicional da terapia com um cão. A terapia assistida com animais leva a uma redução adicional na percepção da dor, bem como na redução da insônia induzida pela dor. Por isso, constatou-se que a qualidade de vida melhorou em ambos os grupos. Além disso, a TAA aumentou a adesão à intervenção e reduziu a taxa de abandono desta. Por fim, os autores consideraram que a TAA contribui para o desenvolvimento de métodos e tratamentos não farmacológicos e tende a tornar-se uma ferramenta importante no controle da dor crônica como complemento ao tratamento farmacológico.

Em estudo desenvolvido por Olsen *et al.* (2019), os pesquisadores buscaram registrar sistematicamente comportamentos relacionados ao envolvimento da AAA em idosos com demência, tanto os que ainda residem em suas casas, quanto os que já se encontram em um residencial geriátrico, investigando as possíveis diferenças entre as duas populações. Foram observados 49 idosos (21 residentes de lar geriátrico e 28 frequentadores de centros-dia). As observações ocorreram durante 12 semanas, com duração de 30 minutos com cada grupo. O animal utilizado foi um cão treinado que foi conduzido por seu tutor. Concluiu-se que, com base na longa duração dos comportamentos relacionados à atividade e nas indicações de atitudes positivas, com um alto nível de sorrisos, a AAA parece criar um envolvimento tanto entre os residentes de lares de idosos quanto entre os frequentadores de centros-dia. Logo, a AAA pode ser compreendida como uma intervenção adequada e promotora de saúde para essa população. Contudo, cabe a ressalva de que se deve levar em conta o grau de demência dos participantes do grupo para planejar a atividade da sessão, tanto individual, quanto em grupo, devendo as atividades serem adaptadas às necessidades e aos interesses dos participantes.

A partir da leitura dos artigos, pode-se perceber que as pesquisas que envolvem as intervenções assistidas com animais no mundo estão bem avançadas. Os autores dos projetos preocupam-se com a qualidade da pesquisa, utilizando amostras grandes e procurando fazer revisão entre pares, por exemplo. Percebe-

se, também, a minuciosidade dos temas a serem estudados, demonstrando que as IAAs realmente podem contribuir em diversos segmentos da área da saúde.

2.5.2 As Intervenções assistidas com animais e idosos institucionalizados em Contexto Brasileiro

A fim de investigar como a temática desta dissertação tem sido abordada em diferentes contextos do cenário nacional, nesta seção, daremos destaque a seis estudos, cujo direcionamento contribuem para a reflexão aqui proposta. Quanto à metodologia de seleção bibliográfica, foram empregados os seguintes: “Idosos Institucionalizados” AND “Terapia Assistidas com animais” OR “Atividade assistida com animais”, buscados, primeiramente, no sistema Omnis³ da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e, posteriormente, no Google Acadêmico⁴. Na primeira etapa (Sistema Omnis), obteve-se três artigos: um de revisão sistemática, de nossa autoria juntamente com outros colegas (PALOSKI *et al.*, 2018); um da área da educação e outro sobre pessoas com deficiência. Os últimos foram excluídos por não se relacionar à TAA. Na segunda etapa (Google Acadêmico), foram utilizados os descritores supramencionados. Na busca, cabe registrar ainda, foram incluídos artigos de diferentes áreas da saúde – Fisioterapia, Psicologia, Medicina e Medicina Veterinária –, tendo em vista o caráter transdisciplinar da TAA, o que possibilitou resultados que visassem tanto humanos quanto animais. Quanto aos critérios de exclusão, desconsideramos os artigos cujo acesso fosse restrito e cuja temática não se relacionasse diretamente com os tópicos “idosos institucionalizados” e “TAA”. Portanto, em um recorte temporal de 2012 a 2020⁵, restaram oito estudos, que serão descritos abaixo.

Em estudo desenvolvido por Carvalho *et al.* (2011), investigou-se a relação de cães com idosos por meio de sessões terapêuticas em duas Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI) na cidade de Uberlândia (MG). Participaram das atividades 23 idosos, durante nove semanas, com duração de 1h cada

³ Disponível em: <https://biblioteca.pucrs.br/acervos/omnis/>. Acesso em: 13 abr. 2020.

⁴ Disponível em: <https://scholar.google.com.br/?hl=pt>. Acesso em: 13 abr. 2020.

⁵ Ao início do percurso investigativo, o objetivo era buscar artigos que tivessem sido publicados entre os anos de 2018 e 2020, como no caso de artigos publicados fora do contexto brasileiro. Entretanto, como a busca apresentou poucos resultados, optamos por estender o período de busca.

encontro. Durante as sessões, os membros da equipe executora foram um médico veterinário e psiquiatra, uma acadêmica do curso de Psicologia e duas acadêmicas do curso de Medicina Veterinária. O objetivo principal foi desenvolver intervenções a partir de uma terapia alternativa visando à melhoria da função física, social, emocional e/ou cognitiva de pacientes, como também proporcionar melhor qualidade de vida por meio da motivação, educação e recreação com o uso de cães para fins terapêuticos. Foram avaliadas manifestações emocionais a partir do relacionamento e da interatividade dos pacientes com os cães, com a equipe executora e com outras pessoas, como os funcionários das instituições e os demais internos. As manifestações foram anotadas a partir da primeira visita da equipe executora nas ILPIs. Durante e após as sessões, os idosos foram observados pela equipe multidisciplinar que acompanhou indicadores de melhora, como diminuição da ansiedade e irritabilidade, aumento das manifestações de afeto, interesse no animal e melhora na memória dos pacientes. Portanto, os resultados obtidos foram: aumento das atividades físicas, interação e autoestima, não apenas dos idosos, mas também dos terapeutas, acompanhantes, visitantes e funcionários das ILPIs. Considera-se de extrema importância salientar, nesse projeto, que, durante a primeira sessão, a maioria dos idosos da instituição (aproximadamente 54%) se mostrou indiferente aos animais e às atividades proporcionadas pela equipe executora. Todavia, durante a oitava sessão, a maioria deles (em torno de 81%) já estava motivada, ou seja, houve um aumento gradativo da interatividade entre os pacientes e os cães.

Carvalho, Assis e Cunha (2011), por sua vez, objetivaram, em sua pesquisa, descrever os efeitos das AAAs quanto à qualidade de vida de idosos institucionalizados. Os animais utilizados foram cães, gatos, coelhos, pássaros e *hamsters*. Durante um ano, foram realizadas visitas semanais, com duração de, no máximo, uma hora e meia. Na instituição em questão, havia aproximadamente 80 idosos com idade média de 60 anos e duas pessoas com deficiência com idade média de 35 anos. O projeto foi desenvolvido por estudantes de Medicina Veterinária e um professor orientador. Após 12 meses de visitas, segundo os pesquisadores, foi possível observar uma nítida melhora no humor, na autoestima e na interação social entre os idosos, refletindo diretamente na qualidade de vida dos internos. Para os idosos, as visitas eram motivo de grande alegria e felicidade,

momentos nos quais a rotina de solidão era esquecida e preenchida por companhia e afeto.

Em investigação realizada por Dotto *et al.* (2012), pesquisadores da área da Fisioterapia buscaram verificar a percepção de idosas institucionalizadas sobre o uso do cão durante o atendimento fisioterapêutico. Para a realização desta pesquisa, utilizou-se uma ficha de avaliação e entrevista narrativa individual. Durante oito sessões (duas vezes por semana, uma com e outra sem o cão), realizou-se uma pista de exercícios com cinco idosas. Os pesquisadores concluíram, após a realização de entrevistas e atividades com as participantes, que houve componentes benéficos, como a vivência da relação com os animais, as trocas de carinho e o estímulo ao aprendizado, etc. As participantes se demonstraram alegres e comunicativas, relatando aspectos educativos do cão em relação à terapia, como amor ao animal e aumento da interação com os terapeutas. Identificou-se que esse recurso pode ser aliado à Fisioterapia dentro das instituições de longa permanência (ILPIs), pois esse tipo de terapia traz benefícios, como lembranças, apego emocional, alegria, motivação, entretenimento, promovendo, assim, a saúde física e mental dos idosos. Com relação ao cão, considerou-se que pode ser um recurso a ser utilizado pela Fisioterapia; porém, isso requer animais treinados e profissionais capacitados.

Santos e Silva (2016), como parte de um projeto de iniciação científica, desenvolveram um estudo com o objetivo de identificar os projetos de TAA existentes no estado de São Paulo, a fim de caracterizá-los em relação ao público-alvo atendido, aos coterapeutas utilizados e aos objetivos propostos por estas atividades. Para a coleta de dados, as autoras consideraram projetos de TAA divulgados em *sítes*, canais de televisão, revistas e jornais impressos. Foram identificados 29 projetos. Como resultados, as pesquisadoras apresentam: (i) a maioria atende pessoas de todas faixas etárias, apresentando ou não necessidades especiais; (ii) utilizam-se com frequência do cachorro da raça Golden Retriever como coterapeuta; (iii) e as atividades estão habitualmente voltadas ao desenvolvimento biopsicossocial. Por meio desta pesquisa, foi observado que a TAA pode favorecer uma recuperação mais rápida da saúde dos pacientes e uma melhor qualidade de vida também aos familiares e profissionais de saúde. Um ponto importante que se pode destacar da conclusão do estudo foi a sugestão de inserir

esse tipo de terapia dentro das unidades vinculadas ao Sistema Único de Saúde (SUS), em seus diversos níveis de prevenção, pois contribuiria naturalmente para a diminuição do fluxo, na maioria das vezes intenso, nas unidades de saúde pública.

Estudo realizado por Sapin *et al.* (2018), autores oriundos do curso de Medicina Veterinária, teve por objetivo descrever a atuação do projeto Pet Terapia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) frente à comunidade. O Pet Terapia é um projeto da UFPel que realiza atividades educacionais e terapia assistida com animais na cidade de Pelotas (RS). Os cães do projeto passam por treinamento e controle higiênico-sanitário para participarem das atividades, visando à saúde e ao bem-estar dos coterapeutas. Nas instituições vinculadas à saúde visitadas pelo projeto, nas quais os assistidos permanecem por certo período, é desenvolvida a terapia assistida com animais com foco na alteração específica de cada assistido, como em casos de pacientes com distúrbios mentais e pacientes crônicos. Nas instituições onde há grande rotatividade dos assistidos, são realizadas atividades assistidas com animais, objetivando-se um momento de lazer, seja ao paciente, seja ao cuidador ou familiar. Segundo as autoras, a educação assistida com animais é desenvolvida em instituições com crianças com déficit intelectual, com objetivo de desenvolver afetividade, cognição, coordenação motora, socialização, leitura e aprendizado do aluno. Como conclusão, as pesquisadoras defendem que as intervenções desenvolvidas pelo projeto Pet Terapia, nas instituições atendidas, trouxeram numerosos benefícios aos assistidos, sejam eles por aumento da autoestima, socialização, cognição ou coordenação. Igualmente, compreendem que a presença dos coterapeutas age como motivação para os assistidos.

Em Paloski *et al.* (2018), realizou-se uma revisão sistemática, que objetivou investigar os efeitos da Terapia assistida com animais (TAA) na percepção de qualidade de vida em idosos. Para isso, foi realizada a busca de artigos nas bases de dados indexadas na Medline, PsycINFO, Embase e Web of Science. Utilizaram-se as recomendações da declaração *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses* (PRISMA) para essa revisão. A partir de critérios de inclusão/exclusão, foram recuperados e analisados oito artigos. Como principal achado, encontrou-se que a TAA produz melhoras na percepção da qualidade de vida de idosos. Uma das hipóteses apontada pelos autores para explicar esse resultado provém de que o uso da TAA está relacionado a uma diminuição da

ansiedade, estimulação do sistema nervoso simpático, aumento da autoeficácia, aumento da capacidade de enfrentamento e da qualidade de vida dos pacientes ou, ainda, que os animais são responsáveis pela melhora da qualidade de vida dos idosos, pois os animais conseguem expressar comportamentos que podem ser interpretados como *feedbacks* positivos e negativos. Os *pets* funcionam como um instrumento de trabalho para o terapeuta, facilitando aumentos nos níveis de interação social dos pacientes, pois eles reagem positivamente ou negativamente de acordo com os estímulos que lhe são apresentados. Essa revisão apontou ainda que, apesar do grande interesse e busca das instituições em conhecer e inserir as IAAs em seus programas, ainda existem poucos trabalhos e pesquisas no Brasil sobre temas que envolvam atividades com animais em ILPIs.

Franceschini e Costa (2019), no âmbito da Gerontologia, desenvolveram um estudo visando avaliar a eficácia da TAA com cães no desenvolvimento cognitivo dos idosos, por meio de um estudo experimental com treze residentes em uma instituição de longa permanência da cidade de São Carlos (SP). A pesquisa foi feita com um delineamento experimental de tipo pré-teste-pós-teste, utilizando dois grupos, um experimental (sete idosos) e um controle (seis idosos), sendo o grupo experimental submetido às intervenções com TAA e o controle não. Os treze idosos participantes foram divididos aleatoriamente por sorteio nos grupos. Foram feitas 10 sessões de terapia utilizando materiais ditos convencionais para atividades de TAA, como escova, petisco, coleira, etc. Os pesquisadores fizeram uso de um diário de campo que possibilitou uma medida comportamental em relação ao desempenho dos participantes. As medidas analisadas foram o comportamento dos idosos, tanto verbais quanto não verbais, relatos dos profissionais da instituição, bem como o autorrelato dos idosos. Também foi registrado, para análise, no diário de campo, o desempenho dos idosos em cada atividade, sessão após sessão, a fim de verificar se, no decorrer da intervenção, aprendiam e aprimoravam as atividades. Os resultados apontaram que todos os idosos do grupo experimental obtiveram melhora no desenvolvimento cognitivo, enquanto no grupo controle nem todos a obtiveram. O fisioterapeuta, por exemplo, mencionou o fato de os participantes não reclamarem do esforço após o início da TAA. A terapeuta ocupacional, por sua vez, observou que os participantes demonstravam mais alegria após a TAA. Além disso, também foi mencionada a questão cognitiva: “*Em algumas atividades que*

requeriam a memória, como jogos ou listas, eles tiveram melhor desempenho". A equipe de enfermagem relatou que os residentes da ILPI ficaram mais comunicativos e mantinham um diálogo positivo e, no caso de algumas situações mais complicadas, como cortar as unhas, ou se dirigirem ao refeitório, passaram a ocorrer com maior frequência.

Em Oliveira e Siqueira (2019), temos um relato de experiência quanto ao desenvolvimento do projeto "Zooterapia: Bicho Amigo". Esse projeto, em execução desde outubro de 2016, tem a espécie canina como facilitadora do processo terapêutico. As sessões de TAA são realizadas uma vez por semana na ILPI, com duração de, no mínimo, 30 minutos e são aplicadas em grupo ou individualmente. Após a realização das sessões terapêuticas, os responsáveis pelas atividades preenchem fichas próprias, para registro do andamento das sessões, descrevendo aspectos como: se houve interação entre o praticante/idoso e o animal; se houve alguma situação atípica durante a sessão digna de nota; se houver intercorrências durante as sessões; e como foi a aceitação em casos de novos animais ou novas atividades. Durante o período de realização da TAA, foi possível observar diversos benefícios aos idosos institucionalizados, tais como: intensificação da convivência e do contato com a comunidade e com os demais colegas institucionalizados; o lazer relacionado ao momento de descontração que a metodologia proporciona; a experiência do afeto e da atenção por diferentes pessoas; a interação com os animais; a recuperação de memória afetiva relacionada aos animais; a utilização dos animais como facilitadores de atividades convencionais de áreas como a Fisioterapia, a Fonoaudiologia, Psicologia, Terapia Ocupacional; avanços relacionados com a fala, com a possibilidade de ampliação do vocabulário; melhoria de destrezas motoras finas; destrezas no manejo da cadeira de rodas; melhoria da postura do paciente; estimulação de atividades físicas; aumento da interação verbal; melhoria da capacidade de atenção; redução da ansiedade; participação em atividades recreativas; estimulação da disposição e interação a participar em atividades de grupo; estimulação da memória imediata e de longo prazo. Destacamos o caso de um participante com sequelas físicas de Acidente Vascular Encefálico (AVE), que apresentava oscilações de humor, choro e melancolia frequentes, desinteresse na realização das sessões de fisioterapia e dislalia. Após dez meses de participação no projeto, o praticante apresentou: melhoras motoras e

psicológicas, apresentando maior interesse em realizar os exercícios incentivado pela presença dos cães; melhora da marcha e equilíbrio; expansão no vocabulário e formas de expressão; ausência de episódios de choro e melancolia.

A partir da leitura dos artigos acima apresentados, pode-se perceber que, de um modo geral, todos apresentaram um resultado positivo em seus achados e concluíram que as IAAs geram impactos positivos na vida de idosos institucionalizados, independentemente se for apenas uma atividade ou algo mais planejado, como uma terapia. As diferentes áreas da saúde que utilizam animais para as sessões perceberam que não só os pacientes se beneficiam como também a equipe e demais envolvidos. O que não foi mencionado, por não se tratar do foco da pesquisa acima, é que todos os artigos demonstram preocupação no preparo comportamental e na saúde dos animais que estão envolvidos nos projetos. Outro aspecto apontado por todos é a escassez de pesquisas neste campo de estudos. Convém destacar, também, a dificuldade de isolar os efeitos da atividade com os animais de outras atividades ou até mesmo o “estado de ânimo ou espírito” na mensuração dos resultados sem perceber a interferência de outros serviços. Por fim, cumpre mencionar que todos os artigos definem, em suas introduções, as terminologias AAA e TAA; porém, alguns não fazem o devido uso das definições. Denominam terapia uma atividade sem foco específico e sem finalidade terapêutica.

2.5.3 Teses e dissertações brasileiras sobre o tema

A presente seção tem a finalidade de conhecer mais o que se tem estudado acerca das IAAs no Brasil, além dos artigos publicados. Para isso, foi feita uma busca no Catálogo de Dissertações e Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)⁶, a fim de verificar as produções já publicadas sobre o tema no país. Foram utilizados como descritores: “Terapia assistida com animais” OR “Atividade assistida com animais” OR “Intervenções assistidas com animais” OR “Pet Terapia” OR “Cinoterapia”, sem delimitação quanto ao tempo. O objetivo era saber quantas teses e dissertações no Brasil seriam

⁶ Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>. Acesso em: 27 maio 2020.

encontradas ao total e quantas seriam relacionadas aos idosos. Foram encontradas 28 dissertações e 2 teses. Os registros na plataforma ocorrem a partir do ano de 2006, sendo que, nos últimos 5 anos, foram obtidos 19 resultados; contudo, somente 3 registros dizem respeito à IAA e aos idosos.

O quadro 1 apresenta um resumo das publicações encontradas.

Quadro 1 – Levantamento Bibliográfico – Dissertações e Teses

Áreas do Conhecimento	Saúde	Educação	Ciências da Natureza	Ciências Sociais
Dissertações	22	3	1	2
Teses	1	0	0	1

Publicação	2000-2010	2010-2020
Dissertações	3	25
Teses	0	2

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Ao fazer os dados descritos no quadro 1, pode-se verificar a escassez de pesquisa das IAAs relacionada a idosos. Foram encontradas somente três obras relacionadas a esse tema. O quadro 2, a seguir, descreve as obras em específico.

Quadro 2 – Dissertações e Teses sobre IAAs e idosos

Autor/ Ano	Título	Nível	Curso/ Instituição
Glicia Ribeiro de Oliveira (2011)	A interação fonoaudiólogo-paciente-cão: efeitos na comunicação de pacientes idosos	Mestrado	Fonoaudiologia (PUC-SP)
Renata Coelho Freire Batista Queiroz (2014)	Eficácia da intervenção assistida por animais na autopercepção de saúde, autoestima, sintomas depressivos e qualidade de vida relacionada à saúde em idosos residentes em instituição de longa permanência	Doutorado	Gerontologia Biomédica (PUC-RS)
Belinda Talarico Franceschini (2017)	Terapia assistida com animais: sua eficácia no desempenho cognitivo de idosos institucionalizados	Mestrado	Educação (UFSCar)

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

A dissertação de mestrado de Oliveira (2011) teve o objetivo de investigar os efeitos da presença de um cão na interação fonoaudiólogo-paciente idoso. Para isso, foi feita uma pesquisa qualitativa, desenvolvida na modalidade de estudo de caso, com 10 participantes residentes de um residencial geriátrico na cidade de SP. Os idosos receberam a visita de um cão por seis meses durante o atendimento de

fonoaudiologia. Nessa pesquisa, a autora concluiu que a presença do cão foi efetiva pela maior adesão às intervenções e pela evolução significativa do desempenho comunicativo dos sujeitos estudados.

A tese de doutorado de Queiroz (2014) procurou analisar a eficácia da IAA na autopercepção de saúde, autoestima, sintomas depressivos e qualidade de vida em idosos residentes em ILPI, na cidade de João Pessoa/PB. Foi realizado um ensaio clínico, no qual foram randomizados 42 idosos, sendo 21 participantes do grupo intervenção (GI), para o qual foi ofertada a atividade com animais, e 21 idosos do grupo controle (GC), para os quais mantiveram-se as atividades regulares da instituição. O estudo foi realizado em três fases: (i) uma avaliação inicial; (ii) 12 semanas de intervenção com animais para o GI e acompanhamento para o GC; (iii) e uma avaliação final. Constatou-se melhora significativa no GI e piora no GC. Os resultados indicaram que a IAA promoveu melhora na autoestima, nos sintomas depressivos e na qualidade de vida relacionada à saúde entre idosos institucionalizados.

Franceschini (2017), conforme citado na seção anterior, desenvolveu um estudo visando avaliar a eficácia da TAA com cães no desenvolvimento cognitivo dos idosos. Para isso, em sua pesquisa, dividiu dois grupos: um controle e um experimental. O resultado foi que todos os idosos do grupo experimental obtiveram melhora no desenvolvimento cognitivo, enquanto os idosos do grupo controle nem todos obtiveram.

Diante das três pesquisas encontradas sobre idosos institucionalizados, pudemos observar que todas obtiveram em seus estudos, resultados positivos, atingindo os objetivos propostos. Os idosos que tiveram interação com os animais apresentaram melhoras cognitivas, emocionais e funcionais. Diante de pequena quantidade de obras que resultou de nossa busca, percebeu-se que o tema idoso institucionalizado ainda é muito pouco estudado no Brasil, o que justifica a pertinência da reflexão que aqui propomos.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, serão apresentados os aspectos metodológicos que estruturaram esta pesquisa: objetivos, delineamento do estudo, contexto e amostra, critérios de inclusão e exclusão e instrumentos de avaliação.

3.1 QUESTÕES NORTEADORAS

- Qual a percepção dos idosos sobre as AAAs com os animais dentro das instituições?
- Quais são os sentimentos dos idosos ao estarem em contato com os animais das AAAs?
- Quais as preferências dos idosos em relação aos animais que participam das AAAs?
- Que contrastes se sobressaem entre as apreciações e os sentimentos dos idosos e os relatos da pesquisadora?

3.2 OBJETIVOS

3.2.1 Objetivo Geral

Identificar a percepção e os sentimentos sobre as atividades assistidas com animais em idosos residentes de ILPIs, contrastando-os com os relatos da pesquisadora.

3.2.2 Objetivos Específicos

Sobre idosos residentes em ILPIs e participantes das AAAs, deseja-se:

- Descrever a percepção dos idosos sobre as atividades com os animais dentro das instituições;
- Descrever os sentimentos/emoções dos idosos ao estar em contato com os animais;

- Investigar qual a preferência que o idoso tem em relação aos animais que participam das AAAs;
- Contrastar as apreciações dos idosos participantes com o diário de campo da pesquisadora.

3.3 CONTEXTO DA PESQUISA

A pesquisa ocorreu em três ILPIs privadas, consideradas de alto padrão, localizadas em bairros nobres na cidade de Porto Alegre/RS. Nelas, os idosos que participaram da pesquisa estavam fazendo a atividade há pelo menos seis meses. O critério de escolha das instituições baseou-se no fato de as três terem as mesmas atividades, além da AAA. São elas: Musicoterapia e Terapia Ocupacional. Esse recorte foi estabelecido por tentar aproximar ao máximo o mesmo número de atividades para os três locais, visando minimizar a diferença quanto à estimulação que os idosos recebem. Seria muito discrepante analisar sujeitos de uma instituição que não tenha outra atividade em comparação com aqueles cujas ILPIs têm 4 ou 5 atividades de recreação e lazer, por exemplo. Registramos que, a fim de preservar a identidade dos participantes, bem como das instituições, convencionamos, neste estudo, nomear os residenciais com as siglas RA, RB e RC.

Conforme descrito anteriormente, as instituições já possuíam atividades assistidas com os mesmos animais há pelo menos dois anos. O que se diferencia, nessas instituições, é a frequência com que essas atividades são feitas: na “RA”, ocorrem mensalmente; na “RB”, quinzenalmente; e, na “RC”, semanalmente. Os animais que foram utilizados para as atividades nas diferentes instituições foram: 1 cachorra SRD (nome Faith), 1 coelha (nome Firula), 4 calopsitas (nomes Ozzy, Crystal, Chuvisco e Tonia) e 1 ararajuba (nome Quindim). Todos foram animais selecionados criteriosamente pela empresa que presta esse serviço (Pet Terapeuta – Bicho Ajudando Gente!), de acordo com o perfil de público. A empresa Pet Terapeuta segue o protocolo de saúde dos animais dos EUA, baseando-se nas normas do Centers for Disease Control and Prevention (CDC) (HICPAC, 2003). Os *pets* foram treinados através da técnica de dessensibilização da Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC), que consiste em aproximar gradualmente o sujeito do

objeto ou situação desconhecida ou que gere ansiedade (KAPLAN; SADOK; GREBB, 1997).

Como etapas desta pesquisa, primeiramente, foi feita a apresentação da pesquisa às instituições selecionadas. Após a explicação e o pedido da assinatura da carta de anuência (APÊNDICE 1), uma pesquisadora auxiliar foi até cada instituição aplicar a pesquisa com os idosos. Os instrumentos de pesquisa foram aplicados nesta ordem: (i) avaliação cognitiva (MEEM – ANEXO 1); (ii) o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE – APÊNDICE 2); (iii) o questionário sociodemográfico (APÊNDICE 3); e (iv) a entrevista semiestruturada (APÊNDICE 4). Optou-se pela aplicação dos instrumentos por uma pesquisadora auxiliar com o intuito de evitar eventuais influências nas respostas, tendo em vista que os idosos conheciam a pesquisadora, pois esta faz intervenções nas ILPIs dos participantes.

Inicialmente, foram selecionados somente idosos apontados pelos responsáveis das ILPIs como os “mais lúcidos”, sendo, posteriormente, submetidos ao Mini-Exame de Estado Mental (Mini-Mental) (ANEXO 1). Antes do início da pesquisa, a pesquisadora auxiliar fez a leitura do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) (APÊNDICE 2) para idosos selecionados (aqueles que obtiveram um escore de, no mínimo, 20 no MEEM) em voz alta; depois, foi solicitada a assinatura do termo. Em seguida, foi solicitado o preenchimento do questionário sociodemográfico (APÊNDICE 3). Depois, foi realizada a entrevista semiestruturada (APÊNDICE 4) com cada sujeito em uma sala na ILPI adequada para isso. Por questões éticas, a identificação dos idosos foi mantida em sigilo nesta pesquisa, sendo suas respostas registradas pela codificação S (sujeito) + número correspondente ao entrevistado, por exemplo, S7. As entrevistas foram gravadas para posterior transcrição. Ao final, a pesquisadora deu um retorno dos resultados às instituições e aos idosos.

Para a discussão dos resultados, foi identificada a percepção dos relatos dos idosos residentes, contrastando-os com os relatos da pesquisadora através do diário de campo. Nesse diário de campo, a pesquisadora registrou os apontamentos pertinentes ao dia de atividade nos locais. Cada observação de comportamento, bem como comentários e estado de humor relatados pelos idosos e equipe eram redigidos nesse diário.

3.4 DELINEAMENTO DO ESTUDO

Esta pesquisa se insere na área das investigações de abordagem *qualitativa* e *quantitativa* complementar – com a aplicação do Mini-Exame do Estado Mental e questionário sociodemográfico, seguida de uma entrevista aberta semiestruturada –. Trata-se, portanto, de um *estudo explicativo* – que, segundo Gil (2007, p. 43), é um tipo de pesquisa que “preocupa-se em identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. [...] seu objetivo não ser apenas registrar, analisar e interpretar os fenômenos estudados, mas identificar suas causas” e *transversal descritivo*, o qual caracteriza-se como:

[...] estudos em que a exposição ao fator ou causa está presente ao efeito no mesmo momento ou intervalo de tempo analisado. Aplicam-se às investigações dos efeitos por causas que são permanentes, ou por fatores dependentes de características permanentes dos indivíduos. (HOCHMAN *et al.*, 2005, p. 3)

Minayo (2007) destaca que, em uma abordagem qualitativa, o critério de escolha dos sujeitos da pesquisa, para garantir sua representatividade, não é numérico, uma vez que a característica principal dessa abordagem é o aprofundamento e a abrangência da compreensão de determinado grupo que esteja sendo investigado.

Os achados deste estudo – respostas à entrevista e aos questionários de aproximação, descritos nas seções anteriores desta pesquisa –, foram analisados a partir da metodologia Análise de Conteúdo, de Bardin (2011; 2016).

Para Bardin (2011, p. 47), a Análise de Conteúdo se constitui enquanto:

conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Bardin (2016) propõe o seguinte delineamento de pesquisa: (i) pré-análise: preparação do material; (ii) descrição analítica: codificação e categorização dos dados/informações coletados; (iii) interpretação referencial: interpretação do fenômeno investigado à luz do referencial teórico.

Como primeira etapa de nosso tratamento dos dados, então, houve a preparação do material, através da transcrição das entrevistas e do agrupamento respostas às perguntas fechadas dos questionários. Como exploração do material, através do que Bardin (2016) chama de *leitura flutuante*, o pesquisador destaca os elementos importantes, a partir de critérios pré-estabelecidos; em nosso caso, as apreciações e os sentimentos/emoções dos idosos perante às AAA com animais.

Na segunda etapa, são escolhidos os modos de codificação, compreendidos nas seguintes dimensões (BARDIN, 2016):

- **Recorte:** escolha de unidades de registro;
- **Enumeração:** seleção de regras de contagem;
- **Agregação:** escolha de categorias, rubricas ou classes que dão unidade a um grupo de elementos em razão de características comuns.

Para, em um segundo momento, haver a classificação, que pode ser semântica (temas), sintática (estrutura gramatical dos excertos) ou lexical (conforme as palavras empregadas). Registramos que, em nosso caso, dado o caráter subjetivo das falas dos entrevistados, predominou o critério semântico, sendo as respostas dos idosos participantes agrupados conforme campos de sentido relativo aos sentimentos/emoções.

Por fim, deu-se o tratamento dos resultados, mediante a inferência e a interpretação. Detalharemos as categorias de análise, posteriormente, na seção 4.2 e nos deteremos na inferência e na interpretação dos dados na seção 4.3, que registra a discussão proposta por este estudo.

3.5 POPULAÇÃO E AMOSTRA

A população-alvo do estudo foi composta por 10 idosos com idade superior a 60 anos, 7 mulheres e 3 homens, residentes de ILPIs situadas na cidade de Porto Alegre/RS.

No Quadro 3, encontram-se os dados coletados a partir do Questionário Sociodemográfico (APÊNDICE 4), com o intuito de conhecer melhor os sujeitos da pesquisa.

Quadro 3 – Identificação dos participantes do estudo

IDENTIFICAÇÃO ¹	IDADE	SEXO	ESTADO CIVIL	PROFISSÃO	ESCOLARIDADE
S1 (RA)	79	F	Viúva	Professora	Ensino Superior
S2 (RA)	64	F	Solteira	Médica	Ensino Superior
S3 (RA)	85	M	Viúvo	Comerciário	Ensino Médio
S4 (RA)	80	F	Divorciada	Servidora Pública	Ensino Fundamental
S5 (RB)	78	F	Viúva	Empresária	Ensino Fundamental
S6 (RB)	85	F	Viúva	Servidora Pública	Ensino Superior
S7 (RB)	89	F	Viúva	Empresária	Ensino Superior
S8 (RC)	88	F	Viúva	Artista Plástica	Ensino Médio
S9 (RC)	78	M	Viúvo	Agricultor	Ensino Fund. Inc.
S10 (RC)	84	M	Viúvo	Comerciário	Ensino Fundamental

¹ RA: visitas mensais; RB: visitas quinzenais; RC: visitas semanais.

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Como se pode ver, os dados apontam somente 1 participante com faixa etária inferior a 70 anos, 4 idosos com faixa etária entre 71-80 e 5 idosos na faixa 80+. Quanto à sua formação, 40% dos idosos possuem Ensino Superior; 20% Ensino Médio; 40% Ensino Fundamental, sendo que, deste total, 1 registrou ter concluído apenas o grau primário (4ª série). No que diz respeito às suas profissões, variaram entre: 2 comerciários, 2 empresárias, 2 servidoras públicas, 1 artista plástica, 1 professora, 1 médica e 1 agricultor. Portanto, de forma geral, pode-se dizer que se trata de uma população com diferentes graus de escolaridade e formação profissional, podendo apresentar, também, diferentes níveis econômicos. Essas informações foram coletadas com o intuito de comparar se a escolaridade e a profissão influenciavam na forma como o idoso interagira ou vinculava com os animais. Entretanto, conforme registro em diário de campo, não se percebeu influência dos fatores socioeconômicos acima listados na forma como os idosos interagiram com a Pet Terapia. O que a pesquisadora notou é que, normalmente, os idosos com escolaridade de nível superior estavam agrupados conversando e interagem mais entre si na hora da atividade: por exemplo, as idosas S1 e S2, que eram professora e médica, respectivamente. Como se pode ver acima, o quadro demonstra que nenhum dos idosos da pesquisa vive com seu parceiro no local. Outro aspecto a ser destacado: ao adentrar nas instituições, a pesquisadora era esperada por eles, que estavam, na maior parte das vezes, sentados individualmente na sala; porém em grande grupo, acompanhados dos demais idosos residentes e/ou equipe técnica. Por vezes, também, estavam lendo ou

assistindo TV e recebiam-na com sorrisos e com a mesma pergunta em relação aos animais participantes: “*Quem veio hoje?*”.

De acordo com Dias *et al.* (2014), à medida que a população envelhece, os índices de transtornos cognitivos tendem a aumentar, pois, além de fatores como idade e escolaridade, a condição social em que o idoso se encontra inserido influencia para o declínio do estado cognitivo. Levando em consideração essa afirmação e as anotações do diário de campo da pesquisadora, a maior parte dos sujeitos demonstrou, em suas observações, um declínio cognitivo ao longo do período de interação nessas instituições.

O S10, por exemplo, ao princípio das atividades com os animais, era um dos idosos que mais participava, chamando os demais para aderir ao contato e auxiliando a pesquisadora com aqueles com maior dificuldade de interação ou, até mesmo, de aceitação quanto à atividade. Ele participava ativamente em outras atividades da ILPI (como ajudar a servir e retirar o café da tarde – e fazia isso por vontade própria, por se sentir útil). Recebia a vista da Pet Terapia sempre na porta, curioso por saber quem viria e logo o levava para seu quarto e, ao final das observações da pesquisa, já não sabia mais o dia em que havia a atividade com os animais, sendo sempre necessário chamá-lo em sua cama e convidá-lo a participar. De igual maneira, sempre participava; porém, não com o mesmo entusiasmo. Quando questionado, a resposta era sempre a mesma: “*Ah ... eu já tô muito velho pra isso*”.

Outro sujeito que demonstrou muito declínio foi a S6, que, infelizmente, veio a falecer no mês de abril desse ano. Ela era muito participativa: tirar um sorriso dela era muito fácil. Ela se autointitulada como a “Garota propaganda da Pet Terapia” e mostrava-se muito lúcida e participativa. Costumava comentar sobre o estado de ânimo de todos os residentes quando a pesquisadora chegava para fazer a atividade com o animal. Entretanto, no início de 2020, a pesquisadora começou a perceber nela um estado de ânimo abalado, triste, apático. Conservava, porém, sua vontade de participar das AAAs, solicitando, muitas vezes, mesmo acamada, a visita dos bichinhos na cama. Aproveitava o momento para sempre reclamar de algo (comida, cuidador, enfermeira, seu estado de saúde), mas, mesmo com essa mudança brusca de estado de humor, continuava com seu sorriso largo, demonstrando-se a participante mais entusiasmada com a Pet Terapia em sua

instituição. Eram esses, talvez, alguns dos poucos momentos de risada dela, diante de um quadro terminal, em que as dores físicas estavam constantemente presentes.

Souza (2015, p. 246-247) descreve o comportamento esperado de alguns idosos em fase terminal:

Neste momento, o conflito se estabelece e se apresenta de maneira surpreendentemente incontrolável. A raiva, a desolação, o sentimento de impotência, a negação e a não aceitação do diagnóstico se tornam avassaladores. [...] contar com o apoio da equipe médica, que deve mostrar-se compreensiva, buscando a melhor forma de atender as necessidades do paciente e de seus familiares, é fundamental nesse momento tão crucial. Ao sentir-se acolhidos, sobretudo pela equipe médica, os pacientes e familiares reagem motivados pela confiança e esperança de dias melhores.

Essas observações são importantes apontamentos a serem considerados quanto ao declínio cognitivo presente de forma tão marcante em alguns idosos participantes. Contudo, mesmo com esses declínios, as atividades com os animais demonstraram-se favoráveis, por auxiliar os idosos em suas interações, manifestação de sensações, com expressões faciais e sorrisos, por exemplo.

O Gráfico 1 descreve o tempo que cada idoso reside na instituição, a fim de explicitar a duração da relação que estes têm com os animais das AAAs; cabendo recordar que, um dos critérios de inclusão nesta pesquisa, era os idosos estarem participando das AAAs há pelo menos 6 meses.

É importante relatar, aqui, o tempo de trabalho da pesquisadora em cada instituição com a finalidade de contrastar o engajamento e o tempo de contato dos idosos com os animais. A pesquisadora trabalha na “RA” há 5 anos, na “RB” há 3 anos e na “RC” 7 há anos, atuando quanto à inter-relação entre o idoso e os animais.

Gráfico 1 – Tempo de Permanência na ILPI



Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Conforme mencionado anteriormente, as ILPIs selecionadas já tinham AAAs há pelo menos 2 anos. O gráfico acima apresenta 1 sujeito residindo na instituição há 6 meses; 1 sujeito, há 9 meses; 2 sujeitos, há 1 ano; 3 sujeitos, há 2 anos; 1, há 3 anos; 1 há 4 anos; e 1, há cinco. Considerando as informações sobre o tempo de trabalho da pesquisadora em cada instituição, com exceção da S5, todos os outros idosos passaram a morar na ILPI depois que as atividades com animais já estavam acontecendo – S5 já residia na ILPI quando a pesquisadora iniciou o trabalho com os animais. Conforme apresentado na ilustração acima, 60% dos idosos que responderam a essa pesquisa já participavam das AAAs há pelo menos 2 anos com esses mesmos animais, o que auxilia a expor com mais facilidade suas experiências e sentimentos com relação aos animais e às atividades.

3.6 CRITÉRIOS

3.6.1 Critérios de Inclusão

Foram incluídos na pesquisa idosos que participaram das atividades assistidas com animais há pelo menos seis meses, nas ILPIs, que receberam os mesmos animais para as sessões. Os participantes da pesquisa selecionados foram aqueles que estiveram em condições cognitivas de entender o questionário e a entrevista semiestruturada e que obtiveram a pontuação mínima de 20 no Mini-Exame do Estado Mental (MEEM – ANEXO 1).

3.6.2 Critérios de Exclusão

Foram excluídos da pesquisa idosos que não tinham condições cognitivas de entender o questionário e a entrevista semiestruturada elaborados pela pesquisadora e que não obtiveram a pontuação mínima de 20 no MEEM.

3.7 INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO

3.7.1 Mini-Exame do Estado Mental (Mini-Mental - MEEM)

O Mini-Exame do Estado Mental (MEEM – ANEXO 1) é um instrumento de avaliação das funções cognitivas (FOLSTEIN *et al.*, 1975; BERTOLUCCI *et al.*, 1994; BRUCKI *et al.* 2003). É composto por questões que avaliam orientação para tempo, orientação para local, registro de três palavras, atenção e cálculo, lembrança de três palavras, linguagem e capacidade construtiva visual. O escore pode variar de zero até 30 pontos (FOLSTEIN *et al.*, 1975).

Nesta investigação, foi utilizada a versão em português, traduzida por Bertolucci *et al.* (1994), cuja pontuação é baseada na escolaridade como o principal fator de influência no desempenho dos indivíduos. O escore mediano por escolaridade foi para analfabetos e/ou uma população normal para idosos 20 pontos; portanto, o ponto de corte desta pesquisa foi 20.

3.7.2 Questionário Sociodemográfico

O Questionário Sociodemográfico foi um instrumento estruturado elaborado pela pesquisadora sobre as características sociodemográficas dos sujeitos para obter maiores detalhes sobre a população do estudo.

Segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 52-53), este tipo de instrumento se circunscreve às etapas descritivas de uma pesquisa, fase do estudo em que:

os fatos são observados, registrados, analisados, classificados e interpretados, sem que o pesquisador interfira sobre eles, ou seja, os fenômenos do mundo físico e humano são estudados, mas não são manipulados pelo pesquisador.

Para tanto, construiu-se um formulário padronizado, envolvendo algumas variáveis sobre sexo, idade, escolaridade e envolvimento com animais ao longo da vida, conforme consta no Apêndice 3 desta dissertação.

3.7.3 Entrevista Semiestruturada

O uso da entrevista semiestruturada, neste estudo, justificou-se pelo fato de ser uma técnica que valoriza a fala dos entrevistados (APÊNDICE 4). Foram propostas questões básicas e os pesquisados é quem formularam suas respostas com base nas suas experiências e sensações vivenciadas pela intervenção proposta. A partir das respostas de cada entrevistado, novas questões foram sendo formuladas pelo pesquisador auxiliar. Algumas das perguntas dessa entrevista foram baseadas no questionário de Pinho (2014).

As entrevistas foram gravadas através de um gravador de voz e posteriormente transcritas. No decorrer dessa ação, foram produzidos ajustes textuais (correção de problemas gramaticais e supressão de vícios de linguagem), atentando para o fato de que tais modificações não alterassem o sentido das afirmações (BARDIN, 2016).

3.7.4 Diário de Campo

Foi necessária, também, a utilização de um diário de campo, para controlar e monitorar as atividades realizadas na intervenção e para assegurar a confiabilidade dos dados a serem obtidos. Os registros no diário de campo foram iniciados após a data da aprovação do projeto no Comitê de Ética e Pesquisa, descrevendo um período de intervenção que foi de julho de 2019 a dezembro de 2019. Constaram no diário: o tipo de animal, a frequência de realização das atividades e o comportamento dos idosos.

A opção por utilizá-lo em cotejo com as entrevistas, a serem analisadas através da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2016), justifica-se pelo compromisso de reportar fielmente o contexto em que se deu esta pesquisa e o universo de sentido dos participantes, como bem sintetizam Afonso *et al.* (2015, p. 134):

O diário de campo relativiza o universo da pesquisa a partir da problematização e da comparação das diferenças entre modos de vida, descobrindo e desnaturalizando os comportamentos observados. Sua escolha evidencia a preocupação dos pesquisadores pela relação estabelecida com os pesquisados, tornando-os interlocutores e caracterizando essa relação como uma via de mão dupla [...].

Os comportamentos analisados foram tanto verbais quanto não verbais. Buscou-se, também, conversar com a equipe e com cada idoso sobre seu estado de humor e saúde para contrastar com a atividade. A pesquisadora registrou, nesse diário de campo, o desempenho de cada idoso em cada atividade, após as sessões, a fim de verificar se mudavam seus comportamentos no decorrer da seção.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO

4.1 APROXIMAÇÃO COM O PÚBLICO-ALVO DA PESQUISA: OS IDOSOS E SUA RELAÇÃO COM OS ANIMAIS

Conforme descrito na metodologia e no roteiro reproduzido no Apêndice 4, com o objetivo de compreender as experiências prévias e apreciações dos idosos – no total, 10 respondentes – quanto à interação com animais, foram desenvolvidas oito perguntas iniciais, com respostas fechadas.

Segundo Paschoal (2016, p. 267),

o avanço da idade aumenta a chance de ocorrência de doenças e de prejuízos à funcionalidade física, psíquica e social. Mais anos vividos podem ser anos de sofrimento para os indivíduos e suas famílias; anos marcados por doenças, com sequelas, declínio funcional, aumento da dependência, perda da autonomia, isolamento social e depressão. No entanto, se os indivíduos envelhecerem com autonomia e independência, com boa saúde física, desempenhando papéis sociais, permanecendo ativos e desfrutando de senso de significado pessoal, a qualidade de sua vida pode ser muito boa.

Visando investigar exatamente o significado pessoal que os participantes atribuem à Pet Terapia, organizamos esta pesquisa.

As perguntas serão discutidas nesta seção através da apresentação e da análise de gráficos e quadros. Na seção seguinte, apresentaremos as categorias de análise e, posteriormente, discutiremos os dados qualitativos advindos da interação da pesquisadora com os idosos.

Quadro 4 – Quantidade de animais de estimação que os idosos tiveram ao longo da vida

PARTICIPANTES	RESPOSTAS
S1	5
S2	2
S3	Não soube indicar a quantidade
S4	5
S5	4
S6	15
S7	1
S8	5
S9	2
S10	1

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

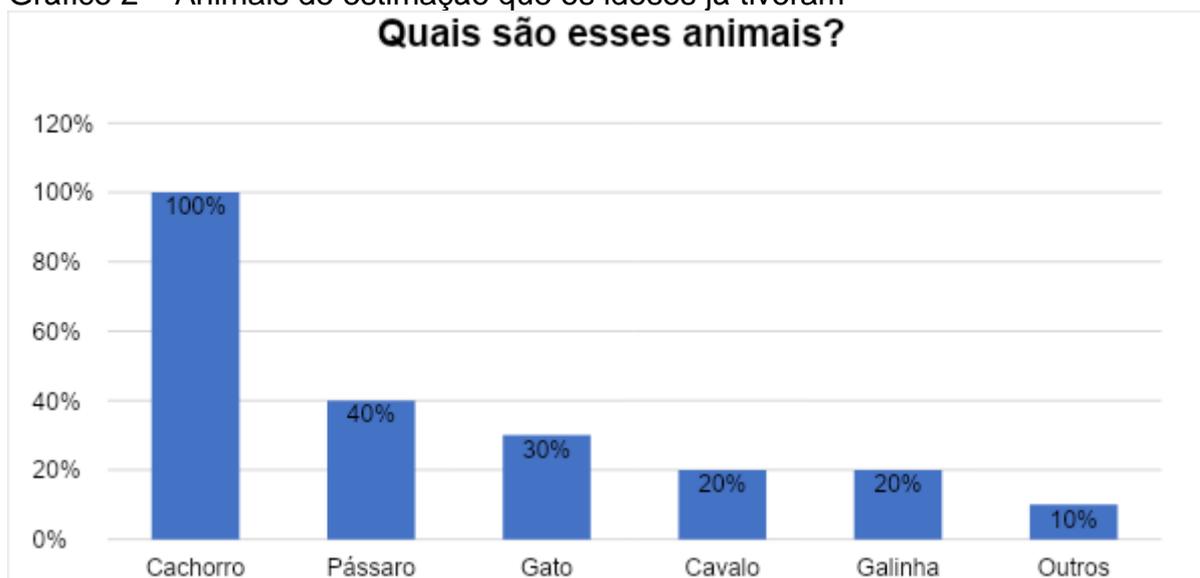
A pergunta “Desde o seu nascimento até o presente momento, você teve ou tem algum animal de estimação? Se sim, quantos?” foi feita para poder entender um pouco o histórico que o idoso teve ao longo de sua vida com os animais. Como se pode ver no Quadro 4, 3 idosos tiveram 5 animais de estimação; 2 tiveram 2 animais de estimação; 2 tiveram 1 animal; 1 idoso teve 4 animais; 1 idoso teve 15 animais e 1 idoso não respondeu, por não saber a quantidade exata. O que é importante ressaltar é que todos tiveram animais de estimação ao longo da vida e 3 dos 10 recordam ter tido, pelo menos, 5 animais de estimação. No gráfico e no quadro 5 apresentaremos quais foram esses animais.

Quadro 5 – Animais de estimação que os idosos já tiveram

PARTICIPANTES	RESPOSTAS
S1	Cachorro, Gato, Pássaro, Peixe, Coelho, Tartaruga
S2	Cachorro, Gato
S3	Cachorro, Pássaro, Cavalo, Ovelha, Galinha, Vaca
S4	Cachorro, Pássaro
S5	Cachorro, Porco, Galinha
S6	Cachorro, Gato
S7	Cachorro
S8	Cachorro, Pássaro, Peixe
S9	Cachorro, Cavalo
S10	Cachorro

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Gráfico 2 – Animais de estimação que os idosos já tiveram



Fonte: Elaborado pela autora (2020).

O objetivo desta pergunta foi buscar entender o tipo de vínculo que os sujeitos possuíam com os animais de estimação com os quais tiveram contato. Conforme apresentado acima, todos os idosos (100%) responderam que tiveram cães ao longo de suas vidas, 3 idosos (30%) disseram ter gato e o mais interessante foi que 4 idosos (40%) referiram ter pássaros, ou seja, um número maior do que de gatos. De acordo com o Instituto Pet Brasil (2019), o gato é o segundo animal mais presente nas casas dos brasileiros. 2 idosos relataram ter tido peixes como animais de estimação e somente 1 idoso (10%) relatou ter coelho e tartaruga. É interessante observar que 3 idosos (30%) descrevem animais de fazenda – porco, ovelha, cavalo, vaca e galinha – como seus animais de estimação.

A pergunta seguinte – “Se não tiveste animal de estimação, gostarias de ter tido?” – não foi respondida por nenhum sujeito, pois todos os idosos referiram ter tido animal de estimação ao longo de suas vidas.

No gráfico 3, descreveremos onde ocorria a relação dos idosos com seus animais de estimação.

Gráfico 3 – Localização dos animais na moradia



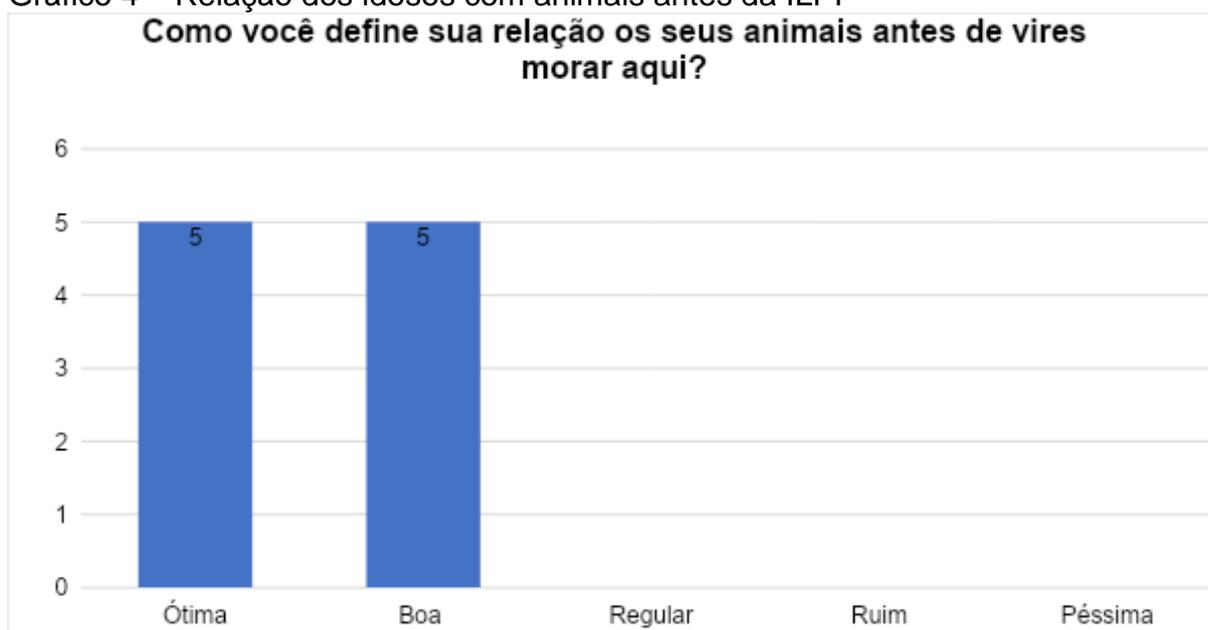
Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Essa pergunta foi criada com a finalidade de buscar entender mais detalhadamente a relação do idoso com seus animais de estimação. Muitas conversas informais com os idosos dentro das ILPIs levaram a pesquisadora a entender que, antigamente, eles não tinham tanta aproximação com os animais

como nos dias de hoje. Cabe destacar, entretanto, que estão sendo pesquisados somente idosos que participam das AAAs e, supostamente, eles gostam de animais.

Assim, esse gráfico demonstra que 40% dos idosos, ou seja, 4 dos 10 sujeitos da pesquisa criavam seus animais de estimação somente do lado de fora de suas casas, sem poder ter acesso ao interior das residências; ao passo que 20% criavam os animais dentro de suas casas, sem poder sair para a rua. Esse tipo de resposta é comum às pessoas que têm gatos, pois, por vezes, não permitem que estes saiam às ruas para não se perder; ou, ainda, pode se tratar de pessoas que moram em apartamentos e não possuem pátio. De qualquer forma, entendemos que um animal criado dentro de casa tem mais contato com os membros da família comparado com aquele criado somente do lado de fora da casa, como em um pátio ou varanda. Dando continuidade à análise, vemos que os outros 40% dos sujeitos responderam que criavam seus animais livres pela casa, isto é, tanto dentro quanto fora de casa, podendo estes ter esse acesso livre quando quisessem. Por fim, é importante ressaltar também que a resposta: “Gaiola/Corrente” era um outro item que poderia ter sido contabilizado, mas nenhum idoso respondeu a essa alternativa. Pode-se ler esse gráfico considerando, por fim, uma soma dos animais que vivem dentro de casa e livres pela casa (60%), pois ambos possuem uma liberdade maior de circular pela casa e podem escolher estar perto do proprietário, o que representa uma percepção positiva em relação a essa convivência.

Gráfico 4 – Relação dos idosos com animais antes da ILPI

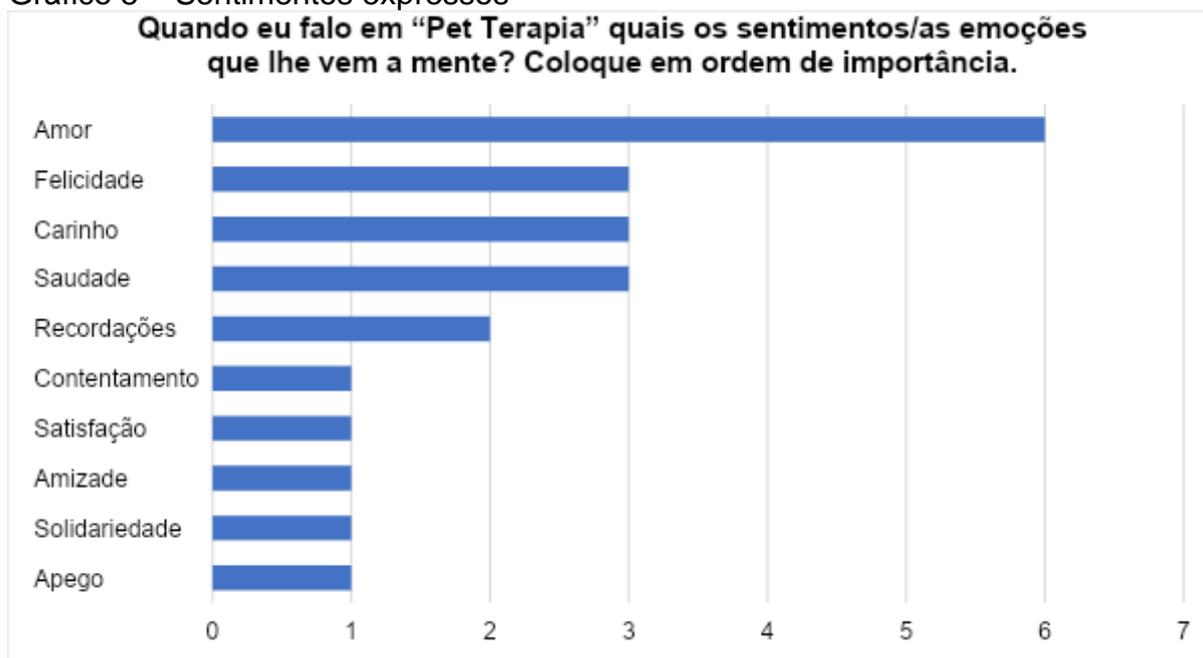


Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Essa questão foi formulada com a ideia de saber se a relação do idoso com animais de estimação mudou com a inserção das AAAs nas ILPIs. 50% dos participantes responderam que era ótima e 50% respondeu que era boa. Nenhum idoso disse ter tido uma relação regular, ruim ou péssima.

Apresentaremos, formalizados no gráfico e no quadro seguintes, os sentimentos identificados pela pesquisadora nas respostas dos participantes.

Gráfico 5 – Sentimentos expressos



Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Quadro 6 – Emoções/Sentimentos

PARTICIPANTES	RESPOSTAS
S1	Saudade, Amor, Carinho
S2	Amor, Apego, Carinho
S3	Solidariedade, Amizade
S4	Amor, Saudade
S5	Felicidade
S6	Amor, Recordações
S7	Amor, Carinho
S8	Amor, Satisfação
S9	Recordações, Saudade, Felicidade
S10	Felicidade, Contentamento

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

O gráfico acima representa as emoções e os sentimentos que os idosos que participam das AAAs dizem sentir ao escutar a expressão “Pet Terapia”, conforme questionado pela questão: “Quando eu falo Pet Terapia, quais as emoções/os sentimentos que lhe vem à mente? Coloque em ordem de importância”. Eles deveriam dizer as palavras por ordem de importância com relação aos sentimentos mais latentes. A esse respeito, no diário de campo da pesquisadora, foram apontadas manifestações como:

“Mas esses bichinhos transmitem uma paz, uma alegria... Eu que estava aqui triste, pensando na falta que meu filho me faz e tu vem com esses passarinhos pra me fazer sorrir. É muito amor que eu sinto... muito amor por eles, por você. Obrigada, [pesquisadora].”⁷ (S6)

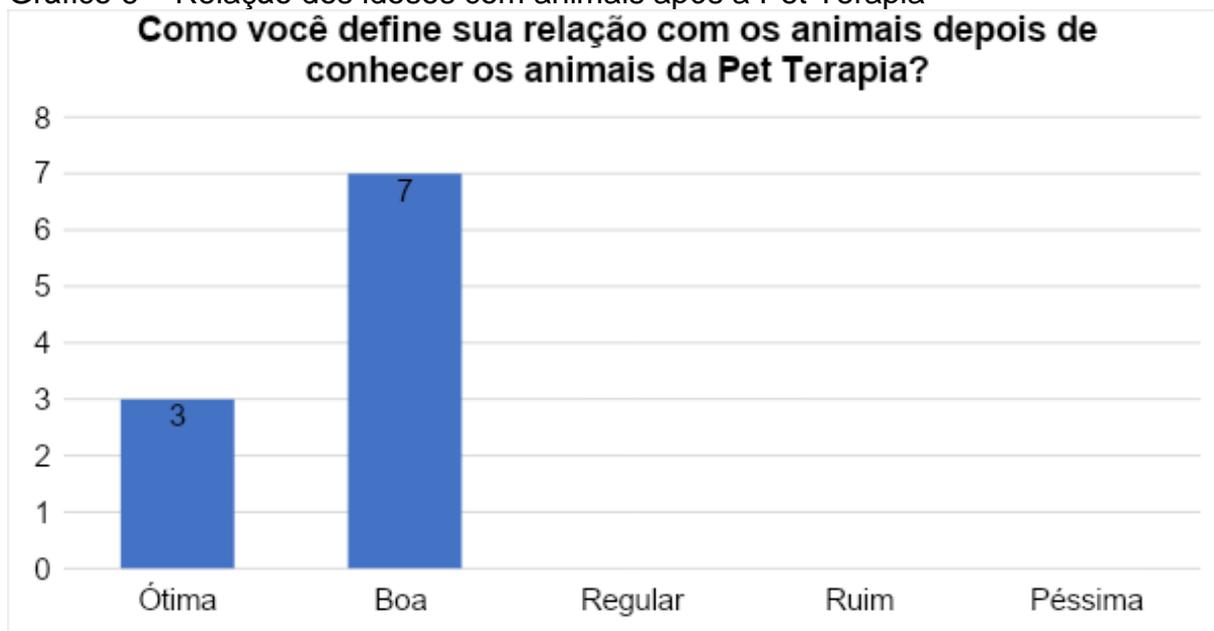
Quanto às emoções, Bárbara Fredrickson (2001, p. 219, *tradução nossa*) afirma:

Normalmente, uma emoção começa com a avaliação individual do significado pessoal de algum evento antecedente. Este processo de avaliação pode ser consciente ou inconsciente, e aciona um efeito cascata com tendências a respostas manifestadas através de experiências subjetivas como expressão facial, processamento cognitivo e alterações fisiológicas. O afeto, de um modo geral, refere-se a sentimentos conscientemente acessíveis. Embora afeto esteja presente nas emoções (como o componente da experiência subjetiva), ele também está presente em muitos outros fenômenos afetivos, incluindo sensações físicas, atitudes, humores, e até mesmo traços afetivos.

Por essa razão, foi adicionado um quadro com a ordem das palavras de cada sujeito: 60% deles falaram a palavra “amor”, sendo que, dos 6 sujeitos que a mencionaram, 5 usaram-na em primeiro lugar e 1 a disse em segundo, priorizando a palavra “saúde” antes. As demais palavras foram ditas por 30% dos idosos: “felicidade”, “carinho” e “saúde”; 20% mencionaram “recordações” e 10% disseram as palavras: “contentamento”, “satisfação”, “amizade”, “solidariedade” e “apego”.

⁷ Na transcrição das entrevistas, foram respeitados o vocabulário empregado pelos participantes, bem como variações dialetais, como “tu vai”, “tu vais”; não sendo realizada, nos trechos registrados nesta dissertação, nenhuma correção de cunho gramatical. Quanto à pontuação, foram registradas conforme convenções gerais da língua escrita, indicando-se pausas e supressões com o emprego de reticências, “...”, “[...]”, respectivamente.

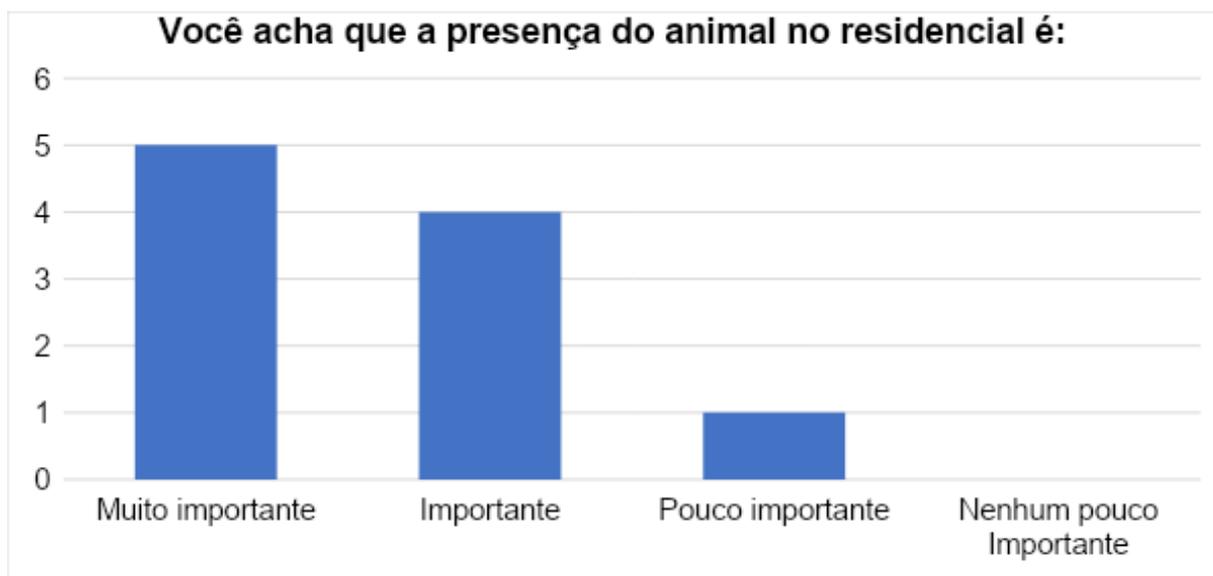
Gráfico 6 – Relação dos idosos com animais após a Pet Terapia



Fonte: Elaborado pela autora (2020).

No gráfico acima, estão registradas as respostas ao questionamento quanto à relação dos idosos com os animais depois de conhecer os animais da Pet Terapia. O objetivo dessa questão era saber se houve alguma diferença na relação que o idoso estabelecia com o seu animal de estimação e com os animais depois de ter estado em contato com os animais da AAA. Três idosos responderam que sua relação com os animais é ótima e sete que é boa. Nenhum participante respondeu regular, ruim ou péssima. Comparando com o Gráfico 2, que traz as respostas sobre seus animais de estimação, o número de respostas “Ótima” foi maior anteriormente. Acredita-se que isso possa ter acontecido devido aos animais da AAA não viverem no local, e/ou por eles não considerarem os animais da AAA como seus animais de estimação.

Gráfico 7 – Presença dos animais na ILPI



Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Nesse gráfico, pode-se aferir a importância das AAAs dentro das ILPIs, de acordo com os sujeitos da pesquisa. Percebe-se que 50% dos idosos consideram a presença dos animais muito importante no residencial; 40% considera importante, 10 pouco importante e nenhum idoso referiu as AAA como sem importância. Essa questão vem ao encontro da questão que explicita positivamente a razão pela qual existe esse tipo de atividade dentro das ILPIs. Becker (2003, p. 211, *tradução nossa*) demonstra esse benefício ao indicar que:

muitos idosos acreditam que todas as coisas boas ocorreram no passado. Para eles, os dias passam como páginas viradas no calendário. Os animais trazem os idosos para o presente, para o momento. Os estudos que indicam que afagar um animal diminui a frequência cardíaca, a pressão e o estresse confirmam o mesmo fenômeno: o animal traz a pessoa estressada e hipertensa, de qualquer idade, para o presente. Através do animal, a pessoa descobre uma coisa que vale a pena no presente, aqui e agora.

As IAAs comprovam que o contato com animais influencia positivamente na qualidade de vida das pessoas, oferecendo uma via para o tratamento de doenças. Em relação aos idosos, como aponta Chandler (2011), às IAAs apresentam relatos com efeitos positivos e concomitante redução, inclusive, do uso de medicamentos.

O quadro 7 traz as respostas sobre o grau de importância das AAAs dentro das ILPIs, a partir da pergunta: “Por que você acredita que exista esse tipo de atividade (Pet Terapia)?”.

Quadro 7 – Importância das AAAs, na visão dos idosos pesquisados, nas ILPIs

PARTICIPANTES	RESPOSTAS
S1	<i>“Fazer os idosos se sentirem mais aconchegados; terem mais atenção das pessoas”</i>
S2	<i>“Interagir com os vovôs”</i>
S3	<i>“Estreitar o relacionamento dos bichos com as pessoas”</i>
S4	<i>“Alegrar as pessoas”</i>
S5	<i>“Há pessoas que se relacionam bem com animais”</i>
S6	<i>“Ensina amar os animais”</i>
S7	<i>“Precisamos de amor e carinho”</i>
S8	<i>“Faz bem para as pessoas”</i>
S9	<i>“Fazer o bem para os velhinhos”</i>
S10	<i>“Fazer as pessoas se sentirem bem”</i>

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Analisando os trechos de entrevista acima, pode-se constatar que todas as respostas trazem aspectos relativos ao bem-estar das pessoas que interagem, pois todos os idosos relacionam que as atividades são benéficas devido à presença dos animais. A expressão “fazer bem” esteve presente em 3 respostas. Fragmentos textuais como “amar”, “sentir bem”, “fazer o bem”, “interagir”, “aconchegados”, “estreitar relacionamento”, “alegrar”, “amor e carinho” foram expressos nessas respostas – todas de caráter positivo, pois manifestam sensações agradáveis nos idosos.

É importante ressaltar que, conforme mencionado na metodologia, nas transcrições não foram produzidos ajustes textuais (correção de problemas gramaticais e supressão de vícios de linguagem), atentando para o fato de que tais modificações podem interferir no sentido das afirmações (BARDIN, 2016). Dessa forma, não foram alteradas as estruturas das frases, nem os tempos verbais, sendo esses registrados conforme a fala dos idosos. Dito isso, cabe destacar que muitos idosos direcionavam as respostas referindo-se aos demais residentes da instituição sem incluir a si próprios como integrantes dessa parcela da população, como se pode ver na resposta de S9: “Fazer o bem para os velhinhos”.

Em pesquisa realizada por Odendaal e Meintjes (2003) com 18 sujeitos, tematizando os efeitos fisiológicos do contato dos homens ao acariciar e conversar com seus cães, como resultados, observou-se que os índices de oxitocina duplicaram tanto nos animais quanto nos proprietários. O estudo também conseguiu detectar um decréscimo da pressão sanguínea e do cortisol em ambos os grupos. Por fim, a pesquisa também demonstrou que houve um acréscimo em beta endorfinas e dopaminas produzidas pelos humanos. Tocar, acariciar e segurar um animal de estimação tem ocasionado uma redução da frequência cardíaca em humanos.

Feita essa contextualização, na seção seguinte, passaremos a exposição das categorias de análise.

4.2 CATEGORIAS DE ANÁLISE

Nesta seção, apresentaremos as categorias que serão analisadas para discussão dos resultados encontrados no material coletado em contraste com os achados da pesquisadora anotados em seu diário de campo.

Segundo Bardin (2011), as categorias são classes que reúnem grupos de elementos com as mesmas características. O objetivo de se estabelecer categorias é fornecer representação simplificada dos dados brutos da pesquisa, ou seja, agrupar as citações de significado comum dos sujeitos da pesquisa e nomeá-las. Na análise qualitativa, é a presença ou a ausência de uma característica de conteúdo ou de conjunto de características num determinado fragmento de mensagem que é tomada em consideração.

Os dados desta pesquisa, portanto, foram analisados por meio da Análise de Conteúdo, que busca os significados manifestos e latentes no material qualitativo. As diferentes fases de análise de conteúdo organizam-se em torno de três polos cronológicos: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados, por inferência e interpretação (BARDIN, 2011). A seguir, explicaremos a forma como foi analisada cada fase desta pesquisa.

Operacionalmente, a análise temática compreende três fases (BARDIN, 2011; 2016; MINAYO, 1994):

- a) **Fase da pré-análise:** consiste na análise das entrevistas, reformulando-as frente ao material coletado; e na elaboração de indicadores que orientem a interpretação final. Para atingir tal fim, o(a) pesquisador(a) entra em contato exaustivo com a material coletado, tentando organizá-lo de forma que atenda aos aspectos apresentados pelo roteiro, obedeça aos critérios precisos de escolha dos temas e esteja adequado aos objetivos do trabalho;
- b) **Fase da exploração do material:** fase de codificação do material, o texto é recortado em unidades de registro, que podem ser: uma palavra, uma frase, um tema, um acontecimento. Para realizar a classificação e agregação dos dados, é preciso escolher as categorias teóricas ou empíricas que irão determinar a especificação dos temas;
- c) **Fase dos tratamentos dos resultados, inferências e interpretação:** as inferências são feitas e são realizadas as interpretações teóricas sugeridas pela leitura do material.

Tendo isso em vista, passemos à descrição do processo de análise realizado em nossa investigação:

1. **Pré-análise:** Após as transcrições das fitas, as falas (entrevistas) foram agrupadas nas tabelas, conforme as perguntas que as motivaram, sendo identificadas quanto ao sujeito respondente;
2. **Fase de exploração do material (Categorização):** Depois que as respostas foram tabeladas, a pesquisadora realizou uma leitura flutuante, na qual sublinhava as citações semelhantes em cada resposta, agrupando as falas de cada um em categorias. Isso facilitou a visibilidade das emoções e comportamentos apresentados. É importante ressaltar que houve uma categoria (medo) que foi manifestada verbalmente na entrevista por somente um sujeito e não apresentou evidências diretas em outros idosos; porém, a pesquisadora destacou-a como categoria, pois apareceu muitas vezes em suas observações no diário de campo.

Sendo assim, os resultados foram categorizados em cinco núcleos temáticos:

- **“Afeto”**: muito demonstrado pelos idosos através da fala e de gestos corporais, o afeto pelos animais foi expresso nas respostas de cada idoso e também é muito referido pelos responsáveis pelas ILPIs;
- **“Lembranças”**: relacionadas à infância ou a um passado recente, como o último animal de estimação. Palavras e sentimentos como saudade e recordações foram mencionados ao longo das entrevistas pelos idosos;
- **“Importância”**: os idosos mencionam a importância da atividade com os animais como forma de trazer benefícios para eles e para o próprio animal;
- **“Preferência por animal”**: nesta categoria, foram registradas as preferências pelos *pets* das AAAs;
- **“Medo”**: apesar de ter aparecido somente na fala de um idoso, esse comportamento se manifestava no início da atividade, quando a pesquisadora chegava com o animal. Por exemplo: embora eles já conhecessem o animal, apresentavam o olhar de desconfiança seguido de uma pergunta do tipo: *“Ele morde?”* ou *“Ele bica?”*.

3. Tratamento dos resultados, inferência e interpretação: Após se encontrarem as categorias analíticas acima descritas, foram realizadas interpretações e inferências, relacionando-as com o diário de campo da pesquisadora, o que permitiu uma interface entre o estudado e o encontrado como resposta aos objetivos propostos.

4.3 DISCUSSÃO

Nesta seção, apresentaremos as categorias que emergiram das falas dos idosos participantes do estudo, quais sejam: “afeto”, “lembranças”, “importância”, “preferência por determinado animal” e “medo”. Segundo Bardin (2011, p. 147),

a categorização é a operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, em seguida, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos. As categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de

elementos (unidades de registro no caso da Análise de Conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão das características comuns destes elementos.

Tendo isso em vista, iniciaremos a análise aqui proposta a partir da categoria “afeto”, a qual obteve maior incidência nos discursos registrados.

4.3.1 Afeto

Escrever sobre afeto é escrever sobre sentimentos, emoções, empatia, carisma, é escrever sobre amor. Quando fizemos a leitura de estudos a fim de contextualizar esta categoria, pouquíssimo se encontrou o afeto sob o olhar do idoso institucionalizado. Há uma grande incidência de abordagens relacionadas ao familiar ou aos sentimentos que levam a família e o idoso a tomarem a atitude de fazê-lo morar em uma ILPI. Mas e depois? Como se sentem esses idosos? O que eles dizem? Com o objetivo de dar voz aos participantes, essa categoria trouxe à tona os sentimentos expressados do próprio idoso, em falas que advêm da interação da visita daquele que estará sempre demonstrando felicidade em encontrá-lo, daquele que se agrada até mesmo quando ele estiver triste ou desarrumado, daquele que, por mais complicado que tenha sido o dia, vai estar ali para dar suporte e amparo: um animal de terapia.

De acordo com Issa (2012, p. 139),

Os animais naturalmente passam a sensação de segurança pelo amor incondicional que demonstram, formando um ambiente seguro e sem ameaças. Eles são vistos como amigos especiais, seres que proporcionam interações sociais, afeição e apoio emocional. Indubitavelmente, os animais proporcionam um senso de acalento.

Durante o período de intervenção atinente a esta pesquisa, a pesquisadora observou nas sessões que, ao chegar, por vezes, havia um “ambiente pesado”, percebido pelo olhar cansado da equipe ou de alguns idosos. Houve outro momento, por exemplo, em que um dos residentes é internado no hospital e os demais estão preocupados. Ou, até mesmo, momentos nos quais o próprio idoso não está de bom humor por ter uma dor ou esperar um telefonema do familiar que não ligou, por exemplo.

Nesse contexto, os animais conseguem se fazer presentes, amenizando a ansiedade previamente instalada. Isso pode ser observado na fala de S8: “*Eu fico contente quando eles vêm aqui. O ambiente fica leve*”. Logo quando a pesquisadora chega na instituição e se apresenta na recepção, sempre pergunta para o responsável como estão todos. Muitas vezes, sente ser difícil prender a atenção de imediato, como de costume. Nesses dias mais “tensos”, ela percebe que o idoso não quer falar com ela, mas quer acariciar e ter a presença do animal por perto.

A sensação de vazio e/ou a solidão são, muitas vezes, observadas no olhar dos idosos quando termina a sessão e a pesquisadora precisa concluir as atividades. Embora a maioria dos idosos receba visita de seus familiares com frequência, muitos sentem ainda uma sensação de não estarem em casa, conforme apontam Soares *et al.* (2018, p. 6-7):

[...] nos dias atuais, nem sempre a família pode estar presente da forma como deseja junto ao idoso, [devendo] ser trabalhados fatores como a paciência para com o idoso, a atenção e o reconhecimento de sua contribuição social. Os profissionais da saúde, principalmente os enfermeiros que trabalham em ILP, devem favorecer ao idoso residente um relacionamento agradável e afetivo, minimizando, dessa forma, a angústia, a tristeza e o sentimento de solidão de alguns dos instituídos por estarem afastados dos familiares.

[...]

Diante da importância das ILPIs como espaços para o cuidado qualitativo ao idoso, recomenda-se que, em seu planejamento e implantação, sejam incluídas, além do conforto e acolhimento, ações que permitam ao residente manter sua autonomia, valorizando e fortalecendo sua autoestima e facilitando, assim, o enfrentamento no processo do envelhecer. Deve-se incentivar a adoção de estratégias que auxiliem o idoso a manter sua independência funcional, podendo sentir-se mais alegre, útil e estimulado a construir sonhos, dando suporte a novas criações e demonstrando que a internação não é o fim da vida, mas um novo recomeço. É o início de uma nova fase, em que as principais e fundamentais características são os cuidados, a qualidade de vida e o respeito ao idoso em sua nova condição social.

É nesse momento que o animal entra em cena junto com o profissional, para proporcionar a esses idosos um momento de alegria, descontração, desfoque da rotina diária, por vezes, de uma dor física ocasionada em decorrência da idade, ou dores emocionais advindas de um sentimento de vazio por não ter mais alguém que era de costume para conversar e preencher seu tempo. Assim, as IAAs entram em ação conjunta com outras atividades, como Musicoterapia e Terapia Ocupacional, para auxiliar a ILPI a transformar esse recomeço com qualidade de vida, dando

amparo ao residente. O animal é um elo, um facilitador, um auxiliar no vínculo do profissional que vai atender esse idoso.

Por incontáveis vezes, a pesquisadora chegou ao local com o animal e havia um profissional esperando na porta para realizar um procedimento no idoso. Certa vez, ela chegou com a cachorra, e o fisioterapeuta estava esperando para que a S8 fizesse a fisioterapia. Trata-se de uma idosa que tem muita atrofia muscular. Embora lúcida, queixa-se frequentemente de dores pelo corpo. Ela possui um vínculo muito forte com a cachorra Faith e não gosta de fazer os exercícios de fisioterapia, mas gosta muito de escovar e acariciar a cachorra. Então, o fisioterapeuta se utilizou de Faith para realizar os procedimentos de movimento de algumas musculaturas de S8. A pesquisadora pergunta para a idosa: *“E aí? Como tá essa escovada aí? A Pretinha [apelido dado a Faith por ela] tá adorando. Olha aí... bem relaxada!”*. E ela responde de imediato: *“Pensa que eu não percebi que ele tá querendo me mexer? Mas assim é bom. Nem percebo que tô me agitando aqui.”* E então o fisioterapeuta finaliza perguntando: *“Não tá com dor?”*, e ela responde: *“Não”*. Esse é um dos exemplos em que o idoso demonstra conforto ao estar em contato com o animal, o qual auxilia os profissionais da saúde a realizarem os procedimentos. São estratégias facilitadas pela presença do animal.

Abaixo serão citados outros exemplos de afeto em relação aos animais:

“Muitas vezes, eu só quero jogar a bolinha pra ela, conversar com ela e sentir ela pertinho de mim. Fico triste quando você sai e leva ela [cachorra] embora.”
(S4)

“Mas já acabou? Nossa! Passou muito rápido! E agora? O que eu vou fazer? Como eu queria esses passarinhos aqui o dia inteiro piando nos meus ouvidos.”
(S7)

Após esta afirmação, S7 segue fazendo carinho na cabeça do animal como se não tivesse sido comunicada sobre o término da atividade.

Isso também pode claramente ser observado na resposta de S6, quando questionado sobre o que acha das atividades com animais que são feitas na ILPI: *“o velho precisa doar o amor que ele tem”*, ou como na resposta de S10:

“Sabe? Eu até chego a trocar uma ideia com eles. Converso com eles e eles me respondem, acredita? Eles dão os ‘piuzinhos’ deles. Me sinto bem. É uma troca de favor, onde um ajuda o outro, penso eu.”

As falas dos idosos acima são bastante comuns no cotidiano do trabalho de atividades com animais dentro de ILPIs. Embora essas instituições sejam privadas e abranjam uma população de médio/alto poder aquisitivo, quando questionados pela pesquisadora, a maioria dos idosos recebe semanalmente a visita de um familiar. Eles justificam a frequência das visitas (ou ausência destas) que recebem pela falta de tempo dos familiares, devido a uma vida muito agitada. De acordo com Souza e Mendonça (2018, p. 134-135),

Até a metade do século passado, as famílias estavam organizadas para dar sustentação aos idosos e as crianças. Mudanças sociais importantes ocorreram na estrutura familiar quando as mulheres acessaram o mercado de trabalho, e com a carestia de empregados domésticos, as crianças e os idosos ficaram desassistidos.

Dessa forma, pode-se inferir que os idosos recebem os animais para preencher esse vazio, muitas vezes sentido devido à falta de visita frequente do familiar. Mesmo nos casos em que há visita diária do familiar, ela não costuma se estender por muito tempo.

A interação que o animal proporciona dentro de uma ILPI faz com que o idoso possa se sentir amado e desejado novamente, pois muitos relatam o sentimento de solidão. O animal treinado para a atividade responde sempre com um estímulo positivo. Frequentemente, o idoso abraça forte o animal, dizendo-lhe que o ama e beijando-o várias vezes. Essa demonstração de afeto do idoso para o animal pode ser pensada pelo não julgamento que o animal faz. O único objetivo que esse animal possui ali, naquele momento, é o de se doar. O *pet* não está preocupado se o idoso foi um bom pai no passado, nem tampouco se está falando palavras que possam constrangê-lo. O animal está ali puramente para receber e dar carinho. Esse animal deixa o idoso mais confortável para se entregar e receber carinho, livre de culpas, julgamentos e até possíveis ameaças. Pode-se constatar essa aproximação nas falas de S10 que expressou algumas vezes sua “tradução” para as expressões dos animais:

“Olha aqui, [pesquisadora]. Ele [Crystal – calopsita] não gosta que eu faça carinho no corpo dele. E ele deixa bem claro isso. Mas ele não me belisca com força, não! Mas ele vem com o bico como me dizendo que não quer.”

“Quando eu acho que ninguém mais lembra de mim, vem ela sempre abanando o rabinho e se acomodando pertinho aqui do meu lado.”

Idosa: *“Ahhh... Ela [Faith – cachorra] tá aqui deitada na cama comigo porque tu tá aqui junto, mas é só tu sair daqui que ela vai atrás de ti”.*

Pesquisadora: *“Não vem, não. Quer ver?”* – e saio do quarto e faço sinal gestual de “fica” com a mão, sem falar e saio. A Faith fica no quarto com ele e ele fica muito feliz, dizendo que essa era amiga de verdade dele.

Dando continuidade à expressão de afeto por outros idosos, temos:

“[...] com os coelhos colocam fitinhas, arrumam... Os bichos ficam perto delas... Os passarinhos ficam no ombro, na cabeça, é a coisa mais querida. Eles caminham no braço da gente. E a cachorra é muito gostoso de passar a mão naquele pelo cheiroso que ela vem... Ela pula no colo da gente! ‘Em mim, a [pesquisadora] não precisa nem mandar...’ Ela vem correndo e pula! Pula direto assim no meu colo no sofá! [risos]. A Faith, que em inglês significa fé... É FAITH é um amor só!” (S1)

A citação acima demonstra que a intervenção com os animais flui melhor onde os animais estão livres, em contato com as pessoas. Ao tomar conhecimento de outros trabalhos e projetos de AAA, a pesquisadora percebeu que, em algumas intervenções, a ave fica dentro da gaiola e os cães presos na guia, sem autonomia, para não acontecer acidentes. Conforme descreve Chandler (2011, p. 64-65, *tradução nossa*), um cão de intervenção assistida por animais:

Deve ser carinhoso, amigável e sociável com pessoas de todas as idades, etnias e ambos os sexos. Ele deve tolerar altos níveis de ruído e atividade. O cachorro não deve ser agressivo com outros cães, e é mais útil se o cão for amigável com outros cães também. O cachorro deve estar relativamente calmo. É imperativo que o cão seja obediente e fácil de controlar. Um cão de terapia precisa se sentir confortável em viajar em um carro. Deve ser confortável longe de casa ao visitar lugares desconhecidos e cumprimentando pessoas desconhecidas. E o mais importante, o cão precisa ter uma boa tolerância ao estresse. Cães agressivos ou com medo não são apropriados para trabalhos de terapia. Cães que latem continuamente também não são adequados para o trabalho terapêutico. Às vezes, é importante combinar a personalidade de um cão com a população que ele irá trabalhar. A maioria dos cães de terapia são versáteis o suficiente para servir qualquer grupo de trabalho; no entanto, certas características do cão podem sugerir um melhor ajuste entre o tipo de animal, comportamento e o cliente. Por exemplo, um cão jovem, mais

brincalhão pode ser mais apropriado para o trabalho com adolescentes de alta energia, considerando que um cão mais maduro e calmo pode ser mais adequado para clientes idosos ou crianças muito pequenas.

Assim, é importante ressaltar o treinamento e o preparo que esses animais devem ter para determinadas atividades. Quanto às falas registradas acima, cabe registrar: a cachorrinha Faith já convive com S1 há dois anos. A cachorra não pula em colos de pessoas que não conhece ou sem a instrução da pesquisadora, que deu o comando para a cachorra subir. Faith possui um treinamento específico, diferente dos treinamentos convencionais. A cachorrinha foi dessensibilizada para trabalhar como um cão de AAA. No caso aqui, de participantes idosos, Faith não pode pular (tendo em vista que poderia ocasionar a queda no idoso e machucá-lo), não deve latir para não assustar, não pode lambe, pois alguns idosos podem ter alergia e feridas abertas, e deve esperar o comando da condutora. Faith não pode aceitar comida do idoso sem permissão para isso. Ela está em constante treinamento para obedecer a esses comandos.

Muitas vezes, durante as visitas ou ao perceberem a chegada da pesquisadora com os animais, os idosos, que estavam sentados aguardando ou assistindo TV, afirmavam:

“Traz aqui! Traz aqui! Deixa eu pegar ele primeiro.” (S4)

Abaixo, seguem descritas outras demonstrações de afeto dos idosos.

“O animal sente quem gosta deles! Pode saber!” (S1)

“E aquelas caturritas também. Eu acho uma graça. Eles sobem no ombro e começam a picar no rosto.” (S2)

“Chamo as calopsitas de papagaio só para incomodar a [pesquisadora], é uma farra só [risos].” (S5)

“Porque eu acho eles muito frágeis e muito carinhosos, também. Ela [a pesquisadora] tem, por exemplo, uma caturrita que beija a mão e a boca da gente.” (S6)

“Os passarinhos, eu adoro!” (S7)

“Aqueles que vem aqui ficam no meu braço, no meu ombro me olhando... são muito bonitinhos.” (S7)

“É um bem-estar...” (S9)

“Ela [a cachorra] é muito mansa. Ela deita na cama da gente.” (S9)

“Ela [se referindo a cachorra] faz bem para as pessoas.” (S9)

“Eu gosto tanto deles que eu não gostaria ter que diferenciar um do outro. Gosto de todos eles.” (S10)

“[...] a cachorra já sentiu que aqui é bem tratada” (S10)

Ao total, foram relacionadas 21 citações dos pesquisados relacionando a categoria “afeto”. O quadro, a seguir, demonstrará a quantidade de citações referente a cada idoso.

Quadro 8 – Categoria “Afeto”

PARTICIPANTES	OCORRÊNCIAS DA CATEGORIA NAS ENTREVISTAS
S1	2
S2	1
S3	0
S4	2
S5	2
S6	2
S7	3
S8	1
S9	4
S10	4

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Esse quadro demonstra que quase todos os idosos utilizaram expressões afetivas, sendo que S10 e S9 foram quem mais demonstraram (4 vezes); S9 demonstrou 4 vezes; S7 demonstrou 3 vezes; S1, S4, S5 e S6 demonstraram 2 vezes; e S2 e S8 demonstraram 1 vez. De um modo geral, pode-se observar que os idosos expressam sentimentos ao falar das atividades com animais. Somente o sujeito S3 não utilizou nenhuma expressão afetiva em sua entrevista.

Conforme registrado pela pesquisadora em seu diário de campo, esse mesmo idoso (S3) recebe a visita dos *pets* no seu quarto, pois não participa de nenhuma atividade em grande grupo. Ele aceita a visita; interage pouco, mas com um sorriso; e faz perguntas sobre o animal, fazendo um carinho e sendo sempre muito educado. Ele demonstra afeto, uma vez que interage, dando bolachas para a calopsita, fazendo carinho nela e permitindo que a cachorra suba em sua cama para acariciá-la enquanto está deitado. S3 reside nessa ILPI dividindo o quarto com sua filha deficiente mental e com cegueira. Ela tem muito medo de animais. A pesquisadora, mantendo distância com o animal para não a amedrontar mais, sempre convida a filha, perguntando se ela gostaria de acariciar ou conhecer um animal. Ela responde, sempre muito educada, que não. Em uma das intervenções, a pesquisadora saiu da atividade e questionou a gerente do residencial sobre esse idoso, ao que ela respondeu: *“É o jeito dele assim, com todos, gentil educado, mas distante, com todos da família... comigo também. Demonstra carinho, mas raramente...”*. Dando continuidade, a pesquisadora questionou o motivo pelo qual ela acredita que ele seja assim. A resposta da profissional foi:

“Ele não quer se envolver emocionalmente. Ele quer se manter sempre firme para cuidar da filha... Demonstra isso sempre, nos cuidados com ela... É uma proteção. Acho que ele sempre foi assim, é o jeito dele, [sua] personalidade.”

Nesse sentido, convém mencionar Escobar e Zaslavsky (2013, p. 51-52):

Os mecanismos de defesa do ego, que, inicialmente eram concebidos por Freud como predominantemente patológicos, passaram a ser incorporados como parte essencial e integrante do desenvolvimento normal do indivíduo, exercendo um importante papel protetor e adaptativo. [...]
Quando rigidamente estruturados, os mecanismos de defesa podem comprometer a capacidade de pensamento, a afetividade, a flexibilidade do ego, levando o indivíduo a desenvolver processos psicopatológicos.

Portanto, pode-se inferir que essa superproteção em relação à filha e o isolamento quanto as demais atividades e pessoas da instituição são mecanismos que S3 impôs como condição para viver tranquilamente e não expor a filha.

4.3.2 Lembranças

Falar e escrever de lembranças com animais em uma pesquisa com idosos é ir ao encontro de histórias ainda ativas na mente deles e, na maioria das vezes, recordadas com carinho. O idoso, de modo geral, se conecta com seu passado saudável, no seu espaço próprio, no qual a família se faz mais presente. Nesse contexto, o animal é lembrado como um companheiro desse espaço e dessa família. Discutir a categoria lembrança é dialogar com as recordações de cada idoso. É se conectar com ele e sua família e também é, acima de tudo, conversar sobre emoções e sentimentos.

Segundo Marinho e Reis (2016, p. 245),

Ao rememorar, o indivíduo seleciona aquilo que deve ou não ser lembrado, escolhe algumas recordações e exclui outras (SOUZA, 2014). É partindo desse pressuposto que se pode afirmar que a memória é constituída sempre de um sentimento de identidade. Seja no coletivo, seja no individual, o indivíduo lembra apenas das coisas com que se identifica, sejam boas ou ruins [...].

Alguns idosos relatam o animal como parceiro de trabalho no campo como S9, que traz à tona recordações do tempo que trabalhava na companhia dos seus cachorros: *“Eu tinha um cavalo que eu trabalhava de laçar ele. Eu gostava bastante. E o cachorro saía junto para o campo. Eu estava sempre rodeado de cachorro com o cavalo, só que os cachorros ficavam fora de casa”* ou ainda lembranças das sensações de quando vivia “lá fora”: *“Sinto o mesmo quando eu estava lá fora. No campo, na fazenda”*. Como se pode perceber, o cachorro está presente nas boas recordações do idoso.

A pesquisadora registrou, em seu diário de campo, falas de S9 nas quais ele menciona boas recordações da sua vida. Certo dia, ele e a pesquisadora estavam sentados na área da frente da ILPI, dando pitangas colhidas da pitangueira em frente ao local para as duas calopsitas. Nessa roda de conversa, com um chimarrão rodando entre os idosos e as aves indo de ombro em ombro, S9 refletiu ao dar uma pitanga para Crystal: *“Tu vê como são as coisas... Há um tempo atrás eu estava lá fora, dando bolacha com café pro loro da minha vó. Eita tempo bão”*. Ao que S10 (são colegas de quarto e conversam muito entre eles) responde:

“É... mas que bom que hoje a gente tem esses bichinhos aqui pra fazer viver tudo isso. Não que eu ache que aqui a gente não tem coisas pra fazer. A gente tem sim; mas é que quando a [pesquisadora] vem aqui e traz eles, a tarde da gente passa rápido e a gente ocupa a cuca falando desses momentos que eram bons.”

E S9, afirmando positivo com a cabeça, complementa: *“É. Eu até tô sentindo o cheiro do café que a gente passava lá na fazenda. É tempo bom”*. A pesquisadora intervém questionando: *“E como é para vocês lembrar desses momentos com os bichinhos nessa época da vida de vocês?”*. S9 responde primeiro, dizendo: *“É saudoso”* e S10 complementa: *“É bom”*. Após essas respostas, S9 troca de assunto. As falas de S9 e S10 trazem muitas recordações boas, mas quando a pesquisadora tenta entrar um pouco mais a fundo nos sentimentos dessas memórias, as respostas se tornam rápidas, curtas e objetivas, e o assunto se encerra naquele mesmo momento. Nesse dia, o animal serviu como um estimulador, um ativador das memórias desses idosos, trazendo recordações que poderiam ter sido resgatadas com muito mais dificuldade se estivessem sendo resgatadas com uma conversa sem a presença do animal. Obviamente, ali, houve um somatório de fatores: estar no lado de fora da ILPI, comendo pitanga direto do pé, tomando chimarrão, com aves interagindo, entre outros aspectos; porém, convém ressaltar que as lembranças vieram mediante S9 lembrar do “loro” da avó ao dar a pitanga para Crystal. Foi o gesto da calopsita aceitar a pitanga que despertou uma lembrança. Como o objetivo ali não é fazer terapia buscando trabalhar esses sentimentos, a atividade seguiu exercendo o principal objetivo: trazer descontração e lazer para os idosos. Contudo, é conveniente pontuar, através dessa vivência, que a terapia assistida com animais é uma forte aliada do processo terapêutico, auxiliando os psicólogos e psiquiatras a trabalhar vivências também perturbadoras no paciente. Conforme sintetizam Capote e Costa (2011, p. 27), a Terapia assistida com animais (TAA):

é realizada por profissionais da área da saúde e é documentada e avaliada de forma a desenvolver e melhorar os funcionamentos físico, social, emocional e cognitivo das pessoas envolvidas no processo. Esta apresenta objetivos claros e dirigidos, com critérios estabelecidos, sendo o animal parte integral do processo de tratamento.

Outros idosos enxergam o animal como um animal de companhia. Abaixo, pode-se conferir essa afirmação de acordo com as falas de S1:

“Ela (cachorra) me lembra a minha casa, os meus bichos que estavam sempre ao meu redor” e de S4: “porque toda a minha vida eu tive cães. Tanto quando eu era solteira, quanto quando eu vivia com meus pais, eu estava rodeada deles”.

S4 é uma senhora muito reservada. Pouco sabe a pesquisadora sobre a vida dela. Entretanto, a pesquisadora recorda do dia em que essa senhora chegou na ILPI. Ela encontrava-se muito chorosa e deprimida a ponto de preocupar a família. A pesquisadora estava com a cachorrinha Faith, e a gerente do local ficou feliz ao ver que era a cachorra que havia vindo, pois, quando apresentaram a instituição para os familiares de S4, ao falarem de que havia Pet Terapia no local, a atividade foi um impulsionador para este local ser escolhido, pois S4 “amava” bichos e seria um facilitador para a aceitação e adaptação dela lá. Nesse dia, Faith foi recebida com um abraço muito apertado seguido de um choro desesperador, incessante, que fez a pesquisadora não intervir, apenas deixando-a chorar e desabafar seus sentimentos adaptativos e talvez saudosos. Após o longo abraço, Faith apenas impulsionava sua pata em direção a ela. Parecia que estava dizendo: *“Está tudo bem. Eu estou aqui e vou te ajudar”*. Aos poucos, S4 foi parando o choro e então olhou para a pesquisadora, pediu desculpas e se apresentou, justificando a saudades que tinha do *pug* (raça de cachorro) que deixou na casa do filho para ir morar lá.

Ruppert Sheldrake (2001, p. 136) estudou a forma com que os animais se relacionam, bem como sua relação com os humanos. Quanto à sua pesquisa, o autor afirma:

No meu banco de dados, há mais de 200 histórias sobre animais que consolam e curam. A maioria delas é sobre gatos e cachorros que ficam próximos a pessoas que estão doentes ou tristes como se para confortá-las. Eles realmente confortam as pessoas e ajudam a curá-las. Vários projetos de pesquisa científicas quantificaram seus efeitos benéficos.

S5 apresenta claramente sua relação com os animais em suas lembranças quando relata:

“Olha, eu sou do tempo que cachorro comia polenta, às vezes ração, mas era mais polenta. Cachorro era no pátio e eu dentro de casa. Eu nunca fui de tá beijando cachorro e colocando na cama, esses troços assim... Eu acho que o bicho tem o lugar dele e nós o nosso.”

Para a pesquisadora, conforme registro diário de campo, S5 enxerga o animal com carinho e relata, durante as visitas, afeição. Essa idosa sempre participa das atividades e conversa com os animais, mas demonstra mais afeição pelos coelhos. É uma senhora muito brincalhona, sempre com uma piada pronta, como se pode observar em diálogo com a pesquisadora auxiliar durante a entrevista:

“Eu faço carinho neles (bichos durante a visita). Aquela cachorra preta é muito dócil. Eu gosto muito dela também. Eu faço carinho nela e às vezes a [pesquisadora] me obriga dizendo: ‘Dá um beijinho nela, Vó!’ E eu digo: ‘Ahhh te escapa! Eu louca para fazer carinho num homem e tu quer me fazer beijar um cachorro!’ [risos].”

O idoso institucionalizado, geralmente, gosta de conversar; logo, as lembranças, na maioria das vezes, são facilmente extraídas das conversas informais. É importante atentar, entretanto, para a forma como o profissional vai lidar com as emoções advindas desses diálogos. O preparo desses profissionais é a base para trabalhar com idosos. É preciso mais do que um treinamento básico, é preciso muito estudo e conhecimento do público-alvo, além de uma postura sensível e empática. Em muitas ILPIs, as AAAs, por serem vistas como atividades de recreação e lazer, sendo encaradas como uma situação simples, em que qualquer pessoa levar um animal dócil, higienizado e com a saúde em dia, aceitando-se pessoas que nem sequer possuem experiência com o público idoso. Todavia, os exemplos aqui citados deixam claro que é preciso ter conhecimentos específicos, pois o animal desperta, muitas vezes, emoções profundamente arraigadas e escondidas pelos idosos.

4.3.3 Importância

Nesta categoria, foram registradas falas de duas idosas de diferentes ILPIs relacionadas à importância que elas atribuem às atividades com os animais dentro do local que residem. S2 explica que os animais possuem a capacidade de captar

a empatia das pessoas e se aproximar delas. E ainda relata que é como se “*uma cuidasse da outra*”, ao se referir ao animal Faith. Ela afirma que sabe que o animal consegue captar energias e vibrações e traz o exemplo de uma outra idosa que mora na mesma instituição e que não gosta de animais: toda vez que a pesquisadora chega no local, esta outra moradora solicita que a equipe a retire da sala e a leve ao seu quarto, pois não quer pegar doenças e ser picada por pulgas. Ao recordar disso, S2 quer observar que a cachorra Faith tem a liberdade para andar pela casa solta, sem guia; todavia, nunca insinuou entrar no quarto dessa senhora. Nesse sentido, recordamos o que propõe Sheldrake (2001, p. 144):

Alguns dos “efeitos” das visitas dos animais a pessoas doentes ou idosas são genéricos: eles tornam o ambiente reconfortante e alegre e “tiram as pessoas de si”. Mas, algumas vezes, esses animais mostram uma notável sensibilidade as necessidades e as doenças de certas pessoas.

Portanto, cabe mencionar que o desejo de interação entre os participantes e os animais, na Pet Terapia, deve sempre ser respeitado. Por isso, quando isso ocorre, a pesquisadora sempre retira o animal do ambiente e procura deixar o assistido o mais confortável possível, afinal de contas, a ILPI é a sua casa.

Já S6 demonstra certa preocupação em perder as atividades com os animais na instituição e realça, em três momentos distintos, que as considera importantes; porém, não explica o porquê, embora fique subentendido que não deseja perder algo de que gosta muito. O idoso institucionalizado, como já foi discutido anteriormente, é dotado de medos e inseguranças, apresentando resistência a mudanças.

Embora não envolva os animais participantes da TAA aqui descrita, um fato muito marcante precisa ser registrado. Na instituição em que reside S6, residia também uma outra senhora que foi morar lá com sua cachorrinha, Donzelinha. Donzelinha era a alegria da casa: ia no colo de todos os residentes e ia até o portão receber a todos que entravam no local. Acompanhava com o rabo abanando a visita até seu idoso de destino. Conhecia a rotina de todos na casa e, quando ela ficava doente, parece que a ILPI inteira ficava preocupada, como se ela fosse uma moradora humana: era considerada um membro daquela “grande família”. Disso não tínhamos a menor dúvida. No dia seguinte após o falecimento da dona de

Donzelinha, um familiar foi até a ILPI e levou a cachorrinha embora, sem nem ao menos dar uma explicação. Isso gerou um “alvoroço” no local. Os idosos estavam todos muito chateados, pois ele sequer perguntou se a instituição gostaria de ficar com ela. Buscou-se reverter a situação, mas sem sucesso. Nessa época, um momento de luto assentou-se no ambiente: os residentes e a equipe cuidadora, além de perder a amiga humana, perderam a amiga canina.

Quando um animal frequenta esses locais, ele sempre é envolvido nesses sentimentos; e romper com essa “ponte” é o mesmo que romper com um ente muito querido, tendo em vista que muitos idosos depositam seus anseios e recebem carinho desses animais de forma incondicional, o que traz ao idoso uma segurança emocional, um “ombro amigo” e o sentimento de aceitação quanto ao idoso, que se sente acolhido do jeito que é.

Nise da Silveira, pioneira em inserir animais no tratamento de pacientes esquizofrênicos no Brasil, costumava chamar os animais com os quais atendia seus pacientes no hospital psiquiátrico de “coterapeutas”. Seu objetivo era facilitar a construção de elos com os pacientes através da relação com o animal. Ela relata, em suas pesquisas, que, com alguns pacientes, ela era a coterapeuta e o animal o terapeuta: “Sem nenhum exagero, pode-se dizer que os terapeutas de Carlos foram os cães Sultão e Sertanejo. A posição de coterapeutas coube aos médicos e aos monitores” (MELO, 2014, p. 110).

A seguir, é possível observar que ambas as idosas dizem que os animais cuidam delas e dos demais idosos.

“É importante para os vovôs esse contato com os animais. No caso da Faith, ela procura os avós que tem empatia por ela, então ela procura mais. E comigo também... Ela sobe no meu colo. Eu acho que tenho uma boa relação com ela e ela comigo. É como se eu cuidasse dela e ela cuidasse de mim.” (S2)

“As atividades aqui com os bichos são muito boas e muito importantes. Elas devem continuar.” (S6)

“É muito importante ela [a pesquisadora] trazer eles aqui e que nós tenhamos um tempo com eles”. (S6)

“A única coisa que eu gostaria de acrescentar é que não deixassem de trazer os animais aqui. A gente precisa deles! Eles cuidam da gente!” (S6)

Seria atrevido demais dizer que os animais das atividades podem ser considerados parte da equipe de cuidadores? Souza e Argimon (2017, p. 76), nesse sentido, apontam a importância do cuidado da equipe humana no atendimento a pessoa idosa:

O cuidado necessita ser realizado com sensibilidade, amor, dedicação e zelo, respaldado pelo respeito mútuo, igualdade, e a busca pelo bem-estar e a felicidade do ser cuidado e do cuidador. Cuidar envolve a arte de reconhecer sentimentos que vão além das necessidades físicas. Significa escutar o outro de forma solidária, considerando sua integralidade enquanto ser, pensando na diversidade de suas necessidades pessoais de querer ser ouvido. Dessa forma, ao promover condições que favoreçam a expressão da afetividade, pode-se oferecer ao indivíduo a chance de sentir-se apoiado, esclarecido, informado, fortalecido.

Não há dúvida de que a presença de animais de estimação em um ambiente como uma ILPI é uma fonte de distração e novidade. Contudo, cabe ressaltar que, nesta pesquisa, a importância atribuída pelos idosos à presença dos animais e às atividades assistidas (AAA) em si extrapola o entretenimento. O idoso vincula e considera os animais como parte da casa, parte do grupo que nela reside. Esse vínculo faz com que os animais estejam envolvidos com a ILPI (enquanto “parte” de equipe) e com o idoso diretamente, podendo ser considerados conhecedores dos hábitos dos idosos e partícipes da dinâmica da própria instituição.

4.3.4 Preferência por determinado animal

É incrível o poder de transformar ambiente que um cachorro possui. E como todas as pesquisas de IAAs lidas até agora, nesta categoria, não houve resultado diferente: o cachorro foi eleito o animal preferido.

Excelentes catalisadores são os coterapeutas não humanos. Sobretudo o cão reúne qualidades que o fazem muito apto a tornar-se um ponto de referência estável no mundo externo. Nunca provoca frustrações, dá incondicional afeto sem nada pedir em troca, traz calor e alegria ao frio ambiente. (SILVEIRA, 2015, p. 87)

A seguir, serão apresentadas as preferências de cada idoso:

Quadro 9 – Categoria “Preferência”

SUJEITOS	ANIMAIS ESCOLHIDOS
S1	CACHORRO / 7 votos
S2	
S3	
S4	
S8	
S9	
S10	
S6	AVE / 2 votos
S7	
S5	Coelho / 1 voto

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Conforme apresentado no quadro acima, 7 dos 10 idosos (70%) escolheram a Faith (cachorra) como seu animal preferido nas atividades de Pet Terapia. Dois idosos (20%) escolheram as aves e uma idosa (10%) escolheu a coelha. É importante lembrar que todos os idosos desta pesquisa já tiveram cachorro em algum momento de sua vida, conforme descrito no Quadro 4 da seção 4.1. É interessante observar, igualmente, que, nas falas dos sete idosos que escolheram Faith, todos justificam preferi-la porque já tiveram cachorro, como ilustram as transcrições abaixo:

“Os cães, porque toda a minha vida eu tive cães” (S4)

“O cachorro. Não sei por quê. Acho que é porque eu já tive cachorro.” (S8)

“A cachorrinha. Porque eu já tive cachorro... Ela faz bem para as pessoas. Ela é muito mansa, ela se deita na cama da gente.” (S9)

Para Vasconcellos (2016, p. 153),

Os estudos mais aprofundados sobre os efeitos de interações com seres humanos, tem tido cães como principais sujeitos, possivelmente por se tratar de espécie física e afetiva ímpar com o ser humano, além de ser facilmente treinável e ter sido selecionada, por meio da domesticação, para o convívio e a cooperação com as pessoas.

Voltando a observar S9, além de ele justificar a preferência por Faith pelo fato de já ter tido cachorro, ainda complementa sua escolha referindo a mansuetude e a capacidade de aproximação dela com o idoso, ao deitar-se na cama, por exemplo, alegando que isso faz bem para as pessoas. Faith é uma cachorra muito calma e solícita. Isso a ajuda a atingir emoções e sentimentos que despertam nos idosos, além de memórias, muitos comportamentos associados à segurança e à aceitação quanto à AAA. A liberdade que este animal conquista em cada local que vai ocorre por seu carisma, olhar, por chegar e já deitar de barriga ou dar a patinha. As pessoas se sentem íntimas dela quando ela pula na cama e vai se acomodando. Muitas vezes, ela chega e deita na cama e ali fica, ao lado do idoso, com um olhar neutro, trazendo certa confiança de que tudo está bem. Aqui, recordamos a importância de que os animais envolvidos na Pet Terapia sejam preparados e escolhidos conforme a instituição e o grupo com o qual vão interagir, a fim de que sejam potencializados os benefícios desta atividade.

Outro relato a ser destacado nesta categoria diz respeito a S1. Essa senhora não enxergava devido à catarata. Entretanto, no transcorrer do período desta pesquisa, fez uma cirurgia para correção do problema e passou a enxergar nitidamente a cachorrinha, que antes era apenas um vulto escuro. Após sua recuperação, quando S1 avistou Faith, correu para dar um abraço nela e disse:

“Foi por causa do teu nome [Faith significa ‘fé’ em inglês] que eu voltei a enxergar. Tava aqui só esperando tu aparecer pra eu te contar isso! Obrigada, Faith! Obrigada, minha fé. Como eu queria te encontrar!”

Outros idosos, como S2 e S10, relatam a amorosidade de Faith em suas falas:

“Entre as caturritas e a cachorrinha, eu acho que gosto mais da cachorrinha, porque ela é amorosa... Ela é bem amorosa.” (S2)

“Quando eu tô deitado e a [pesquisadora] chega e larga ela [cachorra], vai direto lá para o meu quarto. Pensando assim, eu me dou mais com a cachorra. Eu gosto dos outros, mas a cachorra já sentiu que é bem tratada e já sabe que pode ir direto para o quarto e ela vai lá pro meu quarto. E, na maior parte das vezes que ela vem, solta a coleira dela e ela vai lá me procurar no meu quarto, se eu não estiver aqui na sala. Quando a [pesquisadora] chega aqui e fica muito tempo sem trazer ela [a cachorra], eu até já reclamo para ela [a pesquisadora].”

Então, eu prefiro a preta, porque ela guarda mais os valores das pessoas com ela.” (S10)

Baun e Johnson (2010, p. 297, *tradução nossa*) justificam os relatos sobre a amorosidade dos animais de visitas, relatando:

Muitas pessoas que participam de programas de visitação de animais, continuam a fazê-lo por muitos anos, porque é pessoalmente muito gratificante fazer parte da equipe ser humano/animal. Basta ver o prazer e o interesse em tantos outros que podem estar tristes ou com cabelos brancos que, quando autorizados a interagir com um animal de companhia, parecem ser “fisgados” para sempre e convencidos de que os animais realmente são bons para os idosos!

Ainda assim, embora nesta pesquisa seja apontada a preferência dos sujeitos como o cachorro ser o animal preferido, a pesquisadora percebeu que uma ave mansa, interagindo livremente com os idosos, participa e envolve a todos que por ela se deixam interagir. Obviamente, o cachorro é mais empático e demonstra perceber mais o estado de ânimo das pessoas, mas a familiarização do idoso com as aves vem de uma relação mais antiga. Pode-se observar claro essa afirmação, nas anotações do diário de campo da pesquisadora e nas falas de S6 e S7 abaixo:

“As aves são muito legais. Elas brincam com a gente! A gente assovia e elas acompanham com os piuzinhos. É uma alegria só eles vêm aqui. É o dia que eu mais gosto! Aquela amarelinha dela, no início dá um medo, mas, depois, a gente logo percebe que ela é a mais mansinha de todos. Ela fica beijando a orelha dos vós. Um amor! Esse tipo que nem essa amarela, os caminhoneiros traziam lá de cima pra vender aqui. Eles eram verdes, eu lembro bem.” (S6)

“Esses passarinhos são uns amores. Eu também gosto mais quando eles vêm aqui. Elas ficam bem quietinhas recebendo nosso carinho. Lembro dos cardealzinhos que o meu avô criava na gaiola. Eu passava o dedo entre as grades e fazia carinho. Meu avô tratava eles como filhos.” (S7)

Em contrapartida, a S5 diz preferir a coelha:

“Ela é muito linda e calminha... Eu tinha criação de coelho. Matava pra fazer casaco. Essa aqui daria um bem quentinho com essa quantidade de pelo! [Risos]. Mas imagina tu, a paciência dessa bichinha ficar passando de colo em colo e nem demonstrar desagrado nenhum. Se fosse eu já teria mordido meia dúzia! Por isso, que eu simpatizo mais com ela... Querida!” (S5)

Alguns residentes de diferentes ILPIs tinham uma ligação um pouco mais distante com os animais, de um modo geral. A maioria deles foi criada no interior e via os animais como recursos auxiliares, por exemplo, como um modelo de guarda da casa, ou transporte de carga pesada, ou ainda como auxiliar na caça no campo. Essa aproximação com o cão, na qual o homem passa a deixar de vê-lo como um instrumento e passa a vê-lo como companhia, ocorreu devido à aproximação mútua que tiveram durante essas atividades. O cachorro, de acordo com Giumelli e Santos (2016), demonstrou ser mais do que um cão de guarda, passando a conviver ao lado da família e fazer companhia, pois possuía características como carisma e docilidade na interação. Aí a aproximação com o cão, que passou a ser visto como membro integrante da família. Esse processo fez com que surgissem novos horizontes de mercado como o surgimento da Associação Nacional dos Fabricantes de Ração (ANFAR) que, logo mais, em 2012, se transformou na Associação Brasileira da Indústria de Produtos para Animais de Estimação (ABINPET, s./d.), pois o mercado *pet* sentia necessidade de expandir no Brasil em demais segmentos, como o *pet care* e o *pet vet*, além da comercialização de ração.

Voltando ao contexto de análise desta pesquisa, os idosos relatam muito o convívio com aves silvestres. Podemos interpretar essa informação resgatando o fato de que, à época, não existia o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (IBAMA, 2020), que foi criado pela Lei nº 7.735, de 22 de fevereiro de 1989 (BRASIL, 1989). É comum, em todas as ILPIs, a pesquisadora chegar com as aves e a maioria dos idosos querer interagir, assoviar e ainda relatar histórias de sua infância com um papagaio, cardeal ou caturrita. Os idosos sempre apresentam conhecimento de algo como troca de penas, alimentação adequada e até explicações de acasalamento e sintomas de possíveis doenças, receitando uma medicação caseira. De modo contrário, isso nunca ocorreu com o cachorro.

Embora muitos tenham dificuldade em estabelecer uma preferência, ao serem indagados, vários dizem ser o cachorro; porém, no decorrer das entrevistas, as lembranças com as aves das atividades são mais evidenciadas, conforme registrado no diário de campo da pesquisadora.

4.3.5 Medo

Segundo Rodrigues (2018, p. 123),

Evolutivamente, por questões de sobrevivência, era mais adaptativo para o homem desenvolver emoções “negativas” como medo e ansiedade, pois elas garantiam a fuga diante de uma ameaça ou perigo iminente, sobrevivendo assim em tempos difíceis.

O medo é uma emoção presente em muitos momentos dentro de uma ILPI. O simples fato de um idoso ter de deixar de lado sua vida e passar a viver dentro de uma instituição, algumas vezes dividindo o quarto, comendo no mesmo ambiente, convivendo com pessoas em condições físicas e emocionais abaladas, já gera muitas angústias, anseios e medos. Tudo é muito novo... É o medo de perder o contato de vez com a família; é o receio de ela não ter tempo de ir visitá-los ou esquecê-los... São emoções e sentimentos que acabam, muitas vezes, sendo projetados na vida diária, nas atividades dessa nova modalidade de vida. Esse foi o medo que se fez presente nesta categoria: o medo do que pode acontecer, do novo, de receber uma bicada ou mordida ou, até mesmo, de fazer algo errado e ser esquecido.

Nesta categoria – é preciso registrar de início –, observou-se incongruências entre o que foi verbalizado pelos idosos participantes e o que foi observado pela pesquisadora e registrado em seu diário de campo. Vejamos.

Somente uma idosa (S7) mencionou essa emoção durante a entrevista, conforme é possível observar na transcrição de sua fala. Quando questionada sobre o que achava das atividades que são feitas com os animais ali na instituição, ela responde da seguinte forma: “*Eu acho mais ou menos. Eu tenho medo de alguns*”. Igualmente, quando lhe foi perguntado sobre como se sente ao estar em contato com esses animais, ela reiterou a afirmação: “*Eu me sinto bem. Eu tenho medo de alguns*”.

Entretanto, a despeito do que registrou verbalmente, é interessante relatar que não foi, em nenhuma das atividades com animais, observada em S7 a emoção “medo”. Inclusive, suas falas nas entrevistas demonstraram que ela convivia com animais, relatando lembranças quanto ao contato com aves, pois seu avô as criava:

“O meu avô, pai da minha mãe era fanático por passarinho. Ele adorava. Eu me criei vendo os passarinhos dele. Era muito bom”.

Em oposição, conforme observações feitas pela pesquisadora, a emoção “medo” foi vivenciada por outros participantes (S2 e S8), durante algumas atividades: estas demonstraram medo quando faziam a atividade com a ave ararajuba. Cabe registrar que ambas as idosas não deixavam de participar das atividades; porém, demonstravam receio, falando do tamanho do bico e de que estavam preocupadas em poder levar alguma bicada forte.

Portanto, a pesquisadora infere que tais resultados são demonstrados em forma de medo e ansiedade frente ao novo – mudanças inerentes ao envelhecimento. O animal é somente um meio pelo qual alguns idosos verbalizam suas ansiedades. Nesse sentido, Oliveira (2018, p. 111) esclarece:

Para o idoso, o processo de envelhecimento tende a se tornar cada vez mais perceptível, e com ele a consciência e o medo velado da finitude. Assim, é comum que os familiares e as pessoas mais próximos não percebam que o idoso começou a vivenciar alguns medos silenciosos, porque, muitas vezes, nem o próprio idoso consegue perceber isso claramente, sentindo dificuldades de nomear seus medos.

Ainda sobre S7, deve-se levar em consideração que ela é a idosa que reside a menos tempo em sua ILPI, morando há apenas 6 meses no local. Este é um tempo considerado recente para um idoso se adaptar e trocar toda uma vida que experienciava antes de ir para lá. Outro aspecto a ser considerado é que a idosa veio de sua casa para essa ILPI, sendo este tipo de adaptação ainda mais difícil, se comparado com os casos em que um idoso já foi institucionalizado anteriormente, trocando apenas de instituição.

Essas adaptações foram esclarecidas na pesquisa que Costa e Mercadante (2013, p. 215), na qual as autoras buscaram conhecer o que representa para o idoso morar em instituição:

Ao falar do cotidiano de uma ILPI, o primeiro ponto a ser levantado é a questão do afastamento do sujeito, asilado do mundo exterior. A partir do momento em que o sujeito deixa a sua própria residência, não deixa de lado apenas seus bens pessoais, mas também significados de uma vida inteira, o que causa efeitos no emocional do internado que precisa se adaptar a uma nova realidade.

A vida passada deixa com ela lembranças, objetos, pessoas, e um tempo que não volta mais. E nesse contexto, há coisas que marcam muito a vida

de uma pessoa, a nossa, como, por exemplo, o espaço que ocupamos, que diz muito do que somos.

As AAAs, nessa instituição, ocorrem quinzenalmente. Considerando que são três variedades de animais que participam da visita em momentos distintos (ora ave, ora cachorro, ora coelho) e que S7 tenha participado de todas as sessões com animais até então, essa idosa teve somente dois contatos com cada animal, o que não é o suficiente para conhecê-los de verdade, adaptar-se com sua presença e tipo de interação.

Conforme o quadro 10, podemos perceber, nas demais respostas de S7, que ela demonstra gostar das atividades e participa inclusive demonstrando conhecer os animais da atividade.

Quadro 10 – Respostas da participante S7

PERGUNTAS	RESPOSTAS
Dentre os animais que participam das AAAs, qual você tem preferência?	<i>“Os passarinhos eu adoro!” “O meu avô, pai da minha mãe era fanático por passarinho. Ele adorava. Eu me criei vendo os passarinhos dele. Era muito bom. Aqueles que vem aqui ficam no meu braço, no meu ombro me olhando... são muito bonitinhos.”</i>
Faça uma apreciação da importância da sua relação com os animais antes e depois de vir morar aqui: como era a sua relação com os animais antes de vir morar aqui?	<i>“Era boa. Sempre foi boa.”</i>
Onde os animais ficavam na sua casa?	<i>“Dentro de casa”</i>
Quando eu falo “Pet Terapia”, quais os sentimentos que lhe vem à mente? Coloque em ordem de importância.	<i>“Amor, carinho”</i>
Por que você acredita que exista esse tipo de atividade?	<i>“Precisamos de amor e carinho.”</i>

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Por fim, como se pode observar nas duas últimas respostas registradas no quadro acima, fica evidente a carência dessa idosa, verbalizada através da repetição dos vocábulos “amor” e “carinho”, os quais manifestam uma necessidade pessoal da participante. Todos os elementos levantados até aqui nos levam, portanto, a concluir que essa sensação de “medo” foi gerada tanto devido ao pouco tempo que essa idosa se encontrava institucionalizada, isto é, estava em processo

de adaptação; quanto devido a essa sensação ser recorrente na etapa de vida em que ela se encontra.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento da presente pesquisa possibilitou a identificação e a percepção dos sentimentos/emoções sobre as atividades assistidas com animais nos idosos residentes de ILPIs, que foram contrastados com os achados do diário de campo da pesquisadora. Também buscou-se investigar qual a preferência que o idoso tem em relação aos animais que participam das AAAs. Nesse contexto, a utilização da abordagem qualitativa, desenvolvida através da análise de conteúdo mostrou-se imprescindível para se alcançarem os objetivos propostos e legitimar as inferências deliberadas por permitir cercar o objeto de pesquisa em suas mais diversas perspectivas.

Entende-se que esse é um tema que trouxe resultados positivos em estudos anteriores, onde foram apontados que os idosos institucionalizados que tiveram interação com as AAAs, apresentaram melhoras cognitivas, emocionais e funcionais. Contudo, foram encontradas poucas publicações acerca do tema que tange essa pesquisa, o que justifica a pertinência da reflexão que aqui propomos.

Inicialmente, procurou-se delinear o perfil desses idosos no intuito de conhecer melhor o histórico e a convivência dos sujeitos da pesquisa com animais de estimação, podendo assim, entender a aproximação do idoso com os animais ao longo da vida. Assim, antes de aprofundar a entrevista semiestruturada, pôde-se conhecer melhor cada um dos idosos participantes. Delineando então, o perfil dos idosos, percebeu-se que todos os idosos que participaram da pesquisa tiveram em algum momento da vida animais de estimação. Todos lembram com carinho e afetuosidade dessa relação, expressas através de palavras como: amor, carinho e saudade, por exemplo.

Através da entrevista semiestruturada, com questões de aproximação com o público, pode-se colher conteúdo necessário para responder ao objetivo da pesquisa. Para tanto, foram cumpridas as seguintes etapas: descrever a percepção dos idosos sobre as atividades com os animais dentro das instituições; descrever os sentimentos dos idosos ao estar em contato com os animais; investigar qual a preferência que o idoso tem em relação aos animais que participam das AAAs.

As respostas dos participantes foram analisadas utilizando-se a Análise de Conteúdo (BARDIN, 2016). As categorias que emergiram das falas dos idosos

foram: “afeto”, “lembranças”, “importância”, “preferência por determinado animal” e “medo”.

Ao se propor uma discussão sobre a categoria “afeto”, deparou-se com emoções e sentimentos que foram despertados nos idosos ao entrar em contato com um animal treinado e preparado para a atividade. Discutir a categoria “lembrança” é dialogar com as recordações de cada idoso. É se conectar com ele e sua família e é, acima de tudo, conversar sobre emoções e sentimentos. Quando se fala em “importância” da AAA, fala-se em vínculo estabelecido que faz com que o idoso passe a considerar o animal como parte da rotina da ILPI. Sobre a categoria “preferência por determinado animal”, encontrou-se o cachorro como resultado. A categoria “medo” foi identificada devido às falas de uma idosa. Entretanto, essa emoção foi manifestada por demais idosos de acordo com os relatos da pesquisadora.

Trabalhar com idosos institucionalizados é um grande desafio para quem gosta de planejar uma atividade muito bem antes de executá-la. Trabalhar com animais para intervenções assistidas também. Na ILPI, nunca se sabe como estará o clima do seu ambiente de trabalho. Como mencionado ao longo da discussão, pode estar um clima tenso, dado a razão da internação de um residente, por exemplo, ou até mesmo óbito. Em cada chegada ao local, um suspense. O animal, por sua vez, pode também não estar se sentindo confortável naquele dia para ir trabalhar e isso, acima de tudo, também deve ser muito respeitado. Afinal de contas, se ele não estiver bem, como faremos uma sessão bacana? Mas tratando aqui mais especificamente as emoções que essa pesquisa proporciona, escrevê-la através dos exemplos e relatos foi o que a tornou mais rica e reveladora.

Houve momentos muito difíceis, como por exemplo, acompanhar uma idosa em fase terminal. Era o coração que estava parando. A família não conseguiu chegar a tempo, a equipe estava envolvida chamando o atendimento. Ela estava morrendo e a pesquisadora chegou bem na hora para fazer a atividade acompanhada da ararajuba Quindim. A gerente solicitou para ficar ali ao lado da idosa pois ela havia solicitado que levasse a ave até o quarto dela. Ela se despediu da ave com palavras e gestos. A pesquisadora segurou a mão dela e ela agradeceu por todos os anos que os bichinhos foram seus companheiros para uma conversa. Falou do bem que fizeram a ela. Disse que em momento algum se sentiu

desamparada pois ali, naquele local que vivia, possuía todo um cuidado com muito zelo e amor. Porém, por mais que a equipe atenciosa tentasse fazê-la sorrir e passar o tempo, eram os animais quem mais faziam ela se sentir bem. Conta que no início ela era desconfiada e não entendia bem o propósito de ter alguém levando animais. Mas que com o passar do tempo ela conseguiu entender o verdadeiro propósito deles ali. Falou que era a forma deles de passar amor sem pedir nada em troca. Disse também, que eles a faziam lembrar os melhores momentos da infância dela e que tê-los em sua vida, visitando-a com frequência, passou a ser mais que parte da rotina, mas parte da família que ela pode escolher para terminar os dias de sua vida. Agradeceu e pediu que não soltasse mais a mão dela. Quindim (a ave), ficava solta em cima do corpo dela deitado ao longo da cama e ficava caminhando da ponta dos pés ao até a cabeça onde terminava fazendo cafuné nos cabelos dela. Que cena linda! Que despedida amorosa. O momento com essa idosa, resume a dissertação toda.

Por fim, o presente trabalho é relevante, pois conseguiu descrever, através das falas dos participantes, a percepção e os sentimentos despertados pelos idosos residentes de ILPIs através das atividades feitas com animais dentro do local. Igualmente, a pertinência desta investigação se justifica por demonstrar os efeitos positivos dessa atividade para as ILPIs, destacando-se a importância de um profissional capacitado e de animais selecionados de forma adequada.

Como limitação, considera-se que houve pouco tempo de campo para aprofundar as reflexões aqui proposta, estender as entrevistas com os participantes, bem como ter contato com uma maior quantidade de idosos. Também seria interessante escutar a opinião dos proprietários e das equipes das ILPIs, e dos familiares desses idosos, para poder conhecer de forma mais ampla sua realidade, compreendendo-a a partir de outros agentes que compõem esta dinâmica. Outra possibilidade de abordagem seria a avaliação do desenvolvimento dessas atividades com os idosos com demência e limitações severas, identificando como estes responderiam aos estímulos das intervenções.

REFERÊNCIAS

AFONSO, T. *et al.* O uso do diário de campo na inserção ecológica em uma família de uma comunidade ribeirinha amazônica. **Psicologia e Sociedade**, v. 27, n. 1, p. 131-141, 2015.

ALCÂNTARA, A. O.; CAMARANO, A. A.; GIACOMIN, K. C. (orgs.). **Política nacional do idoso: velhas e novas questões**. Brasília: IPEA, 2016. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/161006_livro_politica_nacional_idosos_capitulo20.pdf. Acesso em: 22 ago. 2018.

ALTSCHILLER, D. **Animal Assisted Therapy: Health and Medical Issues Today**. Santa Barbara: Greenwood, 2011.

ALVES, L. C.; LEITE, I. C.; MACHADO, C. J. Fatores associados à incapacidade funcional dos idosos no Brasil: análise multinível. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 44, n. 3, p. 1-11, jun. 2010.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DE PRODUTOS PARA ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO (ABINPET). **Informações Gerais do Setor Pet**. São Paulo: ABINPET, 2020. Disponível em: http://abinpet.org.br/infos_gerais/. Acesso em: 22 maio 2020.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BAUN, M.; JOHNSON, R. Human/animal interaction and successful aging. *In*: FINE, A. H. (ed.). **Handbook on Animal-Assisted Therapy: theoretical foundations and guidelines for practice**. London: Elsevier, 2010. p. 283-299.

BECKER, M. **O poder curativo dos bichos: como aproveitar a incrível capacidade dos bichos de manter as pessoas felizes e saudáveis**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BERGLER, R. **Man and Dog: The psychology of a relationship**. London: Blackwell Scientific Publications Edition, 1989.

BERTOLUCCI, P. H. F. *et al.* O Mini-Exame do Estado Mental em uma população geral: impacto da escolaridade. **Arquivos de Neuro-Psiquiatria**, v. 52, n. 1, p. 1-7, 1994.

BRASIL. **Lei nº 7.735, de 22 de fevereiro de 1989**. Brasília: Presidência da República, 1989. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L7735.htm. Acesso em: 21 maio 2020.

BRUCKI, S. M. D. *et al.* Sugestões para o uso do Mini-Exame do Estado Mental no Brasil. **Arquivos de Neuro-Psiquiatria**, v. 61, n. 3, p. 777-781, 2003.

CAPOTE, P. S. O.; COSTA, M. P. R. **Terapia assistida com animais (TAA):** aplicação no desenvolvimento psicomotor da criança com deficiência intelectual. São Paulo: EDUFSCAR, 2011.

CARVALHO, C. F.; ASSIS, L. S.; CUNHA, L. P. C. Uso da atividade assistida com animais na melhora da qualidade de vida de idosos institucionalizados. **Em Extensão**, Uberlândia, v. 10, n. 4, p. 149-155, jul./dez. 2011.

CARVALHO, N. *et al.* Importância da relação cão-idoso para aprimoramento da qualidade de vida em instituições de longa permanência para idosos na cidade de Uberlândia (MG). **Em Extensão**, Uberlândia, v. 10, n. 1, p. 128-138, jan./jun. 2011.

CENTRO LATINOAMERICANO Y CARIBEÑO DE DEMOGRAFÍA (CELADE). **Proyecciones de población.** Santiago de Chile: CELADE, 2012. Disponível em: https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/7118/1/S2012922_mu.pdf. Acesso em: 22 maio 2020.

CHAIMOWICZ, F.; GRECO, D. Dinâmica da institucionalização de idosos em Belo Horizonte, Brasil. **Revista de Saúde Pública**, v. 33, n. 5, p. 454-460, 1999.

CHANDLER, C. K. **Animal Assisted Therapy in Counseling.** 2. ed. London: Routledge, 2011.

CHELINI, M. O. M.; OTTA, E. **Terapia assistida com animais.** São Paulo: Manole, 2016.

CLAVEROL, M. R. *et al.* Animal-Assisted Intervention Improves Pain Perception in Polymedicated Geriatric Patients with Chronic Joint Pain: A Clinical Trial. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 16, n. 1, p. 28-43, ago. 2019.

COIMBRA, A. M. *et al.* Falls in the elderly of the Family Health Program. **Archives of Gerontology and Geriatrics**, v. 51, n. 3, p. 31-322, 2010.

COSTA, M. C. N. S.; MERCADANTE, E. F. O Idoso residente em ILPI (Instituição de Longa Permanência do Idoso) e o que isso representa para o sujeito idoso. **Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 209-222, 2013.

CUNHA, G. L.; JECKEL-NETO, E. A. Teorias Biológicas do Envelhecimento. *In:* FREITAS, E. V. *et al.* **Tratado de Geriatria e Gerontologia.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. p. 13-22.

DAVIM, R. M. B. *et al.* Estudo com idosos de instituições asilares no município de Natal/RN: características socioeconômicas e de saúde. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 12, n. 3, p. 518-24, 2004.

DAVIS, K. D. **Therapy dogs: training your dog to reach others**. 2. ed. Washington: Dogwise Publishing, 2002.

DIAS, R. G. *et al.* Diferenças nos aspectos cognitivos entre idosos praticantes e não praticantes de exercício físico. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Santa Catarina, v. 63, n. 4, p. 326-331, 2014.

DOTTO, F. *et al.* A percepção de idosas institucionalizadas sobre o uso do cão durante o atendimento fisioterapêutico. **Fisioterapia Brasil**, v. 13, n. 1, p. 37-42, jan./fev. 2012.

ESCOBAR, J. R.; ZASLAVSKY, J. Mecanismos de defesa. *In*: CATALDO NETO, A.; FURTADO, R. N.; GAUER, G. J. C. (orgs.). **Psiquiatria para estudantes de Medicina**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013. p. 45-52.

FALEIROS, N. P.; JUSTO, J. S. O idoso asilado: a subjetividade intramuros. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 10, n. 3, p. 327-337, 2007.

FINE, A. H. **Handbook on Animal Assisted Therapy: Theoretical Foundations and guidelines for practice**. 3. ed. New York: Elsevier, 2010.

FINE, A. H. **Our Faithful Companions: Exploring the essence of our kinship with animals**. New York: Alpine, 2014.

FOLSTEIN, M. F. *et al.* Mini-Mental State: a practical method for grading the cognitive state of patients for clinician. **Journal of Psychiatric Research**, v. 12, p. 189-198, 1975.

FRANCESCHINI, B. T. **Terapia assistida com animais: sua eficácia no desempenho cognitivo de idosos institucionalizados**. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2017.

FRANCESCHINI, B. T.; COSTA, M. P. R. A eficácia da Terapia assistida com animais no desempenho cognitivo de idosos institucionalizados. **Revista Kairós-Gerontologia**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 337-355, 2019.

FREIRE JÚNIOR, R. C.; TAVARES, M. F. L. A saúde sob o olhar do idoso institucionalizado: conhecendo e valorizando sua opinião. **Interface: Comunicação, Saúde, Educação**, v. 9, n. 16, p. 147-158, 2005.

FREDRICKSON, B. L. The Role of Positive Emotions in Positive Psychology: The Broaden-and-Build Theory of Positive Emotions. **American Psychologist**, v. 56, n. 3, p. 218-226, mar. 2001.

FRIEDMANN, E. The Animal Human Bond: Health and Wellness. *In*: FINE, A. H. (ed.). **Handbook on Animal-Assisted Therapy: theoretical foundations and guidelines for practice**. London: Elsevier, 2010. p. 85 - 107.

GARBER, M. **Amor de Cão: um estudo das relações entre os homens em seus animais de estimação**. São Paulo: Record, 2000.

GORRITY, T. F.; STALLONES, L. Effects of Pet Contact on Human Well Being. *In*: WILSON, C. C.; TURNER, D. C. **Companion Animals in Human Health**. Thousand Oaks: Sage, 1998. p. 3-22.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GIUMELLI, R.; D.; SANTOS, M. C. P. S. Convivência com Animais de Estimação: um Estudo Fenomenológico. **Revista da Abordagem Gestáltica Phenomenological Studies**, v. 22, n. 1, p. 49-58, jan./jun. 2016.

GOOGLE ACADÊMICO. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/?hl=pt>. Acesso em: 13 abr. 2020.

HEALTHCARE INFECTION CONTROL PRACTICES ADVISORY COMMITTEE (HICPAC). **Guidelines for Environmental Infection Control in Health-Care Facilities**. 2003. Disponível em: <https://www.cdc.gov/mmwr/preview/mmwrhtml/rr5210a1.htm>. Acesso em: 23 abr. 2020.

HOUCHMAN, B. *et al.* Desenhos de Pesquisa. **Acta Cirúrgica Brasileira**, v. 20, s. 2, p. 2-9, 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Estimativas da População**. Brasília: IBGE, 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9103-estimativas-de-populacao.html?edicao=25272&t=o-que-e/>. Acesso em: 22 maio 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Estimativas da População**. Brasília: Agência IBGE, 2018. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20980-numero-de-idosos-cresce-18-em-5-anos-e-ultrapassa-30-milhoes-em-2017>. Acesso em: 22 maio 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **População do Brasil**. Brasília: IBGE, 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>. Acesso em: 17 abr. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS (IBAMA). **Sobre o IBAMA**. Brasília: IBAMA, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/ibama/pt-br/acesso-a-informacao/institucional/sobre-o-ibama>. Acesso em: 21 maio 2020.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). **Condições de funcionamento e infraestrutura das instituições de longa permanência para idosos no Brasil**. Cadernos do IPEA, n. 93. Brasília: IPEA, 2011. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/comunicado/110524_comunicadoipea93.pdf. Acesso em: 17 abr. 2020.

INSTITUTO PET BRASIL. **Censo Pet**: 139,3 milhões de animais de estimação no Brasil. 2019. Disponível em: <http://institutoPetbrasil.com/imprensa/censo-Pet-1393-milhoes-de-animais-de-estimacao-no-brasil/>. Acesso em: 2 maio 2020.

INTERNATIONAL ASSOCIATION OF HUMAN-ANIMAL INTERACTION ORGANIZATIONS (IAHAIO). **The IAHAIO Whitepaper**. Seattle: IAHAIO, 2014. Disponível em: <https://iahaio.org/best-practice/white-paper-on-animal-assisted-interventions/>. Acesso em: 18 abr. 2020.

INTERNATIONAL ASSOCIATION OF HUMAN-ANIMAL INTERACTION ORGANIZATIONS (IAHAIO). **The Iahaio Definitions for Animal Assisted Intervention and Guidelines for Wellness of Animals Involved in AAI**. Seattle: IAHAIO, 2018. Disponível em: https://iahaio.org/wp/wp-content/uploads/2019/01/iahaio_wp_updated-2018-19-final.pdf. Acesso em: 18 abr. 2020.

ISSA, L. **Kion branquelo, Joe Caramelo e amigos**: as aventuras e o trabalho de quatro cães terapeutas. São Paulo: All Print, 2012.

KAPLAN, H. I.; SADOCK, B. J.; GREBB, J. A. **Compêndio de psiquiatria**: ciências do comportamento e psiquiatria clínica. 7. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

KREISLER, K. V. A **Compaixão dos Animais**: histórias verdadeiras sobre a coragem e a bondade dos animais. São Paulo: Cultrix, 1997.

KUCHEMANN, B. A. Envelhecimento populacional, cuidado e cidadania: velhos dilemas e novos desafios. **Sociedade e Estado**, v. 27, n. 1, p. 165-180, 2012.

LEVINSON, B. M. *Pet Psychotherapy: Use of Household Pets in the Treatment of Behavior Disorder in Childhood*. **Psychological Reports**, v. 17, p. 695-698, 1965.

MACHOVÁ, K. *et al.* Effect of Animal-Assisted Therapy on Patients in the Department of Long-Term Care: A Pilot Study. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 16, n. 8, p. abr. 2019.

MALHEIRO, A. D. **O processo de institucionalização de idosos em Porto Alegre/RS**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

MARINHO, M. S.; REIS, L. A. Reconstruindo o passado: memórias e identidades de idosos longevos. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, v. 21, n. 2, p. 243-264, 2016.

MCCARDLE, P. *et al.* **Os animais em nossas vidas**: família, comunidade e ambientes terapêuticos. São Paulo: Papirus, 2013.

McCONNELL, P. B. **The Other End of The Leash**: Why we do what we do around dogs. New York: Ballantine Books, 2002.

MELLO, L. C. **Nise da Silveira**: caminhos de uma psiquiatra rebelde. Rio de Janeiro: Automática Edições, 2014.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Envelhecimento e saúde da pessoa idosa**. Cadernos de Atenção Básica n. 19. Brasília: Secretaria de Atenção à Saúde; Departamento de Atenção Básica, 2006. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/velhecimento_saude_pessoa_idosa.pdf. Acesso em: 15 abr. 2020.

MINAYO, M. C. S. **O Desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. Rio de Janeiro: HUCITEC-ABRASCO, 1994.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 2. ed. Rio de Janeiro: Hucitec, 2007.

MINOSSO, J. P. S. M. *et al.* Validação, no Brasil, do Índice de Barthel em idosos atendidos em ambulatórios. **Acta Paulistana de Enfermagem**, v. 23, n. 2, p. 218-223, mar./abr. 2010.

ODENDAAL, S. J.; MEINTJES, R. Neurophysiological correlates of affiliative behavior between humans and dogs. **Veterinary Journal**, v. 165, 296-301, 2003.

OLIVEIRA, A. P. L.; SIQUEIRA, J. B. Terapia assistida com animais em instituição de longa permanência para idosos: relato de experiência. **Raízes e Rumos**, v. 7, n. 2, p. 87-92, jul./dez. 2019.

OLIVEIRA, G. R. **A interação fonoaudiólogo-paciente-cão**: efeitos na comunicação de pacientes idosos. Dissertação (Mestrado em Fonoaudiologia) – Instituição de Ensino, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011.

OLIVEIRA, P. H. Finitude: a importância de dar voz aos medos. *In*: SITTART, S. (org.). **Um olhar da psicologia para a terceira idade**. Porto Alegre: Secco, 2018. p. 109-112.

OLSEN, C. *et al.* Effect of animal-assisted activity on balance and quality of life in home-dwelling persons with dementia. **Gerontological Nursing**, v. 37, n. 4, p. 284-291, jul./ago. 2016.

OLSEN, C. *et al.* Engagement in elderly persons with dementia attending animal-assisted group activity. **Dementia**, v. 18, n. 1, p. 245-261, 2019.

OMNIS – PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL. Disponível em: <https://biblioteca.pucrs.br/acervos/omnis/>. Acesso em: 13 abr. 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Relatório Mundial de Envelhecimento Saúde**. Genebra: OMS, 2015. Disponível em: <https://sbgg.org.br/wp-content/uploads/2015/10/OMS-ENVELHECIMENTO-2015-port.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2020.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE (OPAS). **Envelhecimento e Saúde**. 2018. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5661:folha-informativa-envelhecimento-e-saude&Itemid=820. Acesso em: 17 abr. 2020.

PALOSKI, L. H. *et al.* Q. Efeitos da Terapia assistida com animais na Qualidade de Vida de Idosos: uma Revisão Sistemática. **Contextos Clínicos**, v. 11, n. 2, p. 174-183, 2018.

PAPALÉO NETTO, M. O Estudo da Velhice no Século XX: Histórico, Definição do Campo e Termos Básicos. *In*: CANÇADO, F. A. X. *et al.* **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. p. 2-12.

PASCHOAL, S. M. P. Qualidade de vida na velhice. *In*: FREITAS, E. V.; PY, L. **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016. p. 262-278.

PERLINI, N. M.; LEITE, M. T.; FURINI, A. C. Em busca de uma instituição para a pessoa idosa morar: motivos apontados pelos familiares. **Revista Escola Enfermagem da USP**, v. 41, n. 2, p. 229-236, 2007.

PINHO, A. L. **Avaliação do impacto da relação com animais de estimação na condição de saúde de idosos residentes em Curitiba-PR**. Monografia (Bacharelado em Biomedicina) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

PITHECKOFFM N.; MCLAUGHLIN, S. J.; MEDEIROS, K. “Calm... Satisfied... Comforting”: The Experience and Meaning of Rabbit-Assisted Activities for Older Adults. **Journal of Applied Gerontology**, v. 37, n. 12, p. 1564-1575, 2018.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas de pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2013.

QUEIROZ, R. C. F. B. **Eficácia da intervenção assistida por animais na autopercepção de saúde, autoestima, sintomas depressivos e qualidade de vida relacionada à saúde em idosos residentes em instituição de longa permanência**. Tese (Doutorado em Gerontologia Biomédica) – Programa de Pós-Graduação em Gerontologia Biomédica, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande Do Sul, Porto Alegre, 2014.

RODRIGUES, G. V. A. Envelhecimento e psicologia positiva. *In*: TERRA, N. L.; MAHMUD, I. C.; IANINKI, V. B. **Temas de Geriatria e Gerontologia para a comunidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2018. p. 121-131.

RUGAAS, T. **On Talking Terms with Dogs: Calming Signals**. 2. ed. London: Dogwise, 2006.

SANTOS, A. R. O.; SILVA, C. J. Os projetos de terapia assistida com animais no estado de São Paulo. **Revista SBPH**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 136-146, jan./jul. 2016.

SAPIN, C. F. *Pet Terapia: A Terapia do Afeto*. In: SALÃO INTERNACIONAL DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO – SIEPE, 10., 2018. **Anais [...]**. Santana do Livramento: Universidade Federal do Pampa, 2018.

SCHIMITZ, A. *et al.* Animal-assisted therapy at a University Centre for Palliative Medicine: a qualitative content analysis of patient records. **BMC Palliative Care**, v. 16, n. 1, p. 50, out. 2017.

SHELDRAKE, R. **Cães sabem quando seus donos estão chegando**: pesquisas científicas explicam os surpreendentes de nossos animais de estimação. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

SILVEIRA, N. **Imagens do inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 2015.

SOARES, N. V. *et al.* Sentimentos, expectativas e adaptação de idosos internados em instituição de longa permanência. **Revista Mineira de Enfermagem**, v. 22, e-1124, p. 1-7, 2018.

SOUZA, D. M.; MENDONÇA, A. M. C. Novas configurações de residenciais para adultos maduros ou terceira idade ativa. In: SITTART, S. (org.). **Um olhar da psicologia para a terceira idade**. Porto Alegre: Secco, 2018. p. 133-136.

SOUZA, M. B. S. Cuidados ao final da vida: até onde investir? In: ARGIMON, I. I. L.; ESTEVES, C. S.; WENDT, G. W. **Ciclo vital**: perspectivas contemporâneas em avaliação e intervenção. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015. p. 245-252.

SOUZA M. B. S.; ARGIMON, I. I. L. Articulando o cuidar com o afeto: um atendimento às necessidades de vida diária da pessoa idosa. In: LIRA, G. A.; PEDROSA, I. L. **Geriatría e gerontología**: abordagens em diferentes contextos. João Pessoa: Editora da UFPB, 2017. p. 71-76.

VACCARI, A. M. H, ALMEIDA F. A. A importância da visita de animais de estimação na recuperação de crianças hospitalizadas. **Einstein**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 111-116, 2007.

VANFLEET, R; FAA-THOMPSON, T. **Animal Assisted Play Therapy**. Sarasota: Professional Resources Press, 2017.

VASCONCELOS, A. S. O bem-estar do animal coterapeuta. In: OTTA, E.; CHELLINI, M. O. M. **Terapia assistida com animais**. Barueri: Manole, 2016. p. 149-175.

WYNNE, C. D. L. What are Animals? Why Anthropomorphism is Still Not a Scientific Approach to Behavior. **Comparative Cognition & Behavior Reviews**, v. 2, n. 1, p. 125-135, 2007.

APÊNDICE 1 – CARTA DE AUTORIZAÇÃO PARA A INSTITUIÇÃO
CARTA DE ANUÊNCIA

Declaramos para os devidos fins, que aceitamos que a pesquisadora KARINA LAUX SCHUTZ, desenvolva seu projeto de pesquisa **ATIVIDADES ASSISTIDAS COM ANIMAIS: RELAÇÃO HOMEM-ANIMAL EM INSTITUIÇÕES DE LONGA PERMANÊNCIA DE IDOSOS (ILPIs)**, que está sob a coordenação/orientação do Prof. Dr. Newton Luiz Terra, cujo objetivo é identificar a percepção sobre as atividades assistidas com animais em idosos residentes de ILPIs, contrastando com os proprietários e os relatos da pesquisadora, no Residencial Geriátrico

Esta autorização está condicionada ao cumprimento, pelo (a) pesquisador (a), dos requisitos das Resoluções do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares, comprometendo-se em utilizar os dados pessoais dos participantes da pesquisa exclusivamente para os fins científicos, mantendo o sigilo e garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades.

Ciente dos objetivos, métodos e técnicas que serão utilizados nessa pesquisa, concordo em fornecer os subsídios que estiverem ao meu alcance, e que sejam necessários para seu desenvolvimento, desde que seja assegurado o que segue:

- 1) O cumprimento das determinações éticas da Resolução CNS N° 466/2012;
- 2) A garantia de solicitar e receber esclarecimentos antes, durante e depois do desenvolvimento da pesquisa;
- 3) Que não haverá nenhuma despesa para esta instituição que seja decorrente da participação nessa pesquisa;
- 4) No caso do não cumprimento dos itens acima, a liberdade de retirar minha anuência a qualquer momento da pesquisa sem penalização alguma.

Antes de iniciar a coleta de dados o/a pesquisador/a deverá apresentar a esta Instituição o Parecer Consubstanciado devidamente aprovado, emitido pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS, credenciado ao Sistema CEP/CONEP.

Local, em ____/____/_____.

Nome/assinatura e **carimbo** do responsável onde a pesquisa será realizada

APÊNDICE 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Nós, **Newton Luis Terra** e **Karina Laux Schutz**, responsáveis pela pesquisa **ATIVIDADES ASSISTIDAS COM ANIMAIS: RELAÇÃO HOMEM-ANIMAL EM INSTITUIÇÕES DE LONGA PERMANÊNCIA DE IDOSOS (ILPIs)**, estamos fazendo um convite para você participar como voluntário nesse estudo.

Esta pesquisa pretende identificar os efeitos das atividades assistidas com animais(AAA) em idosos residentes de ILPIs.

Acreditamos que ela seja importante porque cada vez mais as ILPIs estão incluindo sessões de Pet Terapia por acreditarem que a presença de um animal é benéfica ao idoso. Porém, pouco se tem pesquisado sobre esses efeitos.

Para sua realização será feito o seguinte: Serão explicados os procedimentos e objetivos do estudo aos participantes, será solicitado o aceite para participar da pesquisa, com a leitura e a assinatura deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pelo idoso. Após o aceite, o idoso realizará o Mini-Exame do Estado Mental (MEEM), o questionário Sociodemográfico e a entrevista semiestruturada. Os sujeitos convidados a fazer parte deste estudo serão atendidos em uma sala preparada na ILPI.

Sua participação consiste em responder ao questionário Mini Mental, responder ao questionário sociodemográfico, responder a entrevista semiestruturada e participar das intervenções.

É possível que aconteçam os seguintes desconfortos ou riscos: durante a aplicação da pesquisa existe o risco mínimo de constrangimento ao responder o questionário sociodemográfico e responder as perguntas da entrevista semiestruturada.

Você tem o direito de pedir uma indenização por qualquer dano que resulte da sua participação no estudo.

Os benefícios que esperamos como estudo são: identificar os efeitos das AAAs dentro das ILPIs. Acredita-se que as atividades com animais, quando previamente estruturadas e os animais adequadamente preparados, proporcionem bem-estar e despertem boas lembranças nos idosos.

Durante todo o período da pesquisa você tem o direito de esclarecer qualquer dúvida ou pedir qualquer outro esclarecimento, bastando para isso entrar em contato, com KARINA LAUX SCHUTZ - PUCRS (Pesquisadora principal) pelo telefone (51) 982045238 e NEWTON TERRA - PUCRS (orientador) pelo telefone 99714.52.84. Com eles você pode manter contato pelos telefones a qualquer hora.

Em caso de algum problema relacionado com a pesquisa você terá direito à assistência gratuita que será prestada conforme sua necessidade.

Você tem garantido o seu direito de não aceitar participar ou de retirar sua permissão, a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo ou retaliação, pela sua decisão.

As informações desta pesquisa serão confidenciais, e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos participantes, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação.

Caso você tenha qualquer dúvida quanto aos seus direitos como participante de pesquisa, entre em contato com Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (CEP-PUCRS) em (51) 33203345, Av. Ipiranga, 6681/prédio 50 sala 703, CEP: 90619-900, Bairro Partenon, Porto Alegre – RS, e-mail: cep@pucrs.br, de segunda a sexta-feira das 8h às 12h e das 13h30 às 17h. O Comitê de Ética é um órgão independente constituído de profissionais das diferentes áreas do conhecimento e membros da comunidade. Sua responsabilidade é garantir a proteção dos direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes por meio da revisão e da aprovação do estudo, entre outras ações.

Ao assinar este termo de consentimento, você não abre mão de nenhum direito legal que teria de outra forma.

Não assine este termo de consentimento a menos que tenha tido a oportunidade de fazer perguntas e tenha recebido respostas satisfatórias para todas as suas dúvidas.

Se você concordar em participar deste estudo, você rubricará todas as páginas e assinará e datará duas vias originais deste termo de consentimento. Você receberá uma das vias para seus registros e a outra será arquivada pelo responsável pelo estudo.

Será também utilizada imagens caso necessário.

Eu, _____,
após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e de ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado, ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade e esclarecimentos sempre que desejar.

Diante do exposto expressei minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo.

—
Assinatura do participante da pesquisa ou de seu representante legal

—
Assinatura de uma testemunha

DECLARAÇÃO DO PROFISSIONAL QUE OBTIVE O CONSENTIMENTO

Expliquei integralmente este estudo clínico ao participante ou ao seu cuidador. Na minha opinião e na opinião do participante e do cuidador, houve acesso suficiente às informações, incluindo riscos e benefícios, para que uma decisão consciente seja tomada.

Data: _____

Assinatura do Investigador

Nome do Investigador (letras de forma)

APÊNDICE 3 – QUESTIONÁRIO SÓCIODEMOGRÁFICO IDOSO**QUESTIONÁRIO SÓCIODEMOGRÁFICO****1. Idade:****2. Sexo:** Feminino Masculino**3. Estado Civil:** Solteiro Casado Viúvo Divorciado/Separado
 União Estável**4. Qual residencial geriátrico que reside?****5. Escolaridade:** Analfabeto
 Primário completo ou até 4ª série do Ensino Fundamental
 1º grau ou Ensino Fundamental/ginásial completo
 2º grau ou Ensino Médio
 Ensino Superior
 Pós-Graduação**6. Profissão:****7. Quanto tempo reside na instituição?**

APÊNDICE 4 – QUESTIONÁRIO DE APROXIMAÇÃO E ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM O IDOSO

1. Desde o seu nascimento até o presente momento, você teve ou tem algum animal de estimação?

Não Sim, quantos:

2. Quais são esses animais?

Cachorro Gato Pássaro

Peixe Coelho Animais de grande porte (cavalo, por exemplo)

Outro(s), qual(is):

3. Se não, gostaria de ter tido algum animal de estimação?

Sim Não

4. Onde o(s) animal(is) ficavam na sua casa?

Dentro de casa Fora de casa Corrente/gaiola Livre pela casa

5. Como você define sua relação os seus animais antes de virem morar aqui?

Péssima Ruim Regular Boa Ótima

6. Quando eu falo Pet Terapia, quais as emoções/sentimentos que lhe vem à mente? Coloque em ordem de importância:

7. Como você define sua relação com os animais depois de conhecer os animais da Pet Terapia?

Péssima Ruim Regular Boa Ótima Excelente

8. Você acha que a presença do animal no residencial é:

Nem um pouco importante Pouco importante

Importante Muito importante

9. Por que você acredita que exista esse tipo de atividade (Pet Terapia)?

10. O que você acha das atividades com animais que são feitas aqui?

11. Como você se sente ao estar em contato com esses animais?

12. Dentre os animais que participam das AAAs, qual você tem preferência? Por quê?

13. Faça uma apreciação da importância da sua relação com os animais antes e depois de vir morar aqui nessa instituição.

a. Como era a sua relação com os animais antes de vir morar aqui?

b. Como é a sua relação com os animais que participam das atividades aqui no residencial?

14. Gostaria contribuir com algo mais?

ANEXO 1 – MINIEXAME DO ESTADO MENTAL

MINI EXAME DO ESTADO MENTAL

Orientação Temporal Espacial – questão 2.a até 2.j pontuando 1 para cada resposta correta, máximo de 10 pontos.

Registros – questão 3.1 até 3.d pontuação máxima de 3 pontos.

Atenção e cálculo – questão 4.1 até 4.f pontuação máxima 5 pontos.

Lembrança ou memória de evocação – 5.a até 5.d pontuação máxima 3 pontos.

Linguagem – questão 5 até questão 10, pontuação máxima 9 pontos.

Identificação do cliente

Nome: _____

Data de nascimento/idade: _____ Sexo: _____

Escolaridade: Analfabeto () 0 à 3 anos () 4 à 8 anos () mais de 8 anos ()

Avaliação em: ____/____/____ Avaliador: _____.

Pontuações máximas	Pontuações máximas
<p>Orientação Temporal Espacial</p> <p>1. Qual é o (a) Dia da semana? _____ 1 Dia do mês? _____ 1 Mês? _____ 1 Ano? _____ 1 Hora aproximada? _____ 1</p> <p>2. Onde estamos?</p> <p>Local? _____ 1 Instituição (casa, rua)? _____ 1 Bairro? _____ 1 Cidade? _____ 1 Estado? _____ 1</p>	<p>Linguagem</p> <p>5. Aponte para um lápis e um relógio. Faça o paciente dizer o nome desses objetos conforme você os aponta _____ 2</p> <p>6. Faça o paciente. Repetir “nem aqui, nem ali, nem lá”. _____ 1</p> <p>7. Faça o paciente seguir o comando de 3 estágios. “Pegue o papel com a mão direita. Dobre o papel ao meio. Coloque o papel na mesa”. _____ 3</p> <p>8. Faça o paciente ler e obedecer ao seguinte: FECHE OS OLHOS. _____ 1</p> <p>09. Faça o paciente escrever uma frase de sua própria autoria. (A frase deve conter um sujeito e um objeto e fazer sentido). (Ignore erros de ortografia ao marcar o ponto) _____ 1</p>
<p>Registros</p> <p>1. Mencione 3 palavras levando 1 segundo para cada uma. Peça ao paciente para repetir as 3 palavras que você mencionou. Estabeleça um ponto para cada resposta correta. -Vaso, carro, tijolo _____ 3</p>	<p>10. Copie o desenho abaixo. Estabeleça um ponto se todos os lados e ângulos forem preservados e se os lados da interseção formarem um quadrilátero. _____ 1</p>
<p>3. Atenção e cálculo</p> <p>Sete seriado (100-7=93-7=86-7=79-7=72-7=65). Estabeleça um ponto para cada resposta correta. Interrompa a cada cinco respostas. Ou soletrar a palavra MUNDO de trás para frente. _____ 5</p>	<div style="text-align: center;">  </div>
<p>4. Lembranças (memória de evocação)</p> <p>Pergunte o nome das 3 palavras aprendidas na questão 2. Estabeleça um ponto para cada resposta correta. _____ 3</p>	

ANEXO 2 – PARECER SIPESQ PUCRS



SIPESQ

Sistema de Pesquisas da PUCRS

Código SIPESQ: 9320

Porto Alegre, 4 de junho de 2019.

Prezado(a) Pesquisador(a),

A Comissão Científica da ESCOLA DE MEDICINA da PUCRS apreciou e aprovou o Projeto de Pesquisa "ATIVIDADES ASSISTIDAS POR ANIMAIS: RELAÇÃO HOMEM-ANIMAL EM INSTITUIÇÕES DE LONGA PERMANÊNCIA DE IDOSOS (ILPIs)". Este projeto necessita da apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP). Toda a documentação anexa deve ser idêntica à documentação enviada ao CEP, juntamente com o Documento Unificado gerado pelo SIPESQ.

Atenciosamente,

Comissão Científica da ESCOLA DE MEDICINA

ANEXO 3 – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DO RIO GRANDE
DO SUL - PUC/RS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ATIVIDADES ASSISTIDAS POR ANIMAIS:
RELAÇÃO HOMEM-ANIMAL EM INSTITUIÇÕES DE LONGA PERMANÊNCIA DE
IDOSOS (ILPIs)

Pesquisador: Newton Luiz Terra

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 16580819.3.0000.5336

Instituição Proponente: UNIAO BRASILEIRA DE EDUCACAO E ASSISTENCIA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.441.087

Apresentação do Projeto:

O presente trabalho visa identificar os efeitos das atividades assistidas por animais (AAAs) em idosos residentes de instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs). Para tanto, os proprietários das ILPIs responderão a um mini questionário referente aos dados do local, perguntas sobre os idosos (pré-selecionando os sujeitos) e a justificativa da inserção da AAA no local. Será então, feita uma seleção dos residentes que participarão da pesquisa através do Mini-Exame do Estado Mental. Os indivíduos selecionados responderão a um questionário sociodemográfico e em seguida a uma entrevista semiestruturada, elaborada pela pesquisadora com questões envolvendo a apreciação da inserção de animais na instituição; vínculo com os três diferentes tipos de pets: coelho, ave e cachorro; buscando caracterizar os efeitos das atividades assistidas por animais dentro da instituição. Após, será feita um contraste dos relatos da pesquisadora contido nos diários de campo com as apreciações dos idosos e dos proprietários. Esta pesquisa se insere na área de investigação de abordagem qualitativa, complementada quantitativamente.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Identificar a apreciação sobre as atividades assistidas por animais em idosos residentes de ILPIs, contrastando com os proprietários e os relatos da pesquisadora.

Endereço: Av. Ipiranga, 6681, prédio 50, sala 703

Bairro: Partenon

CEP: 90.619-900

UF: RS

Município: PORTO ALEGRE

Telefone: (51)3320-3345

Fax: (51)3320-3345

E-mail: cep@pucls.br

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DO RIO GRANDE
DO SUL - PUC/RS



Continuação do Parecer: 3.441.087

Objetivo Secundário:

Sobre idosos residentes em ILPIs e participantes das AAAs deseja-se:• Descrever a apreciação dos idosos sobre as atividades com os animais dentro das instituições;• Descrever a apreciação dos proprietários sobre as atividades com os animais dentro das instituições;• Descrever os dados sociodemográficos dos participantes.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Durante a aplicação da pesquisa existe o risco mínimo de constrangimento ao responder o questionário sociodemográfico e responder as perguntas da entrevista semiestruturada.

Benefícios:

Buscamos com essa pesquisa identificar os efeitos das AAAs dentro das ILPIs. Acredita-se que as atividades com animais, quando previamente estruturadas e os animais adequadamente preparados, proporcionem bem-estar e despertem boas lembranças nos idosos.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Sem comentário adicionais.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Refazer o TCLE conforme o modelo disponível na página do CEP/PUCRS.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Refazer e adequar o TCLE conforme o modelo disponível na página do CEP/PUCRS.

Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o CEP-PUCRS, de acordo com suas atribuições definidas na Resolução CNS nº 466 de 2012 aguarda a realização das adequações indicadas nos itens: "Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória " e "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações" em um prazo de TRINTA DIAS conforme previsto na Norma Operacional nº 001 de 2013 do CNS onde se lê: Aspectos Operacionais dos CEPs, E) Se o parecer for de pendência, o pesquisador terá o prazo de trinta (30) dias, contados a partir de sua emissão na Plataforma Brasil, para atende-la."

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Endereço: Av. Ipiranga, 6681, prédio 50, sala 703
Bairro: Partenon **CEP:** 90.619-900
UF: RS **Município:** PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3320-3345 **Fax:** (51)3320-3345 **E-mail:** cep@pucrs.br

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DO RIO GRANDE
DO SUL - PUC/RS



Continuação do Parecer: 3.441.087

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1373991.pdf	28/06/2019 09:50:42		Aceito
Outros	Quest_Instituicao.pdf	28/06/2019 09:48:50	Paula Engroff	Aceito
Outros	QUEST_ENTREVISTAS.pdf	28/06/2019 09:46:31	Paula Engroff	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	28/06/2019 09:45:40	Paula Engroff	Aceito
Orçamento	Orcamento.PDF	28/06/2019 09:45:15	Paula Engroff	Aceito
Outros	Curriculo_Lattes.pdf	28/06/2019 09:43:55	Paula Engroff	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_DE_PESQUISA.docx	28/06/2019 09:36:41	Paula Engroff	Aceito
Outros	Doc_Unificado_sipesq.pdf	28/06/2019 09:33:43	Paula Engroff	Aceito
Outros	cartas_anuencia.pdf	28/06/2019 09:29:53	Paula Engroff	Aceito
Outros	carta_encaminhamento.pdf	28/06/2019 09:28:38	Paula Engroff	Aceito
Folha de Rosto	folha_rosto.pdf	27/06/2019 09:46:22	Paula Engroff	Aceito

Situação do Parecer:

Pendente

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PORTO ALEGRE, 05 de Julho de 2019

Assinado por:

**Paulo Vinicius Sporleder de Souza
(Coordenador(a))**

Endereço: Av.Ipiranga, 6681, prédio 50, sala 703

Bairro: Partenon

CEP: 90.619-900

UF: RS

Município: PORTO ALEGRE

Telefone: (51)3320-3345

Fax: (51)3320-3345

E-mail: cep@pucrs.br



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br